

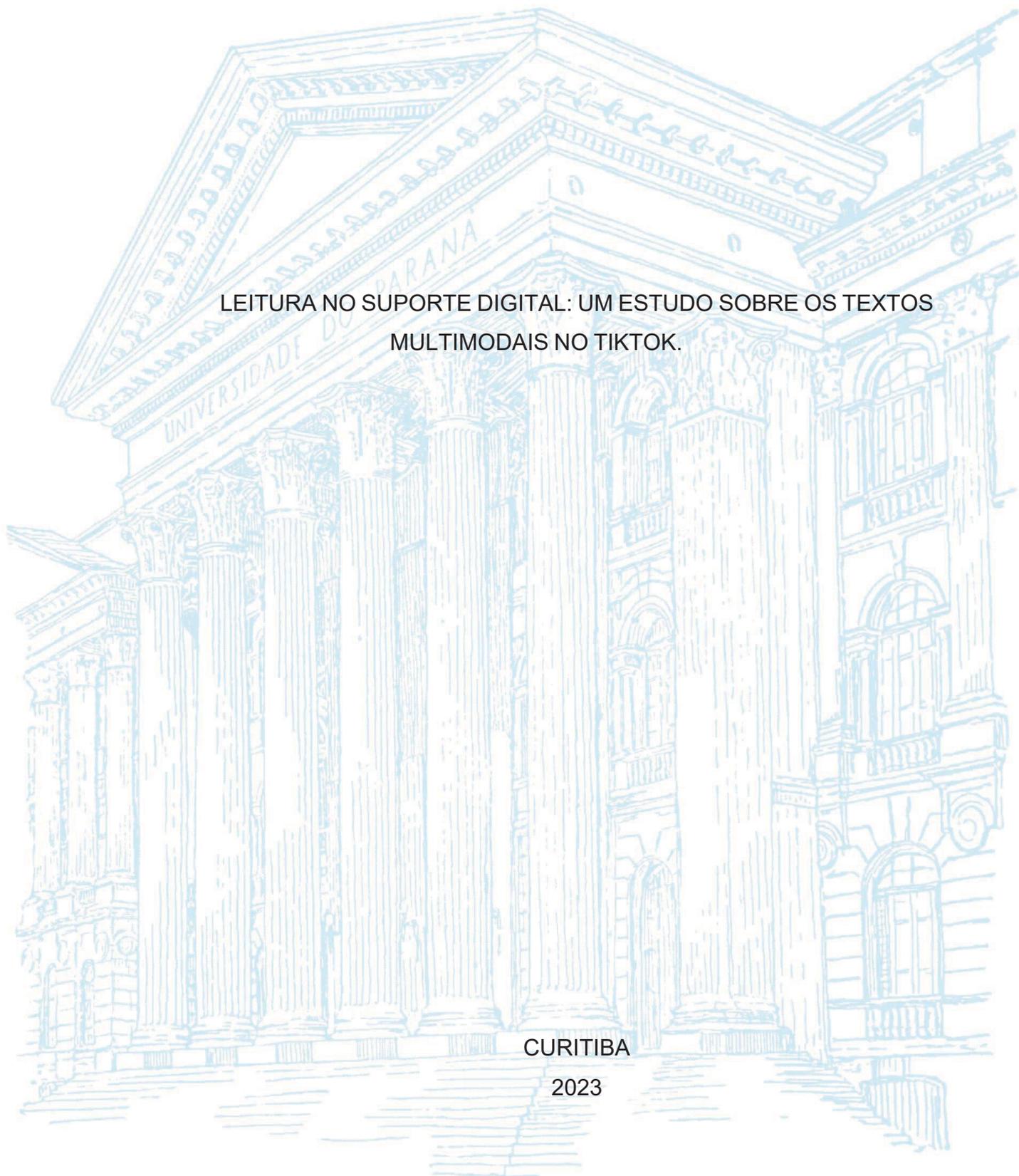
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANNA SEIXAS GRECA

LEITURA NO SUPORTE DIGITAL: UM ESTUDO SOBRE OS TEXTOS
MULTIMODAIS NO TIKTOK.

CURITIBA

2023



MARIANNA SEIXAS GRECA

LEITURA NO SUPORTE DIGITAL: UM ESTUDO SOBRE OS TEXTOS
MULTIMODAIS NO TIKTOK.

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Wachowicz.

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Greca, Marianna Seixas

Leitura no suporte digital : um estudo sobre os textos multimodais no TikTok. / Marianna Seixas Greca. – Curitiba, 2023.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Wachowicz.

1. Leitura. 2. Leitor digital. 3. TikTok (Rede social on-line).
I. Wachowicz, Teresa Cristina, 1966-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARIANNA SEIXAS GRECA** intitulada: **LEITURA NO SUPORTE DIGITAL: UM ESTUDO SOBRE OS TEXTOS MULTIMODAIS NO TIKTOK**, sob orientação da Profa. Dra. TERESA CRISTINA WACHOWICZ, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 13 de Dezembro de 2023.

Assinatura Eletrônica

04/01/2024 16:00:17.0

TERESA CRISTINA WACHOWICZ

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

21/12/2023 09:26:51.0

CRISTIANE PEREIRA COSTA DIAS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica

14/12/2023 12:56:22.0

JULIANA ZEGGIO MARTINEZ

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460, 10º andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5102 - E-mail: pgletras@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015. Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 332947

Ao meu marido, Gabriel,
que aquece a minha vida todos os dias.
Sem você, este projeto de vida não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Ao Gabriel, meu marido e melhor amigo. Por todo o apoio, carinho, dedicação, generosidade e admiração incondicionais nos melhores anos da minha vida e os primeiros do nosso casamento. Obrigada por construir comigo essa vida que é a nossa cara. Te amo.

À minha filha, que nos trouxe para o lugar de iniciantes e aprendizes novamente. Vem pousar em paz, filha.

Aos meus pais, professores Ana Cristina e Cláudio, que de tantas formas investiram na minha educação e nos estímulos que nutriram e potencializaram a semente das Humanas e das Letras em mim. Agradeço por todas as oportunidades de vida e por todos os livros, canetas coloridas e folhas em branco que nunca me foram negados. Obrigada por me mostrarem que uma vida construída nas ciências e no conhecimento não é somente uma escolha profissional viável, mas também a grande fonte de realização para quem nasceu para a sala de aula.

Ao meu querido irmão, Leonardo. Como sua irmã mais velha e protetora nessa vida, que essa vitória seja um exemplo para você de tudo que nós podemos conquistar ao nos apropriarmos exatamente de quem a gente é. Siga seu coração, pois seu imenso potencial, inteligência e carisma te levarão muito mais longe do que você pode imaginar.

E à minha orientadora, Teca, por me ensinar que, antes de mais nada, a gente precisa se apaixonar pelo nosso texto. Como disse Hegel, “nada de grande no mundo é feito sem paixão”. Obrigada, acima de tudo, por não aceitar nada menos do que tudo que eu pudesse oferecer. Espero ter correspondido às suas expectativas.

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!

Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

Cecília Meireles, Romanceiro da inconfidência

RESUMO

Este estudo é uma investigação sobre como os leitores digitais abordam textos multimodais/multissemióticos digitais, considerando parâmetros de leitura, linguagem e cognição de vários teóricos. A pesquisa questionou se aqueles leitores empregam estratégias de leitura específicas diante de textos digitais multimodais e se essas supostas técnicas variam de acordo com gerações, mudanças sociais ou avanços tecnológicos. A hipótese inicial, de que o leitor digital realiza atividades epilinguísticas sem diferenciação cognitiva, sendo a diferença determinada pelo nível de letramento compartilhado pela comunidade, foi confirmada. Os dados selecionados e analisados consistiram em produções e comentários de influenciadores digitais no TikTok, com o instrumento de análise linguístico-discursivo de Machado e Bronckart (2004) e os conceitos de implicatura conversacional (CHIERCHIA, 2003), dialogismo e intertextualidade (BAKHTIN, 2000), princípios das relações entre cognição e leitura (OLSON, 1970 e 2009) e atividades epilinguísticas, representações metalinguísticas, referência e regulação (CULIOLI, 1995). Observou-se que a cognição invariável mobiliza procedimentos de leitura realizados independentemente do suporte textual ou contexto de letramento, incluindo implicaturas conversacionais e intertextualidade. Verificou-se que a diversidade de sistemas representacionais e possibilidades de referência, dentro das regras da língua e operações cognitivas, é que variam. Contrariando a ideia de habilidades inatas em gerações (PRENSKY, 2001) e (SANTAELLA, 2013), constatou-se que tais competências são desenvolvidas em contextos específicos e relacionam-se com a compreensão global do texto. Concluiu-se que, independentemente da idade, os leitores têm as mesmas condições cognitivas para lidar com textos multimodais digitais devido às competências de leitura humanas inerentes, operando dentro dos limites convencionados da língua.

Palavras-chave: Texto Multimodal. Epilinguismo. Leitura. Dialogismo. Leitor Digital.

ABSTRACT

This study investigates how digital readers approach multimodal/multisemiotic texts, considering the parameters of reading, language, and cognition of several theorists. The research questioned whether digital readers employ specific reading strategies when faced with digital multimodal texts and whether these strategies vary according to generations, social changes, or technological advances. The initial hypothesis, that digital readers engage in epilinguistic activities without cognitive differentiation, with differences determined by the level of literacy shared by the community, was confirmed. The selected and analyzed data consisted of productions and comments from digital influencers on TikTok, analyzed using Machado and Bronckart's (2004) linguistic-discursive analysis instrument and the concepts of conversational implicature (CHIERCHIA, 2003), dialogism, and intertextuality (BAKHTIN, 2000), principles of the relationship between cognition and reading (OLSON, 1970 and 2009), and epilinguistic activities, metalinguistic representations, referencing, and regulation (CULIOLI, 1995). It was observed that invariable cognition mobilizes reading procedures performed independently of the textual support or literacy context, including conversational implicatures and intertextuality. It was found that the diversity of representational systems and possibilities of referencing, within the rules of language and cognitive operations, vary. Contrary to the idea of innate skills in generations (PRENSKY, 2001) and (SANTAELLA, 2013), it was found that such competencies are developed in specific contexts and are related to the overall understanding of the text. It was concluded that, regardless of age, readers have the same cognitive abilities to handle multimodal texts due to inherent human reading skills, operating within the conventional limits of language.

Keywords: Multimodal Text. Epilinguistic. Reading. Dialogism. Digital Readers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 LEITURA E MULTILETRAMENTOS	18
1.1 O DIALOGISMO EM DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE A LEITURA, DE BAKHTIN A GOODMAN.....	19
1.2 TRANSFORMAÇÕES NO SUPORTE FÍSICO E IMPACTO NA EXPERIÊNCIA DE LEITURA	25
1.3 A LEITURA DO TEXTO MULTIMODAL/MULTISSEMIÓTICO NA ERA DOS MULTILETRAMENTOS	28
1.3.1 O texto multimodal/multissemiótico e as características da sua leitura	29
1.3.2 Letramento, multiletramentos e o papel da escola nas práticas textuais contemporâneas.....	32
2. LEITURA, COGNIÇÃO E LINGUAGEM	39
2.1 RELAÇÃO ENTRE LEITURA, COGNIÇÃO E LINGUAGEM	40
2.1.1 Rompimento de princípios tradicionais sobre a leitura e escrita.....	42
2.2 EPILINGUISMO: AS OPERAÇÕES COGNITIVAS POR TRÁS DA ENUNCIÇÃO	46
2.2.1 A Teoria das Operações Enunciativas: a cognição por trás da enunciação.....	47
3. ANÁLISE	57
3.1 CRITÉRIOS DE ANÁLISE: DISCURSO, TEXTO E LÍNGUA	59
3.1.1 Características globais dos textos	62
3.1.2 O plano global do texto.....	63
3.1.3 Levantamento do contexto sociointeracional de produção	63
3.1.4 Implicatura conversacional	64
3.1.5 Sobre a análise da intertextualidade e das operações enunciativas	66
3.2 CORPUS DE ANÁLISE	66
3.2.1 Características globais dos textos multimodais digitais no TikTok	70
3.2.2 Maisa Silva: “Cuca da Silva”	75

3.2.3 Larissa Manoela: “Sereia”	80
3.2.4 Luísa Sonza: “Chico Buarque?”	84
3.2.5 Angelo Gabriel: “Língua Brasileira”	87
3.3 PONDERAÇÕES	91
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	97
ANEXO 01 A	103
ANEXO 02 A	105
ANEXO 02 B	106
ANEXO 02 C	107
ANEXO 02 D	108
ANEXO 02 E	109
ANEXO 03 A	110
ANEXO 03 B	111
ANEXO 03 C	112
ANEXO 03 D	113
ANEXO 03 E	114
ANEXO 04 A	115
ANEXO 04 B	116
ANEXO 04 C	117
ANEXO 04 D	118
ANEXO 04 E	119

INTRODUÇÃO

A representação do livro como símbolo de aprendizado, cultura e imaginação é comum em sociedades grafocêntricas. Nesses espaços, a modalidade escrita, guiada por uma gramática erudita padrão, é considerada um verdadeiro patrimônio da humanidade e vista como condição para a formação de culturas civilizadas ao longo da história.

No entanto, entre os vários símbolos que a imagem do livro possa remeter, considero a comparação de Aristóteles a mais adequada a um novo mundo multiletrado, de transformações tecnológicas, sociais e textuais sem precedentes: o livro é um animal vivo.

Entre os muitos sentidos possíveis de serem depreendidos dessas palavras, tomaremos, neste estudo, o livro como uma representação do texto. Dessa forma, apropriando-nos da metáfora de Aristóteles, o texto é uma instância que, tal qual um ser vivo, está sistematicamente sujeita à transformação, adaptação e evolução conforme as mudanças do ambiente em que se encontra e os usos que a sociedade faz dele.

Dada essa complexidade, este “animal”, o texto, não pode ser analisado reduzido somente à sua “fisiologia” ou à sua mera estrutura de códigos escritos. Como um ser vivo, adaptável e cambiante, relaciona-se com os indivíduos e encontra-se historicamente subjugado a práticas sociais. O avanço da tecnologia, as mudanças nas relações humanas, a conjuntura econômica e política e as atualizações midiáticas trazem também novos suportes, novas práticas comunicativas, novos gêneros e, portanto, novas relações com o texto.

Podemos pensar, por exemplo, no aparecimento da prensa móvel, a primeira máquina de impressão, de Johannes Gutenberg, no século 15. Tal invenção viabilizou a distribuição da Bíblia, democratizando o acesso à informação e alterando para sempre as relações entre indivíduos e instituições com o texto.

As transformações continuaram. Ao empreendermos em um salto cronológico, chegaremos ao século 20, quando os avanços tecnológicos não somente viabilizaram o surgimento das TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação), mas também ocasionaram mudanças de estilo de vida e, conseqüentemente, o aparecimento de novas práticas de leitura. Basta observar, já

no século 21, o comportamento das pessoas nos ambientes de trabalho, nas escolas e até no trânsito: a indispensabilidade do uso do aparelho celular, que por meio do texto multimodal/multissemiótico passou a ser um item de gerenciamento da vida moderna. Dessa forma, apreendemos que as relações com o texto veiculado nas telas desses dispositivos móveis impactam a sociedade como um todo, e como trataremos nesta dissertação, especificamente a leitura - e conseqüentemente a educação.

Mas enquanto esse fenômeno ocorre, a conjuntura do sistema educacional - o que não significa responsabilizar diretamente a escola, mas o entorno político e socioeconômico ao qual a docência encontra-se subjugada - de comportamentos e linguagens da atualidade, afirmando que o livro ainda é a única legítima entidade organizadora do conhecimento (CANCLINI, 2008) e negando o potencial de aprendizagem via dispositivos móveis.

Enquanto isso, outros setores da sociedade, como o marketing, a política etc., já utilizam as novas relações com o texto para dialogar diretamente com a sociedade de forma relevante e atraente - não necessariamente ética - para todos os agentes envolvidos. As estratégias publicitárias aumentam a receita das empresas por meio da divulgação de produtos e serviços ao público. A política dialoga com grupos sociais e dissemina informações de acordo com interesses também políticos. Por isso, enquanto o sistema educacional encontra dificuldades na inserção das novas práticas de letramento nas escolas, também a população carece da instituição capaz de apoiá-la na leitura adequada dos textos que circulam em tais meios, prevenindo-se contra as *fake news*, por exemplo.

Antes que o leitor desta pesquisa a entenda como uma tentativa inadequada de comparação ou até transferência de realidades entre segmentos com propostas sociais tão distintas, como o marketing e a educação, é importante contextualizar como surgiu o estudo.

Apesar de o trabalho tratar de uma dissertação para obtenção do título de mestre em Letras, o interesse pelo assunto surgiu antes do ingresso na área. Minha formação acadêmica começou em outra graduação, em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, seguida por uma especialização em Gestão da Criatividade e Inovação, tema relevante para minha profissão naquele momento.

Como Trabalho de Conclusão de Curso na especialização, eu e minha então orientadora, Professora Doutora Suyanne Tolentino de Souza, publicamos o artigo

“Mobile Learning: premissas da construção narrativa na produção de conteúdo multimídia em ebooks para crianças na era da convergência digital” (SOUZA e GRECA, 2017), na revista *Indagatio Didactica* da Universidade de Aveiro, de Portugal.

A ideia inicial foi explorar como princípios fundamentais do marketing digital poderiam ser apropriados pela literatura infantil, tornando-a adaptada à leitura via celular por meio da multimodalidade e interatividade. Mapeamos critérios de análise que poderiam ser utilizados como instrumentos para avaliar a adequação de publicações literárias em aplicativos de celular, conforme técnicas de atratividade do marketing.

Após a especialização, interessei-me cada vez mais pelo ensino e pela vida acadêmica, tendo ministrado cursos na área da comunicação, com foco no texto digital e comportamento dos leitores/consumidores ao interagir com conteúdos nas telas dos celulares. Apesar de considerar que a experiência em comunicação atravessa toda a minha trajetória, decidi adequar o rumo da carreira e fazer uma licenciatura em Letras Português-Inglês, com o intuito de me tornar professora.

Meu trabalho de conclusão de curso em Letras foi escrito durante a pandemia de Covid-19 e consistiu em um estudo sobre os desafios do professor ao ministrar aulas síncronas de inglês em ferramentas digitais, a serem acessadas pelos estudantes em dispositivos móveis. Ao concluir a graduação, ingressei no mestrado com a proposta de aprofundar meus estudos na leitura realizada no suporte celular, dessa vez sob o exame linguístico.

Como um dos resultados das leituras acumuladas em tais vivências profissionais e acadêmicas, observei que o impacto das relações sociais pela tecnologia é tão inequívoco que faz surgir um modo de leitura particular: a realizada nas telas dos dispositivos móveis, especificamente o celular. Tal leitura é mediada por práticas de letramento específicas do ambiente digital.

A relação dos indivíduos que exercem tais práticas de leitura, os leitores digitais, com os aparelhos de celular, suscita uma série de questionamentos em diversas áreas de estudo, desde a psicanálise, a linguística e a educação. No entanto, reconhecida a inviabilidade de contemplar todos os aspectos pertinentes ao tema em uma única dissertação, e contemplando a relevância do estudo para educadores, o recorte de objeto selecionado para o presente estudo é o linguístico, mais especificamente a leitura digital.

O estudo sobre tal modalidade de leitura pretende trazer contribuições, ainda que sob o enfoque linguístico, às discussões relacionadas aos desafios do professor de Língua Portuguesa da Educação Básica.

A relevância da escolha do público leitor se justifica pelo fato de a atuação docente ser confrontada com as novas práticas de texto e relações com a tecnologia por parte dos estudantes adolescentes, a chamada “Geração Z”¹. Apesar de os leitores digitais não serem necessariamente pertencentes à tal geração, entende-se que o estudo da leitura de tais indivíduos contribuirá para a compreensão da relação com o texto dos jovens quando mediada pela tecnologia móvel.

Vale destacar que a elaboração do projeto desta dissertação ocorreu durante a suspensão das aulas presenciais nas escolas brasileiras como medida de contenção da pandemia de Covid-19, em 2020, momento em que a sociedade, em isolamento, observou a adesão compulsória dos professores da Educação Básica e superior às TDICs e a incorporação de textos multimodais digitais na prática pedagógica. Apesar de o desafio de utilização das tecnologias ter sido evidenciado no contexto pandêmico, tais adequações no ensino já estavam e continuam presentes entre as necessidades relacionadas à formação cidadã como um todo. Entre tais adaptações, o estudo salienta os multiletramentos, principalmente os de textos multimodais digitais ou multissemióticos, cuja necessidade é suscitada por dados como o estudo INAF - Indicador de Alfabetismo Funcional -, por exemplo, que aponta para a ineficiência do desenvolvimento das habilidades de leitura no Brasil (RIBEIRO, 2016).

Apesar da existência de projetos que visam melhorias no fluxo escolar na Educação Básica, como o Plano Nacional de Educação, sancionado em 2014, que compreende a integração de tecnologias a propostas pedagógicas (FILIZOLA, 2019), a apropriação de recursos tecnológicos não responde isoladamente às novas demandas trazidas pelo leitor contemporâneo, como aponta Nagamini (2016), professora da USP.

¹ O fotógrafo Robert Capa (1950, apud Marchese, 1995) classificou as gerações economicamente ativas como: Baby Boomers (1945 - 1960); Geração X (1961 - 1980); e Geração Y (1981 - 1994), também conhecidos como “Millennials”. Dunker (2020) categoriza como Geração Z aquela nascida entre 1995 e 2010. São os “nativos digitais”, conforme a caracterização de Prensky (2001), aqueles que cresceram cercados por tecnologia digital, como computadores, videogames, smartphones e a internet. Dunker ainda descreve-os como uma geração que nega as chamadas “gramáticas institucionais” e cujo comportamento é voltado essencialmente ao compartilhamento.

Ainda há a necessidade de desenvolvimento das habilidades de letramento dos textos lidos nos meios digitais, como destacado pela BNCC - Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Em resumo, é preciso haver conhecimento sobre aspectos da leitura digital para adaptação a um contexto de multiletramentos.

Tal estudo não é inédito, mas pesquisas anteriores suscitam algumas questões teóricas problemáticas. Entre elas, a afirmação de que a prática sistemática de determinadas técnicas de leitura de textos multimodais, inseridos nos suportes móveis, seria tão particular que a própria cognição teria sido transformada em gerações mais jovens, como a Z.

Essa tese pode ser logo refutada pela concepção de linguagem dos teóricos cognitivistas, que afirmam que leitura, linguagem e cognição são instâncias intrinsecamente ligadas e a leitura articula procedimentos de fato universais. No entanto, o argumento sobre uma possível transformação na cognição humana ainda persiste entre teóricos.

Mediante tais premissas e a discussão suscitada por elas, surge a pergunta de pesquisa: dados os parâmetros de leitura, linguagem e cognição, como o leitor digital de fato lê?

A hipótese é que, apesar de os elementos multissemióticos do texto digital multimodal mobilizarem o emprego de estratégias de leitura específicas, o leitor digital realiza as atividades epilinguísticas de Culioli (1995) sem qualquer diferenciação cognitiva de outros grupos e o que o distingue é a posse de um nível de letramento compartilhado por uma comunidade.

Para verificação da hipótese, a pesquisa é organizada em três etapas/capítulos.

No primeiro capítulo, o foco está na investigação das estratégias de leitura adotadas pelos leitores digitais diante de textos multimodais digitais e multissemióticos. O objetivo é delinear: (1) a conceituação da leitura e sua natureza dialógica (BAKHTIN, 2000), (ROSENBLATT, 2004), (BRUNER, 1990) e (GOODMAN, 1967); (2) as mudanças estruturais da leitura supostamente geradas pelas transformações no suporte físico do texto (CHARTIER, 2012) e (RIBEIRO e COSCARELLI, 2014); e (3) descrever aspectos da leitura do texto multimodal/multissemiótico no contexto de multiletramentos por meio da caracterização desse textos e pela definição e diferenciação entre letramento,

alfabetização e multiletramentos (ROJO e MOURA, 2019), (COPE & KALANTZIS, 2009) e (STREET, 1984). A articulação é concluída com comentários acerca do sofrimento digital e a identificação de conceitos problemáticos relacionados à leitura e cognição.

No segundo capítulo, fundamentado pelas descobertas do capítulo anterior sobre o letramento compartilhado pela comunidade de leitores digitais, o foco é refutar a percepção de que essa habilidade está ligada ao perfil cognitivo de uma nova geração. O objetivo principal é demonstrar a incongruência dessa premissa ao explorar os conceitos dos cognitivistas, que mostram que a cognição, a leitura e a linguagem são indissociáveis e inalteráveis. Para atingir esse objetivo, a proposta do capítulo é: (1) investigar a relação entre leitura, escrita e cognição, destacando que as práticas de leitura e escrita variam em diferentes atividades sociais, mas não afetam a cognição, conforme descrito por Olson (2009 e 1994). Essa seção também traz a inadequação de aspectos de visões tradicionais sobre leitura e desenvolvimento social; (2) analisar as operações mentais por trás da enunciação, examinando a atividade epilinguística do leitor com base nas teorias de Culioli (1995), com apoio na revisão de Zavaglia (2010) sobre os trabalhos daquele teórico.

Esses fundamentos são cruciais para embasar o último capítulo da pesquisa, que se concentra na observação de dados extraídos da rede social TikTok, selecionada por sua popularidade no Brasil e no mundo. Nessa etapa, apresentamos o método adotado, fundamentado no instrumento de análise linguístico-discursiva de Machado e Bronckart (2004), que se apoia em Maingueneau (2002, Machado e Bronckart, 2004) e apresenta um exame da materialidade linguística somada ao discurso. Tal característica será importante para a compreensão dos textos multimodais digitais estudados, pois, como veremos ao longo da pesquisa, é necessário observar adequadamente elementos extratextuais, como o contexto, para depreender as atividades epilinguísticas e as decisões linguísticas, como o estabelecimento de implicaturas conversacionais, intertextualidade etc. Dessa forma, após a conceituação teórica dos critérios, são analisados os aspectos globais dos textos multimodais; o plano global dos textos; e o levantamento do contexto sociointeracional de produção. Em seguida, iniciamos a análise da materialidade linguística dos dados: as implicaturas conversacionais que são inferidas na leitura; os

intertextos; e as operações enunciativas envolvidas nas produções e leituras dos textos.

1 LEITURA E MULTILETRAMENTOS

Mediante a hipótese de que as condições apresentadas ao leitor digital, o indivíduo que participa das práticas de letramento digital, no texto multimodal/multissemiótico suscitam estratégias de leitura particulares relacionadas a um nível de letramento compartilhado por uma comunidade, e não a um perfil cognitivo diferenciado, estabeleceu-se o recorte e objetivos do primeiro capítulo: **(1)** conceituar leitura e sua essência dialógica; **(2)** caracterizar o texto multimodal/multissemiótico; **(3)** conceituar e diferenciar letramento, alfabetização e multiletramentos; e **(4)** identificar as questões conceituais problemáticas relacionadas a leitura e cognição.

Dessa forma, iniciamos percorrendo uma análise teórica iniciada em possíveis definições de leitura - Bakhtin (2000), Rosenblatt (2004), Bruner (1990) e Goodman (1967) - que demonstram que tal conceito, ainda que careça de uma definição única e precisa, é essencialmente definido pelo dialogismo. Essa característica atravessa qualquer transformação social à qual as práticas textuais possam estar subjugadas, ainda que o suporte físico mobilize mudanças estruturais nas práticas de leitura, como indicado no percurso histórico do suporte de Chartier (2012) e Ribeiro e Coscarelli (2014).

Diante da concordância de que a leitura é inerentemente um local de diálogo e a relação com o texto é um processo em sistemática mudança, temos os alicerces necessários para compreender os multiletramentos, com o apoio das pesquisas de Rojo e Moura (2019), Cope & Kalantzis (2009), Street (1984) e breve passagem pela Base Nacional Curricular Comum (Brasil, 2017). O fenômeno dos multiletramentos confirma a premissa de que a língua é viva e está em constante evolução, suscitando as discussões sobre as práticas educativas relacionadas à alfabetização e a potencial inadequação de tal conceito como é entendido hoje, dando lugar à pedagogia dos multiletramentos na escola. Acrescentamos a reflexão sobre o chamado “sofrimento digital”, que segundo Dunker (2020) é consequência da carência de desenvolvimento, pela escola, de verdadeiras habilidades de multiletramentos. No final do capítulo, discutimos que, apesar da coerência articulada entre as ideias dos autores que

descrevem as habilidades do leitor digital, há uma questão problemática comum entre eles: a afirmação de uma transformação cognitiva entre gerações, refutada no capítulo 2.

1.1 O DIALOGISMO EM DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE A LEITURA, DE BAKHTIN A GOODMAN.

Na busca por uma definição sobre o conceito “leitura”, várias perspectivas de diferentes campos mostraram-se produtivas. Mikhail Bakhtin, Louise Rosenblatt, Jerome Bruner e Kenneth Goodman foram os teóricos selecionados por suas contribuições sobre a natureza interativa e construtiva do processo de leitura, ainda que as abordagens sejam distintas. Os estudos enfatizam a importância da interação e do diálogo entre o leitor e o texto; a construção ativa de significado; a influência do contexto e das perspectivas individuais na leitura; e a ênfase na compreensão global e coerência. Em outras palavras, os autores concordam que a leitura é um processo ativo, interativo e construtivo, em que os leitores constroem significado via interações e negociações com o texto. Tais perspectivas fornecem estruturas para a análise sobre a leitura realizada no contexto digital, tema a ser trabalhado nas próximas etapas.

Mikhail Bakhtin, importante teórico russo do século 20, abordou a questão da leitura em sua obra, embora não tenha fornecido uma definição específica sobre o conceito. Ele desenvolveu conceitos e ideias relacionados ao tema em seu estudo sobre linguagem, literatura e comunicação, cujo desenvolvimento é relevante para a construção teórica deste estudo.

Na obra "Estética da Criação Verbal", Bakhtin aborda a interação entre autor e leitor, a polifonia textual e a importância do contexto sociocultural na interpretação. Esses conceitos contribuem para nosso estudo ao destacarem a natureza dialógica da linguagem, na qual autor e leitor colaboram na criação de significados, e levam em consideração as múltiplas vozes presentes no texto e o contexto em que ele é produzido e recebido.

Como exemplo, tomemos a utilização da frase “viva o SUS”, em um hipotético post em uma rede social. O texto mobiliza diferentes sentidos a depender de quem está escrevendo e em que contexto - como um influenciador que apoia ou

ironiza/desqualifica os esforços do sistema de saúde durante a pandemia de Covid-19. Em uma época anterior, o emprego de tal frase provavelmente não estaria associado a algum posicionamento político do autor. Tais sentidos são negociados com seus leitores, que calculam o sentido proposto conforme os elementos disponíveis na enunciação, tornando-o dialógico.

Ao enfatizar a natureza dialógica da linguagem, Bakhtin destacou a importância do contexto social e histórico na compreensão da comunicação verbal, como observado no exemplo. O autor afirmou que a linguagem é inerentemente social e seu significado é moldado por interações sociais e discursivas. Aproveitamos esses conceitos para fundamentar o entendimento sobre a negociação e produção de sentidos na leitura.

Apesar da distância cronológica do livro em relação aos estudos presentes, o teórico é relevante não apenas na linguística e na literatura, mas também na sociologia, na antropologia e na comunicação. Sua abordagem sobre a linguagem e sua ênfase na interação social fornecem a base para os estudos em diversas áreas, como os que veremos no decorrer deste trabalho com os estudos do psicanalista Dunker (2020), que discute fenômenos como o sofrimento digital.

Como a leitura é um processo de diálogo entre os interlocutores, há uma interação ativa no texto, em que o leitor traz sua bagagem cultural, experiências e perspectivas para a interpretação do texto, como é observado nos comentários em resposta aos conteúdos/posts publicados por influenciadores nas redes sociais. A conexão em rede permite que o diálogo entre os agentes, a negociação de sentidos entre os leitores digitais e produtores de conteúdo, seja diretamente observável. Nessas interações, a bagagem do leitor é visível. Como exemplo, um comentário em reação à frase “viva o SUS” pode revelar o grau de concordância ideológica do leitor e seu nível de conhecimento sobre o assunto. Ou seja, um comentário como “não entendi porque tanta gente está elogiando o SUS ultimamente” revela que o comentarista não estava acompanhando as discussões políticas acerca do sistema de saúde no contexto da pandemia de Covid-19.

Tal exemplo também demonstra a afirmação de Bakhtin de que a leitura é uma atividade criativa, na qual o leitor negocia o significado com o autor e o contexto cultural mais amplo.

Bakhtin também enfatizou a importância da polifonia na leitura. Ele argumentou que um texto é composto por múltiplas vozes, perspectivas e referências diretas ou indiretas a outros, cabendo ao leitor reconhecer e interpretar essas vozes em conflito. Essa abordagem destaca a diversidade de interpretações possíveis e enfatiza a responsabilidade daquele sujeito na construção do significado. Reaproveitando o exemplo mencionado, a utilização da frase “viva o SUS” em um post em rede social mobiliza a voz de grupos sociais que buscavam a valorização do sistema de saúde brasileiro em resposta a falas políticas de descredibilização da ciência na pandemia. Em outras palavras, “viva o SUS” é um exemplo de emprego de outras vozes além daquela do autor, cujo sentido proposto será negociado com o leitor no seu processo interpretativo.

Portanto, embora Bakhtin não tenha fornecido uma definição única de leitura, suas ideias destacam o caráter ativo e interativo desse processo e servem como fundamento para as tentativas de conceituação. Em síntese, a leitura é um diálogo entre o texto, o leitor e o contexto cultural no qual múltiplas vozes são reconhecidas e interpretadas.

A relevância contínua de Bakhtin se deve à sua abordagem inovadora e interdisciplinar da linguagem. Suas ideias continuam a ser exploradas e aplicadas em várias disciplinas, oferecendo esclarecimentos valiosos para a compreensão da linguagem, da literatura e da comunicação humana.

O caráter dialógico da leitura descrito por Bakhtin é verificado por diferentes autores de abordagens distintas, mas com a premissa comum de que o texto é um lugar de interação por excelência, pois envolve um diálogo com o leitor que, motivado pela estrutura linguística, interpreta e responde ao conteúdo apresentado com base em suas perspectivas, experiências e leituras prévias de outros textos.

Louise Rosenblatt, apesar do foco literário, é uma das autoras que contribui para a sustentação do conceito de que a leitura é dialógica. Ela é uma figura central no campo da teoria da leitura, definindo-a como um processo transacional, principalmente em sua obra seminal "The Reader, the Text, the Poem: The Transactional Theory of Literary Work" (1978). Nesse livro, Rosenblatt explora a natureza interativa da leitura, enfatizando a relação dinâmica entre o leitor, o texto e, no caso, o poema. Para demonstrarmos a teoria transacional proposta, vale citar Rosenblatt (2004, p. 1.369) ao dizer: “Cada leitura é uma transação que ocorre entre

o leitor e o texto em um determinado momento e lugar. (...) O sentido não está pronto nem dentro do texto nem dentro do leitor, mas surge durante a transação”.

Em outras palavras, Rosenblatt argumenta que a compreensão da leitura não é um processo passivo de decodificação do texto, mas sim uma interação ativa e subjetiva entre o leitor e o texto. Ela ainda destaca a importância da experiência pessoal de quem lê e seu envolvimento emocional na construção do significado.

Segundo Rosenblatt, o processo de leitura envolve uma transação entre o leitor e o texto, em que o último fornece pistas e estímulos que dialogam com a bagagem de conhecimento do leitor, assim como suas experiências e expectativas, para a interação. Essa transação entre agentes resulta na construção de significado e na experiência estética da leitura.

Podemos imaginar que, ao ler um romance policial, o leitor coleta as informações disponíveis no texto e faz suas próprias hipóteses sobre quem é o personagem criminoso ou não. Nesse contexto, há um diálogo entre leitor e autor, que mutuamente trocam informações que levarão a uma interpretação.

Em um contexto menos literal de troca de pistas, podemos nos situar no campo das redes sociais, em que influenciadores elaboram textos na expectativa de obtenção de concordância de seus leitores sobre as ideias expostas. Ao escrever: “Vacinem-se #sqn”, um leitor menos inserido nas práticas de letramento daquela rede não terá o conhecimento necessário para realizar a interpretação adequada. A razão disso é que os dizeres “#sqn” representam a sigla: “só que não”, utilizada para ironizar e contradizer a fala anterior ao seu uso (“vacinem-se”). Dessa forma, o que o autor está dizendo é que acredita que as pessoas não devem se vacinar, certamente em concordância com uma série de movimentos contrários à vacinação, que ganharam voz durante a polarização política da sociedade brasileira em meio à pandemia de Covid-19. Dessa forma, os estímulos e as pistas dados pelo autor (a utilização da sigla “#sqn” e o contexto político do momento da publicação) dão ao leitor as informações necessárias para, em articulação com seu conhecimento prévio, somado à sua experiência de vida e até envolvimento emocional com o tema, realizar a leitura adequada, segundo a teoria transacional de Rosenblatt.

Jerome Bruner² é outro autor que, assim como Bakhtin e Rosenblatt, também argumenta que a leitura é um processo ativo em que os leitores não apenas decodificam as palavras, mas também constroem significados por meio de suas interações com o texto. Ele enfatiza que os leitores trazem suas experiências, conhecimentos prévios e perspectivas, e esses elementos influenciam a forma como interpretam e dão sentido ao texto.

Contribuindo para a afirmação de que o conceito de leitura atravessa diferentes campos, Bruner diz que a construção de significado envolve não apenas a compreensão do texto em um nível superficial, mas também a integração e interpretação de informações, a identificação de padrões, a criação de inferências e a conexão com conhecimentos prévios. Ele destaca que os leitores ativos estão constantemente envolvidos em tal processo.

Embora "Acts of Meaning" seja uma obra abrangente que aborda questões mais amplas relacionadas à cognição humana, Jerome Bruner oferece conhecimentos úteis sobre a construção de significado, destacando a importância da interpretação ativa e da participação do leitor no processo de leitura.

Kenneth Goodman também enfatiza a importância da compreensão global. Em seu livro "Reading: A Psycholinguistic Guessing Game", publicado em 1967, o autor apresenta a teoria do processamento da leitura.

Na obra, Goodman explora a natureza interativa e construtiva da leitura, argumentando que os leitores utilizam pistas visuais, contextuais e linguísticas para processar o texto e construir significado. Ele discute a importância do conhecimento prévio, das inferências e da compreensão global na construção do sentido.

Ao longo do texto, Goodman também destaca a abordagem da leitura como um "jogo de adivinhação psicolinguística", enfatizando que os leitores estão constantemente fazendo suposições e preenchendo lacunas de informações com base em suas experiências e conhecimentos prévios.

Em resumo, Goodman evidencia a importância da compreensão global, que envolve a construção de significado coeso e coerente, e do processamento do texto,

² Jerome Bruner é psicólogo cognitivo e teórico da aprendizagem. Destacou a importância da construção de significado na leitura em várias de suas obras. Em "Acts of Meaning" (1990), Bruner explora como os seres humanos constroem significado e atribuem sentido ao mundo ao seu redor. Embora o livro não seja exclusivamente focado na leitura, o autor discute a importância da linguagem e da interpretação na construção do significado, e isso se aplica ao tema.

que emprega a utilização de diferentes pistas e estratégias para obtenção de sentido. Esses aspectos são fundamentais para uma leitura eficaz e uma compreensão aprofundada do conteúdo.

Embora haja semelhanças nas ideias dos teóricos mencionados, foi observado que cada um deles desenvolveu suas próprias teorias e abordagens específicas sobre leitura. Suas perspectivas são informadas por diferentes tradições teóricas e têm ênfases distintas.

Sobre os pontos de concordância, cabe enumerar os aspectos em comum: **(1) interatividade e diálogo; (2) construção de significado; (3) contextualização e perspectivas individuais; e (4) ênfase na compreensão global e coerência.**

Quanto à questão da **(1) interatividade e diálogo**, os autores enfatizam a interatividade e o diálogo como aspectos fundamentais da leitura. Essa interação é vista como um processo dinâmico em que o leitor interpreta, responde e negocia significados com o texto.

Todos reconhecem que a leitura envolve a **(2) construção ativa de significado**. Os autores enfatizam que os leitores não são receptores passivos de informações, mas sim participantes ativos que constroem significado por meio de suas interações com o texto.

Quanto à **(3) contextualização e perspectivas individuais**, os autores argumentam que os leitores trazem seus próprios conhecimentos, experiências e valores para o texto, o que influencia sua interpretação e compreensão. A leitura é vista como uma atividade situada em um contexto cultural, social e histórico específico.

E em relação à **(4) compreensão global e coerência** de sentido na leitura, afirmam que os leitores devem integrar informações, identificar padrões e fazer inferências para construir uma compreensão abrangente do texto.

A seleção dos quatro autores, de tradições teóricas diferentes, mas cujas perspectivas, ainda que distintas, mostraram-se unívocas em relação a premissas fundamentais da leitura, nos forneceu a base necessária para as próximas etapas. Por meio desses estudos, observamos, no capítulo de análise, como os preceitos estabelecidos por Bakhtin, Rosenblatt, Bruner e Goodman atravessam as atividades entre os interlocutores em um texto, independentemente do suporte ou contexto de

letramento, apoiando nossas análises das atividades dos leitores digitais em textos multimodais digitais.

Dessa forma, com o suporte conceitual que obtivemos diante do contraste entre os teóricos, verificamos nas fases mais avançadas desta dissertação que, conforme enumerado: a troca entre os leitores digitais é a condição principal para a produção de sentidos negociados entre os agentes da comunicação; tais significados não são fixos, são ativamente construídos pelos leitores nas interações com o texto; e produzidos diante de representações individuais e compreensão do contexto. Por isso, a atividade leitora digital corresponde a todos os preceitos descritos pelos autores pesquisados.

1.2 TRANSFORMAÇÕES NO SUPORTE FÍSICO E IMPACTO NA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Ainda que o dialogismo prevaleça, o impacto que as transformações nos suportes exercem sobre as práticas de leitura não pode ser ignorado. Observaremos nesta seção que, historicamente, as mudanças tecnológicas sempre subjugaram o leitor a adaptações, mas é o ápice da desmaterialização do suporte, visto no texto lido digitalmente, que constituiu uma verdadeira mudança estrutural na leitura.

Para compreender a relação entre suporte e experiência de leitura, imaginemos que o mesmo indivíduo, ao ler uma matéria em um portal de notícias online na tela do celular, enquanto aguarda a chegada do ônibus, age de forma diferente quando lê sobre o mesmo assunto no jornal impresso, em casa, em silêncio, sem distrações. Quando interage no celular, na espera pelo transporte, a leitura é fragmentada, interrompida por estímulos externos, como o barulho da rua, mensagens de texto aparecendo na tela etc. O potencial de atenção e concentração consequentemente também é reduzido em comparação com o foco possibilitado ao ler o texto impresso.

Mas isso não significa dizer que a leitura realizada no papel seja necessariamente superior àquela na tela do celular. O suporte e a modalidade atendem aos objetivos do leitor e cabe ao indivíduo selecionar a experiência mais adequada às suas necessidades. Para fazer tal afirmação, também podemos nos apoiar na citação de Chartier (1998):

Mas, todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância. Vemos portanto que, de um lado, há um processo de desmaterialização que cria uma categoria abstrata de valor e validade transcendentais, e que, de outro, há múltiplas experiências que são diretamente ligadas à situação do leitor e ao objeto no qual o texto é lido. (p. 43)

De fato, a experiência tátil do texto proporcionada pelo suporte físico, impresso, é diferente daquela vivida no contato com o texto multimodal/multissemiótico lido em tela, rico em imagens, sons e que ainda pode ser interativo. Apesar das controvérsias e questionamentos sobre o impacto que as práticas de leitura digital têm na sociedade, na língua e até na educação, o que não pode ser contestado é que, historicamente, o texto sempre esteve subjugado a transformações.

Segundo Chartier, o suporte do texto escrito vive, há séculos, um processo contínuo de desmaterialização. A interface, a apresentação material do texto sempre passou por mudanças e, com elas, demandou novas práticas de leitura. Ribeiro e Coscarelli (2014) comparam, por exemplo, o passar dos dedos pelas páginas e a textura e o cheiro do papel com os sons dos dispositivos eletrônicos, a luz proveniente das telas etc. Essas autoras dizem que tudo começou quando o pergaminho enrolado cedeu lugar ao códice de papiro, com uma nova diagramação de texto e novas práticas de leitura.

Chartier nos ajuda a visualizar como tal revolução já trouxe novas práticas. O pergaminho enrolado demanda a utilização de ambas as mãos durante toda a leitura e requer algum apoio plano, como uma mesa, sendo assim menos prático que o códice. Este, quando introduzido, permitiu um maior conforto e conveniência ao leitor, que pôde ler com mais fluidez e menos interrupções geradas por ajustes físicos, como abrir um novo pergaminho. Essa relação corporal com o texto é apontada por Chartier como relevante para a qualidade da leitura. Neste estudo, não entraremos neste mérito para não desvirtuarmos o objetivo da nossa análise.

Outra revolução descrita por Chartier foi a disseminação da prensa de Gutenberg, que constituiu uma das várias modificações do texto e, conseqüentemente, de suas relações. O autor pontua que tal invenção substituiu a

técnica de sistemática cópia à mão, vigente até meados da década de 1450, o que permitiu que os livros pudessem ser impressos e distribuídos em grande escala.

Mas mesmo revoluções distantes do passado também encontraram relutância das instituições, sendo difícil imaginar que o livro, hoje defendido como o suporte legítimo de organização de conhecimento, também tenha encontrado resistência para ser efetivamente aceito e implementado.

Chartier nos ajuda a compreender essas resistências históricas ao afirmar que os escritos copiados à mão perduraram durante vários séculos mesmo após a invenção de Gutenberg. Houve uma desconfiança em relação ao texto impresso, que supostamente desvirtuaria os livros manuscritos ao torná-los bens a serem meramente produzidos mecanicamente para atenderem a interesses comerciais.

Como exemplo das resistências ao texto lido no suporte digital, as próprias autoras Ribeiro e Coscarelli questionam a possível perda de qualidade da leitura quando ocorre em telas. Chartier ainda afirma que ocorre um distanciamento do leitor em relação ao texto, em consequência da perda de uma suposta intimidade com o livro impresso. O autor diz que, apesar de o livro impresso também ter encontrado objeções, ele não representou uma ruptura nas mudanças estruturais de leitura do livro manuscrito, sendo o suporte eletrônico a verdadeira revolução, segundo ele, da “estruturação do texto” (1998, p. 12). Ou seja, ainda que tenha gerado várias transformações, a estrutura textual do impresso permanecia similar à do manuscrito. Para sustentar tal afirmação, Chartier (1998) diz:

Existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. (p. 43)

Podemos então depreender que as ideias de Chartier, Ribeiro e Coscarelli não apenas sustentam, com uma perspectiva histórica, o reconhecimento da legitimidade das mudanças do suporte de leitura, mas também apontam para o impacto substancial e sem precedentes do texto lido em tela sobre a experiência de leitura.

Dessa forma, a tela digital deixa de ser mais um dos muitos processos de desmaterialização do suporte do material escrito. Ao invés de representar uma mera continuidade de uma trajetória observável, o texto multimodal/multissemiótico implica em de fato novas práticas textuais. E se a história servir como referência para o entendimento do presente e potencialmente do futuro, a sociedade ainda demanda uma compreensão sobre tais práticas, para usufruir do seu potencial informativo e de aprendizagem. Os novos letramentos são passos nessa direção, como veremos a seguir.

1.3 A LEITURA DO TEXTO MULTIMODAL/MULTISSEMIÓTICO NA ERA DOS MULTILETRAMENTOS

Vimos que a leitura é intrinsecamente um lugar de diálogo e, portanto, o dialogismo é a característica inalterável do texto. Mas é igualmente regra que a mudança é uma constante no suporte do texto, que sofre alterações conforme a tecnologia e as práticas sociais mudam, como a transferência do livro manuscrito para o impresso. Sempre houve adaptações do suporte escrito - e sempre houve resistências também. Mas observamos que, antes da introdução do texto multimodal/multissemiótico, as mudanças não impactaram estruturalmente a leitura. Foi essa nova modalidade (ou multimodalidade) de texto que suscitou novas reflexões sobre a relação entre ensino e sociedade e a relevância de uma educação orientada pelos multiletramentos, e não somente pela alfabetização e contato com cânones literários na escola. Para entendermos tal processo, iniciamos pelo esclarecimento sobre o texto multimodal/multissemiótico e as mudanças estruturais na leitura incitadas por ele; avançamos para a conceituação e discussão sobre os multiletramentos e como são diferentes e complementares ao letramento tradicional vinculado à alfabetização; e finalizamos com uma problematização sobre novos conceitos decorrentes de tantas novidades, como a redução do leitor digital a uma geração específica e a ideia errônea de que ele possui características cognitivas particulares.

Após a apresentação dessas noções, teremos formado as bases necessárias para: **(1)** compreender que o que diferencia os sujeitos/leitores digitais não é - e nem poderia ser - um novo perfil cognitivo, mas sim o compartilhamento de um determinado

nível de letramento que faz a comunidade interagir com competência por meio do texto; e **(2)** expor, no próximo capítulo, os princípios dos cognitivistas acerca da inseparabilidade e universalidade de leitura, linguagem e cognição, que provam a inadequação da premissa de uma mudança cognitiva mediante a sistemática exposição às práticas de multiletramentos.

1.3.1 O texto multimodal/multissemiótico e as características da sua leitura

A definição sobre o texto multimodal/multissemiótico, palavra-chave deste estudo, é encontrada com detalhes na literatura acerca dos multiletramentos. Nesta pesquisa, a principal descrição adotada é a de Rojo e Barbosa³ (2015). Segundo as autoras, os textos multissemióticos articulam concomitantemente várias modalidades de linguagem, ou seja, múltiplas semioses, sistemas de signos ou símbolos. Em outras palavras, os textos multimodais digitais (como passaremos a chamá-los daqui em diante) são compostos pela língua oral e escrita, corporal, áudio, imagens estáticas e em movimento, e lidos no suporte digital, como a tela do celular.

É relevante destacar que a multimodalidade não acontece somente no suporte digital. Uma matéria em jornal impresso, contendo o texto verbal em harmonia com fotos/imagens ilustrativas, se torna, de fato, multimodal e multissemiótica. Neste estudo, nos propomos a entender o texto multimodal lido no suporte digital, especificamente na tela do aparelho celular, que emprega semioses que não poderiam ocorrer em outro suporte.

Podem contribuir para esse entendimento os apontamentos de Rojo e Barbosa, que afirmam que é o próprio suporte de leitura, a mídia digital - em oposição à impressa -, que viabiliza a multimodalidade aqui analisada:

As modalidades ou semioses que podem comparecer na composição de um texto em um gênero dependem, de certa maneira, das mídias em que esse texto foi produzido circula. Na mídia impressa, só se pode dispor de imagem estática (fotos e ilustrações) e de escrita. Já na mídia digital, todas as modalidades e semioses - língua oral e escrita (verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas), áudio (música e outros

³ Roxane Rojo e Jaqueline Barbosa são conhecidas por seus trabalhos no campo dos estudos dos textos multissemióticos (nomenclatura alternativa a “textos multimodais”, sendo que os termos são utilizados intercambiavelmente), que combinam diferentes modos de comunicação, como imagens, texto escrito, sons e gestos, e sua inserção no estudo é relevante para o contraste com os fundamentos de Bakhtin (2000) e de outros teóricos de semelhante renome.

sons não verbais) e imagens estáticas e em movimento - podem entrar na composição e frequentemente encontram-se hiperlinkadas, ou seja, em hipermídia. (ROJO E BARBOSA, 2015, p. 111)

Dessa forma, parece relevante afirmar que o suporte digital é uma das características constitutivas do texto multimodal analisado neste estudo. Diferentemente de uma matéria de jornal, por exemplo, que pode ser diretamente transferida para um livro didático (impresso ou mesmo digital, o e-book) sem alterações da sua estrutura linear de leitura e sem perdas significativas da negociação de sentidos entre os agentes. Ou seja, ao ler um artigo de jornal apresentado em um livro didático, o leitor/estudante mobiliza as mesmas estratégias de leitura - como a linear - que o leitor/autêntico ou "original" da matéria impressa em jornal. Já o texto multimodal/multissemiótico mobiliza uma leitura adequada somente diante das condições dadas exclusivamente pelo seu próprio suporte.

Ribeiro (2016) contribui para a discussão sobre as competências de leitura no contexto digital:

O caso da visualização de informação é digno de nota, já que se trata de textos fortemente multimodais que lidam não apenas com palavras, desenhos e plantas baixas, por exemplo, mas também com a sutileza das cores, dos pesos, dos tamanhos e de modalidades menos tratadas em muitos trabalhos acadêmicos. As articulações multimodais são fundamentais nesses textos, não menos do que em outros, e, assim como em outros casos, precisam ser notadas e compreendidas pelo leitor. (p. 49)

Diante dessa característica (o suporte digital) dos textos multimodais digitais analisados, retomamos a noção de que a leitura de tais textos exige habilidades únicas de articulação de todas as semioses apresentadas neles. Em outras palavras, não é suficiente interpretar o código escrito dos elementos verbais contidos no texto multimodal, mas o leitor deve sim relacioná-los com a complexidade de linguagens e contextos apresentados. Nossa hipótese neste estudo, cabe lembrar, é de que tal competência não demanda uma nova cognição, mas sim a participação em uma comunidade que compartilha determinados letramentos.

Para caracterizar tal leitura, cabem as contribuições de Braga (2010), que afirma que a leitura realizada no suporte celular é não linear, ou seja, não há um norte central e o leitor é quem estabelece as conexões necessárias para construir sentido mediante o todo. Essa asserção dialoga com a visão de que o sentido do texto é

construído no diálogo, na relação de produção e interpretação entre sujeitos. Braga completa que a organização textual não linear desses textos não difere da leitura de textos acadêmicos, como a indicação de outros autores, convites a outras leituras, notas de rodapé etc. A diferença dos textos multimodais digitais lidos em tela para os tradicionais é que, diferentemente dos últimos, aquelas ligações não são secundárias ao texto principal, mas sim constitutivas da sua estruturação.

Braga ainda descreve outra característica dos textos lidos em tela: a interatividade. Segundo a autora, o computador como mediador da comunicação leva a diferentes formas de interação e produção textual, que pode ocorrer de forma "síncrona ou quase síncrona".

A autora também afirma que a multimodalidade gera a quebra da linearidade textual, o que impacta o potencial informativo dos textos. Para descrever como esse fenômeno ocorre, Braga afirma que, por conta da multimodalidade, o leitor é obrigado a determinar, por conta própria, a ordem de leitura dos diferentes segmentos do texto. Ao leitor também é exigida a escolha do eixo coesivo que proporciona o sentido global do texto. Nesse sentido, os segmentos previamente acessados tornam-se cotextos dos segmentos que serão lidos em seguida.

Outra característica importante do texto multimodal/multissemiótico é que há uma reconfiguração que explicita alguns aspectos próprios do texto, como a complexidade de papéis entre produtores e receptores. Nagamini⁴ (2016) contribui para a discussão ao explicar que, no ambiente digital, há uma indissociabilidade entre ler e escrever e os papéis entre os agentes também é amalgamado, pois todos exercitam a função de produtores e leitores concomitantemente.

Tal relação pode ser observada nos posts de redes sociais produzidos por influenciadores. Esses posts são, inclusive, um exemplo de textos multimodais/multissemióticos digitais lidos na tela do celular. No ambiente das redes sociais, os autores são leitores, e vice-versa. Há um diálogo explícito entre os agentes e a leitura/interpretação realizada pelos leitores sobre o conteúdo dos posts é diretamente exposta na forma de comentários públicos.

⁴ Eliane Nagamini é pesquisadora com enfoque nas linguagens verbais e não verbais, pós-doutoranda em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, na interface Comunicação e Educação nas áreas de Educação, Comunicação e Letras.

O texto multimodal mobiliza, dessa forma, estratégias de leitura de toda a complexidade de semioses e papéis. Essas práticas são compartilhadas por uma comunidade de leitores digitais e estão relacionadas, portanto, a habilidades socialmente adquiridas por esses sujeitos. Cabe a seguir a compreensão sobre o desenvolvimento de tais competências situadas nas práticas de letramentos promovidos pela escola.

1.3.2 Letramento, multiletramentos e o papel da escola nas práticas textuais contemporâneas

A negociação de sentidos entre os agentes envolvidos no texto ocorre organicamente nas práticas textuais nos suportes digitais, como é o exemplo das trocas ocorridas nos ambientes das mídias sociais, em que os autores (que, como vimos, também são leitores e vice-versa) escrevem para um público e obtêm respostas na forma de comentários. Dizemos neste estudo que essa interação é orgânica porque é realizada independentemente da mediação da escola, ou seja, o domínio dos letramentos empregados nas redes não se apoia diretamente em práticas vistas na aula de Língua Portuguesa.

Alguns estudiosos descrevem conceitos, como o esclarecimento da diferenciação entre alfabetização e letramento, que auxiliam o ensino a aproximar-se das diversas práticas de texto na sociedade contemporânea.

Alfabetização refere-se ao processo de aprendizado do alfabeto e sua utilização como código de comunicação, incluindo a capacidade de ler, compreender, escrever textos e operar números. Além disso, envolve a interpretação, compreensão, crítica, ressignificação e produção de conhecimento, sendo essencial para a socialização, acesso a bens culturais e participação na vida cidadã da sociedade. Por outro lado, letramento é um conceito mais amplo e recente. Ele se refere à aquisição das práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de diferentes formas. Implica participar ativamente em práticas letradas socialmente relevantes, sejam elas em contextos escolares ou em outros aspectos da vida cotidiana. Os letramentos podem ser variados, influenciados por contextos culturais e sociais, e podem incluir diversas formas de comunicação, como imagens, música, vídeo, texto escrito e oral, entre outras. Portanto, o letramento abrange não apenas a habilidade de ler e

escrever, mas também a compreensão e participação em contextos sociais diversos que envolvem a linguagem escrita e outros modos de comunicação (ROJO E MOURA, 2019).

Desse modo, podemos sintetizar que a alfabetização se concentra na aprendizagem do alfabeto e suas aplicações na comunicação, incluindo leitura, escrita e interpretação crítica de textos. Já o letramento é um conceito mais abrangente, envolvendo práticas sociais de linguagem que vão além do ler e escrever. Letramento implica engajamento ativo em várias linguagens e modalidades, como imagens, música e vídeo, conforme os diferentes contextos sociais.

O conceito de letramento está previsto no currículo escolar. Segundo a BNCC (Brasil, 2017), a abordagem da disciplina de Língua Portuguesa deve ser constituída de experiências voltadas à ampliação dos letramentos, de modo a exercitar a participação crítica e significativa em práticas mediadas pela oralidade, escrita e outras linguagens:

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas. (p. 67)

No entanto, uma ampliação da noção de letramentos também é relevante no ensino: os multiletramentos. Eles são a soma dos diferentes letramentos gerados pelas sociedades globalizadas e a multiplicidade semiótica compreendida pela comunicação que as atravessam (COPE e KALANTZIS, 2009).

Diante disso, já existe uma proposta de ensino em análise. A ressalva é que ela, apesar da sua relevância, não prevê a realidade brasileira, somente a norte-americana. Chama-se pedagogia dos multiletramentos e foi cunhada pelo The New London Group ou Grupo de Nova Londres⁵.

Tal pedagogia, segundo Rojo e Moura, destina-se a prever a variedade de estratégias pedagógicas voltadas ao ensino de multiletramentos. O princípio central é

⁵ O New London Group (traduzido como Grupo de Nova Londres) é um grupo pioneiro de estudiosos da linguagem e educação do qual os pesquisadores Cope e Kalantzis fizeram parte. Em 1994, esses estudiosos se reuniram para discutir as mudanças nas práticas comunicativas e de ensino e observaram o distanciamento entre tais práticas e as de fato ensinadas na escola.

que, à medida que a comunicação evolui, também é modificado o sistema representacional e, portanto, o ensino e o aprendizado de letramento também devem ser transformados, suscitando uma série de práticas recomendadas para a sala de aula, com foco nas práticas de leitura e escrita de textos multimodais/multissemióticos digitais realizadas nas telas dos dispositivos digitais, como o celular.

O nível de letramento que incorpora tais práticas é o letramento digital. Adotamos a definição de Brian Street (1984), que, apesar da distância cronológica, fornece conceitos atemporais. O letramento digital é definido como a capacidade de usar tecnologias digitais de forma crítica e eficaz em contextos sociais específicos e a habilidade de compreender as dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam a tecnologia e seu uso. Isso inclui a capacidade de analisar informações encontradas online, avaliar sua credibilidade e relevância, bem como participar ativamente na criação de conteúdo digital.

Street ainda enfatiza a importância de considerar as práticas de letramento digital dentro de seus contextos culturais e sociais, reconhecendo que diferentes grupos têm diferentes formas de acessar, usar e interpretar tecnologias digitais. Portanto, o letramento digital é mais do que apenas habilidades técnicas, é uma prática cultural que está enraizada em contextos específicos e moldada por diversas influências sociais e culturais.

O letramento digital seria, de acordo com Rojo e Moura, um dos tipos de letramentos que incorporam os multiletramentos contemporâneos e é dessa forma aplicável à pedagogia dos multiletramentos. Entre os outros tipos de letramentos, essa pedagogia também classifica a alfabetização como “letramento tradicional”. Dessa forma, dada a constância da aplicação da pedagogia dos multiletramentos, suscita-se sua adequação à realidade brasileira.

1.3.2.1 Sofrimento digital

O distanciamento entre as práticas pedagógicas e as práticas de texto multimodais não revela somente uma necessidade de adequação do sistema escolar, mas uma sociedade carente por um refinamento da leitura e escrita dos textos no ambiente digital. Para nos debruçarmos sobre tal premissa, nesta subseção

descrevemos as ideias de Dunker sobre o que cunhou “sofrimento digital” (2020, p. 83).

O autor nos auxilia a obter uma compreensão sobre as questões sociais problemáticas oriundas dos multiletramentos, fazendo uso de uma visão histórica e crítica das relações construídas no ambiente digital. Essencialmente, Dunker considera que as verdadeiras habilidades de letramento ainda precisam ser desenvolvidas para atender a uma sistemática dificuldade dos leitores de dialogar com textos contendo ideias contraditórias às suas e, assim, aprimorar seus conhecimentos e evoluir.

Sufrimento digital é, dessa forma, o termo cunhado por Dunker para analisar criticamente as consequências das questões problemáticas relacionadas à chamada vida digital. Entre elas, a mais relevante para o presente estudo seria a dita inaptidão dos leitores digitais - classificados por Dunker como “nativos digitais” - para selecionar e ler adequadamente textos encontrados no suporte digital.

Sob uma perspectiva histórica, a vida digital foi construída em diferentes etapas, progressivamente até inserir-se na vida laboral. As práticas sociais nos meios digitais começaram como uma linguagem que perpassa a comunicação científica e avançou para as interações sociais em rede, até integrar-se à “economia produtiva e consumo” (p. 86). Dunker também destaca o aspecto político e cultural do processo de digitalização, observando os programas de governo vigentes entre 1995 e 2016. Apesar de pontuar que não houve diminuição significativa da desigualdade social, o acesso a bens materiais e simbólicos aumentou, disseminando o acesso à vida digital no Brasil.

O sofrimento começa, segundo Dunker, com um suposto narcisismo no ambiente digital. O indivíduo identifica-se com as ideias de um grupo social e passa a deliberadamente descartar qualquer visão diferente das suas. Isso é explicado por uma projeção no outro, uma identificação de si mesmo, e isso forma alianças no ambiente digital: grupos que defendem pontos de vista em comum compartilhando uma experiência de pertencimento.

Ainda de acordo com o psicanalista, entre as consequências de tais relações estariam um movimento de sistemática resistência social, em que os indivíduos deliberadamente não escutam o que os outros têm a dizer: nem quem concorda com seus pontos de vista - afinal, há a suposição de que aquela fala já é conhecida,

portanto, sua escuta seria desnecessária -, nem com os que discordam - pois no mundo digital o sistema narcisista rejeita ideias opostas.

Dessa forma, Dunker explica que indivíduos que tendem a selecionar textos que somente reafirmam ideias e valores pessoais estão sujeitos a serem sistematicamente impactados apenas por textos dessa mesma natureza, pois as ferramentas tendem a entregar-lhe conteúdos que mais provavelmente serão consumidos, ou seja, o leitor é menos exposto a textos que expõem ideias contrárias às suas. Consequentemente, é levado a crer que somente suas crenças são verdadeiras, confirmando sistematicamente determinados preconceitos e impressões do mundo sem o confronto necessário com visões opostas.

Logo, o autor acredita que o indivíduo é um analfabeto digital, que ensina os algoritmos sobre o que mais lhe interessa e, assim, só confirma suas crenças e preconceitos. Dadas as transformações na leitura e escrita, Dunker afirma que é preciso de fato haver o desenvolvimento das competências necessárias para ler adequadamente nos ambientes digitais, prevenindo os leitores da leitura enviesada, como descrito. Em outras palavras, Dunker defende a urgência pelo refinamento das práticas de leitura e escrita exercidas no contexto digital, suscitando o desenvolvimento de habilidades de letramento adequadas.

1.3.2.2 Nativos digitais e a suposta transformação cognitiva

No campo acadêmico, a discussão sobre os supostos "nativos digitais" tem sido pauta de debates constantes, envolvendo uma gama diversificada de teóricos e concepções. Autores, amplamente reconhecidos e referenciados, como Marc Prensky (2001), Lucia Santaella (2013) e Magda Soares (2002) contribuíram para a formação desse conceito, destacando as habilidades dos leitores digitais relacionadas ao uso de tecnologia, como a fluência em dispositivos digitais, navegação online e colaboração virtual.

Contudo, uma concepção problemática que permeia muitas dessas discussões é a ideia de que os chamados "nativos digitais" possuem uma cognição diferenciada, atribuindo-lhes características únicas devido à sua exposição constante à tecnologia. Essa premissa sugere que uma determinada geração possui uma forma especial de pensar e processar informações. Mediante uma exposição dos estudos

desses teóricos, esclareço que este trabalho não adota tal princípio, à luz das relações entre cognição e leitura segundo cognitivistas, detalhada no capítulo 2.

Começamos apresentando Marc Prensky, um dos principais teóricos acerca do conceito, que popularizou o termo "nativos digitais" e "imigrantes digitais". Em seu artigo "Digital Natives, Digital Immigrants", ele descreve a geração mais jovem como "nativos digitais" que têm habilidades inatas de lidar com dispositivos digitais.

Segundo Prensky, nativos digitais são aqueles que cresceram cercados por tecnologia digital, como computadores, videogames, smartphones e a internet. Eles são fluentes na linguagem digital dos computadores, videogames e da internet desde tenra idade. Para eles, a tecnologia digital é uma parte natural do seu ambiente e a utilizam de forma intuitiva e muitas vezes simultânea, navegando facilmente por diferentes dispositivos e plataformas.

Prensky argumenta que os leitores digitais têm uma maneira única de pensar e processar informações, influenciada por sua exposição constante à tecnologia digital. Ele também contrasta os leitores digitais com os "imigrantes digitais", que são pessoas que cresceram antes da era digital e tiveram que aprender a se adaptar às novas tecnologias, ocasionando alterações nas operações cognitivas:

É muito provável que os cérebros dos nossos estudantes mudaram fisicamente - e são diferentes os nossos - como resultado de como cresceram. Mas sendo isso literalmente verdadeiro ou não, nós podemos dizer com certeza que os padrões de pensamento deles mudaram. (2001, p. 1)⁶

Lucia Santaella⁷ colabora para esse argumento de que houve uma transformação cognitiva, descrevendo diferenças de perfis cunhados pela autora como "cognitivos" entre leitores de gerações diferentes. Segundo a autora, as transformações culturais e tecnológicas, como a prática constante de leitura em aparelhos digitais e a linguagem apresentada nesses dispositivos, acarretaram transformações também na cognição humana.

⁶ Tradução, pela autora da dissertação, da citação do artigo de Prensky. Texto-fonte: "it is very likely that our students' brains have physically changed – and are different from ours – as a result of how they grew up. But whether or not this is literally true, we can say with certainty that their thinking patterns have changed". (PRENSKY, 2001, p.1)

⁷ Lúcia Santaella é pesquisadora das áreas da Semiótica e Comunicação.

Essa preocupação tem me levado a perscrutar os processos de cognição e de performance próprios do jovem usuário das redes, especialmente das redes móveis com as facilidades que trazem para o acesso e a comunicação. Tanto quanto posso ver, o cerne da questão da aprendizagem localiza-se hoje na figura do leitor, no perfil cognitivo do leitor. (2013, p. 282)

Santaella explica que, segundo suas práticas/contextos de letramento, o leitor pode ser classificado em quatro perfis “cognitivos”: contemplativo, movente, imersivo e ubíquo, cada um com seus modelos perceptivo-cognitivos particulares. Apesar de serem resultantes de períodos históricos distintos, os quatro tipos coexistem na contemporaneidade. O denominado “contemplativo” é o leitor do texto impresso, que exige condições de silêncio para ler e segue uma sequência linear de leitura. Ele busca as informações no suporte impresso/físico, cujo conteúdo é imutável e pode ser revisitado infinitamente. Já o leitor chamado “moyente” circula pelas mídias dos grandes centros urbanos, especialmente o jornal, o rádio e a televisão. Ele é condicionado pela sistemática exposição a conteúdos audiovisuais e sua memória é ágil e curta.

O contexto de letramento do leitor “imersivo” é condicionado pelo hábito de consumir conteúdo em telas de computador. Ele emprega estratégias diferentes do leitor contemplativo e movente, pois não estabelece, como os anteriores, a leitura linear. Pelo contrário, pratica com autonomia o estabelecimento da ordem das informações conforme lhe convém, promovendo buscas online e manuseando sua navegação. Santaella descreve então o quarto tipo de leitor, o ubíquo, que surgiu com a rápida aceleração da cibercultura e tecnologias móveis. Segundo a autora, ele é assim denominado porque transita entre as interfaces física e virtual, sem estabelecer fronteiras entre as duas esferas.

A autora explica que o perfil de leitor ubíquo, ou seja, aquele que surgiu de sistemas computacionais ubíquos, possui outras competências em detrimento da reflexão. Entre elas, a capacidade de entender problemas sob múltiplas perspectivas, processar e responder rapidamente a informações e mesclar vários conteúdos culturais e científicos. No entanto, um dos maiores problemas “cognitivos” do leitor ubíquo estaria relacionado à economia da atenção. Esse leitor apresenta uma “cognição” multitarefas. Não há atenção aos detalhes relevantes de um estímulo de cada vez, mas sim um escaneamento complexo de múltiplos estímulos simultâneos.

Segundo o estudo, são habilidades cognitivas híbridas e o desafio das instituições é prever o comportamento dos diferentes perfis concomitantemente.

A problemática tese de que haveria mudanças não apenas sociais, mas também cognitivas não é exclusividade de Prensky e Santaella. A pedagoga e estudiosa sobre letramento no Brasil, Magda Soares, também colabora para essa visão:

Pode-se concluir que a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela. (2002, p. 152)

Soares defende que a leitura na tela mudou significativamente a relação entre o leitor com os textos, com os autores e até mesmo com o conhecimento. Soares estabelece haver mudanças cognitivas, sociais e discursivas nas práticas de leitura e escrita, configurando o que se chamou de letramento digital.

Contrapondo as perspectivas apresentadas, teóricos argumentam que a cognição e a leitura são universais, não estando atreladas a uma geração específica. Diante dessas leituras, podemos resumir que, enquanto autores amplamente referenciados perpetuam a concepção de uma cognição diferenciada para os nativos digitais, perspectivas apoiadas por cognitivistas contradizem noções sobre a cognição e leitura de supostos nativos digitais.

2. LEITURA, COGNIÇÃO E LINGUAGEM

Diante dos fundamentos estabelecidos no capítulo 1, nesta próxima etapa nosso objetivo é fundamentar e estabelecer a incongruência da premissa de que a habilidade de ler textos multimodais digitais está vinculada ao perfil cognitivo de uma nova geração. Para cumprir tal finalidade, pontuamos as ações a serem percorridas: (1) explorar a relação, descrita por Olson (2009 e 1994), entre leitura, escrita e cognição, descrevendo que as práticas de leitura e escrita assumem diferentes formas em várias atividades sociais, porém sem impacto sobre a cognição; (2) descrever as operações mentais por trás da enunciação a partir da análise da atividade epilinguística do leitor por meio de Culioli (1995) e do apoio da resenha de Zavaglia

(2010) sobre Culioli. Tais fundamentos são utilizados para fundamentar a próxima etapa da pesquisa: a análise dos dados.

2.1 RELAÇÃO ENTRE LEITURA, COGNIÇÃO E LINGUAGEM

Para afirmar que as mudanças nas práticas de leitura de fato não impactam - e nem poderiam fazê-lo - a cognição humana, primeiramente precisamos nos apoiar na fundamentação teórica acerca da verdadeira relação entre linguagem, cognição e sociedade, dada por Olson no artigo "Language, Literacy and Mind: The Literacy Hypothesis". O autor buscou estudar como a análise de uma enunciação pode ajudar a entender a conexão entre aqueles aspectos. Tal pesquisa nos interessa porque está diretamente debruçada sobre a ligação entre cognição e práticas de leitura e escrita.

Podemos imaginar, como exemplo, um enunciador (o autor ou autora de um post em uma rede social) que está demonstrando uma receita em um vídeo e decide utilizar a palavra "potinho" ao invés de "tigela" para descrever um acessório de cozinha. Entende-se, por meio da leitura de Olson, que tal decisão semântica⁸ é estabelecida por processos cognitivos apoiados em conhecimentos extralinguísticos, e não por escolhas gramaticais, sintáticas ou mesmo semânticas. O influenciador pode viver em uma região onde culturalmente não se diz "tigela" ou ter escolhido a palavra "potinho" por considerá-la provavelmente a mais adequada e atraente para o público daquela determinada situação comunicativa. De qualquer maneira, sua decisão semântica sobre a palavra vencedora não é pautada por uma estrutura gramatical, mas sim pela cognição daquele sujeito.

Essa noção de que um mesmo objeto, como o referente "pote" (segundo nosso exemplo), pode ser referenciado por uma palavra ("potinho") em detrimento de outra ("tigela") em um ato comunicativo é, de acordo com Olson, insuficientemente descrita pela linguística. O autor propõe então uma teoria da semântica baseada no conhecimento do usuário da língua, sua cognição e a influência das referências percebidas nas decisões semânticas do indivíduo, a chamada "Teoria Cognitiva de Referências".

⁸ "Decisão semântica" é, conforme mencionado no artigo "Language, Literacy and Mind: The Literacy Hypothesis" (OLSON, 2009), a escolha de uma palavra em detrimento de outra em um ato comunicativo por um enunciador.

A crítica de Olson sobre os linguistas é que geralmente focam na explicação dos significados em termos de componentes de outras palavras na língua, em vez de abordar o problema da referência. Essa dificuldade ocorre porque os termos podem corresponder de maneiras diversas a objetos e eventos, e muitos desses referentes não são universalmente compartilhados. Dessa forma, os significados dependem mais dos aspectos referenciais das palavras do que das características gramaticais dos objetos. Além disso, um mesmo referente pode ser expressado por várias palavras. A percepção de um referente é, portanto, um processo cognitivo e não linguístico.

A teoria cognitiva de referência é a resposta de Olson a essa complexidade. Ela busca explicar as relações entre as palavras enunciadas e os referentes com base na cognição e no conhecimento não linguístico dos usuários da língua. Em um texto, a escolha das palavras não é simplesmente baseada em restrições sintáticas ou semânticas estritas, mas sim no conhecimento que o falante tem dos referentes no mundo. Tal compreensão influencia as decisões semânticas, ou seja, interfere na maneira como as palavras se relacionam com os objetos e eventos do mundo real.

Essas afirmações podem indicar que, de fato, as sistemáticas relações com o texto multimodal não poderiam produzir qualquer alteração sobre a cognição. Pelo contrário, é a própria cognição que media os conhecimentos extralinguísticos do usuário da língua e portanto orienta a enunciação - ou práticas de leitura e escrita - no ambiente digital e em qualquer outro suporte ou nível de letramento.

Observemos alguns aspectos da leitura pontuados por Olson que demonstram as asserções descritas acima: (1) Ambiguidade e contexto; (2) Paráfrase e referente pretendido; (3) Anomalias e experiência/imaginação.

(1) **Ambiguidade e contexto:** a ambiguidade em uma sentença ocorre quando há mais de uma alternativa possível para o referente pretendido, dentro do contexto percebido pelo ouvinte. O contexto é crucial para especificar o referente pretendido e ambiguidade não é uma função das regras da língua, mas sim das alternativas percebidas pelo enunciador em relação àquele referente.

Um exemplo que podemos imaginar para a ambiguidade e contexto: o enunciado “vou ao banco” pode significar dois referentes, o móvel onde se senta ou a instituição financeira. O enunciador apoia-se no contexto, e não nas normas da língua,

para ser compreendido, como o fato de provavelmente já ter mencionado anteriormente que precisava sacar dinheiro.

(2) **Paráfrase e referente pretendido:** a paráfrase de uma sentença é outra expressão que especifica o mesmo referente pretendido que a sentença original. A aceitabilidade de uma paráfrase também depende do contexto percebido e das alternativas de referentes consideradas pelo ouvinte.

Exemplo: podemos parafrasear a frase “havia bananas, maçãs e uvas na cesta” como “havia vários tipos de frutas na cesta”.

(3) **Anomalias e experiência/imaginação:** sentenças consideradas anomalias podem ser mais relacionadas à experiência e imaginação do ouvinte do que à incompatibilidade de componentes semânticos. A anomalia depende da capacidade do ouvinte de imaginar um contexto em que a sentença possa especificar um referente pretendido.

A frase “a cortina falou ao telefone” é anômala (CANÇADO, 2018, p. 59), mas poderia fazer sentido conforme o contexto e os conhecimentos prévios, mobilizados por processos cognitivos. Exemplo: uma fábula infantil cujos personagens são objetos vivos.

Em resumo, as decisões semânticas são fundamentadas em conhecimentos prévios adquiridos pelos agentes de um ato comunicativo. Dessa forma, a abordagem proposta sugere que o significado das palavras e a compreensão semântica estão enraizados em processos cognitivos baseados em informações sensoriais e experiências no mundo real, como o contexto extralinguístico, conhecimento do enunciador sobre determinado referente, usos culturais de certas palavras etc.

2.1.1 Rompimento de princípios tradicionais sobre a leitura e escrita

A premissa da Teoria Cognitiva de Referências parece, ao longo das leituras de Olson, uma resistência frente a vários conhecimentos inadequados sobre a relação entre cognição e práticas de letramento, mas ainda assim amplamente aceitos e compartilhados pela sociedade. A questão problemática verificada é o comum entendimento da escrita como condição para o desenvolvimento humano, como se

as práticas de letramento⁹ tivessem impacto sobre a própria cognição. Para lidar com tais questões, esta subseção destina-se a: expor sentidos comuns, como a proposta de Prensky que uma nova geração traria habilidades inatas de leitura de textos multimodais digitais e refutá-los; e explicar o real impacto social do desenvolvimento da leitura e escrita.

Historicamente, a habilidade de ler e escrever é vista como um requisito para a formação de sociedades civilizadas, tidas como superiores por serem regidas por leis escritas, por exemplo. O problema de tal visão é que, além de entender erroneamente que a cognição está subjugada a práticas de letramento e transformações nos meios de comunicação, também são invalidadas culturas que são regidas por outras relações com o texto, como civilizações antigas que não faziam uso do alfabeto. Apesar de a alfabetização ser de fato importante para o desenvolvimento social e, de fato, a leitura e a escrita também atenderem a diferentes contextos e necessidades sociais, Olson defende que não é possível associar tais competências ao desenvolvimento de uma cognição mais ou menos avançada.

Além disso, também alega que, contrariamente ao que aqueles princípios que valorizam de forma desproporcional o sistema escrito, este não possui uma superioridade “cognitiva” em relação à oralidade. Não há inclusive qualquer linha rígida que estabeleça uma divisão clara entre as duas linguagens. Olson afirma que tudo o que pode ser escrito pode ser dito, e vice-versa. Não há uma gramática ou vocabulário exclusivo de um meio, ambos compartilham características similares. De fato, os sistemas de escrita não foram criados para representar a fala. Eles foram desenvolvidos para comunicar informações e não nos fornecem os conceitos e categorias suficientes para analisarmos a oralidade.

O que realmente ocorre é que alguns gêneros especializados tendem a depender mais da escrita. Como exemplo, podemos pensar no discurso acadêmico, que é mais propenso a utilizar a escrita em oposição à fala. Isso ocorre porque, para um estudante de graduação se envolver em disciplinas especializadas, como a Psicologia, é necessário aprender a ler e escrever adequadamente artigos e textos específicos da área.

⁹ O artigo de Olson (2009), escrito em inglês, utiliza o termo “literacy”, que neste trabalho foi traduzido como “letramento” ou “práticas de leitura e escrita”.

A relação entre as habilidades de leitura/escrita e desenvolvimento social é de fato complexa, pois, segundo Olson, embora muitos reformadores sociais tenham defendido que as habilidades de letramento sejam essenciais para a mudança social e desenvolvimento pessoal, outros fatores, como estabilidade política e econômica, são critérios imprescindíveis para a prosperidade e bem-estar geral.

Com efeito, as práticas de leitura e escrita assumem diversas formas conforme as funções e os contextos sociais específicos. As práticas consideradas importantes em um contexto podem não ser tão relevantes em outro. Aproveitando o mesmo exemplo, um acadêmico de Psicologia fará amplo uso do texto escrito na universidade, mas provavelmente não mobilizará as mesmas habilidades de letramento ao relacionar-se com seus parentes em um encontro familiar. Em resumo, as práticas sociais preexistem às textuais e as assimilam conforme suas próprias necessidades.

Outra relação importante entre o impacto das práticas de letramento e o desenvolvimento social é o fato de a enunciação revelar procedimentos cognitivos que articulam conhecimento de mundo dos indivíduos e grupos, culturas, etc. Observamos essa premissa ao ler a asserção de Olson sobre como os grupos sociais alcançam um entendimento mútuo ao interpretar textos e como as leituras individuais se transformam em significados convencionados compartilhados por uma comunidade textual.

O fato de a escrita revelar operações cognitivas pode, dessa forma, levar a algumas concepções errôneas, como a suposta “superioridade cognitiva” em relação a indivíduos não alfabetizados ou mesmo letrados. É evidente que uma fala articulada, que domine a norma-padrão e seja capaz de conectar diferentes áreas de conhecimento e vivências, será enunciada por sujeitos vistos, pela sociedade, como mais inteligentes que outros que não tenham as mesmas práticas letradas. No entanto, o que Olson nos ensina é que é incorreta a atribuição de maior ou menor inteligência mediante a observação de exercício de práticas de letramento socialmente prestigiadas.

Como exemplo, Olson destaca que o uso da linguagem é comumente utilizado como importante para a medição da inteligência, especialmente na infância: a forma como uma criança descreve objetos ou fornece definições é considerada um indicador de habilidades linguísticas e, conseqüentemente, de capacidade intelectual. Em

outras palavras, a competência - que é praticada sistematicamente em atividades de letramento - de definir palavras e prestar atenção aos detalhes linguísticos é considerada, problematicamente, um indicador de habilidade intelectual.

Dito que a leitura e a escrita não modificam a cognição, podemos também observar, com o apoio de Olson, os reais impactos e benefícios decorrentes daquelas práticas.

Exemplos citados por Olson são a capacidade de fornecer definições, o que requer a colocação da palavra no contexto da rede de palavras. Além disso, à medida que são desenvolvidas as habilidades de leitura e escrita, também se desenrola uma crescente conscientização das propriedades da linguagem, incluindo palavras, frases, sílabas, fonemas e relações semânticas como sinônimos e antônimos.

Podemos pensar em uma criança pequena que aprende a palavra “au-au” para se referir a cães. Com o tempo, ela não somente aprende a dizer “cachorro”, mas também a utilizar o substantivo em frases e, por fim, fazer associações mais complexas, como nomear um cão de estimação como “Lobinho”. Para fazer essa criação, a criança observou o campo semântico de “cachorro”, identificou o parentesco com lobos e fez sua escolha linguística mediante tal conhecimento de mundo, que avançou conforme suas experiências.

Aproveitando o exemplo que elaboramos, também pensamos sobre a proposta de Olson sobre uma mudança na ultrapassada visão da “fixidez”¹⁰ do texto. Acreditava-se que textos escritos tinham um significado fixo, mas agora a visão pós-moderna é que o significado de um texto é moldado pelos leitores com base em seus conhecimentos e interesses pessoais. Chierchia (2003) ainda vai complementar, como veremos no capítulo 3, que tal “liberdade” de operações ainda ocorre dentro de certos limites de uso da língua.

“Levar um bolo”, por exemplo, é uma expressão cujo sentido é compreendido de forma literal ou figurada, a depender dos usos de determinados grupos, especialmente etários. O sentido literal, gramatical, pode ser usado quando uma família combina a contribuição de cada um para a ceia de Natal (“a tia vai levar um bolo”). Mas em outra situação, se uma pessoa descreve a experiência de um encontro romântico dizendo “levei um bolo”, dificilmente estará relatando que de fato assou um

¹⁰ O conceito de não fixidez dos significados do texto será evidenciado na análise de dados, que veremos no Capítulo 3.

bolo e o levou para o encontro. O que os ouvintes do grupo apreendem, mediante as regulações que a pessoa articular (como tom de voz triste), o contexto da conversa, conhecimentos prévios de mundo etc. (procedimentos operados pela cognição, inclusive), é que a outra pessoa cancelou ou simplesmente não compareceu ao local combinado (“deu um bolo”).

Para compreendermos com mais detalhes como essas ações de regulação e outros procedimentos enunciativos - mobilizados pela cognição - ocorrem, avançamos para as atividades epilinguísticas descritas por Culioli.

2.2 EPILINGUISTICO: AS OPERAÇÕES COGNITIVAS POR TRÁS DA ENUNCIÇÃO

Como uma tentativa de responder ao questionamento sobre os procedimentos mentais mobilizados na leitura de textos multimodais, e como tais operações podem ser reveladas por meio da análise linguística, cabe um entendimento sobre a atividade epilinguística ou a Teoria das Operações Enunciativas descrita por Culioli (1995) e (2000, apud Zavaglia, 2010). O autor nos ensina que o estudo da atividade cognitiva se dá principalmente por meio da análise linguística da enunciação. Assim como Olson, Culioli mostra que a cognição é o fator que emprega as representações e regulações articuladas pela linguagem nos enunciados, e não o contrário. Os conceitos do autor ainda indicam uma universalidade e inatismo das competências cognitivas nas relações com a linguagem, independentemente da modalidade ou tipo de letramento, contrariamente à ideia de que haveria qualquer diferença cognitiva entre gerações.

Cabe recuperar a premissa referida no primeiro capítulo deste estudo, de que, situado no letramento digital, o leitor é concomitantemente autor/enunciador. Ou seja, realiza atividades tanto de leitura quanto de escrita no ambiente digital. Culioli afirma o mesmo, sem entretanto estar situado em tal ambiente: segundo ele, todo emissor é simultaneamente receptor - e vice-versa. Essa premissa é explicitamente observável nos comentários dos textos multimodais digitais lidos em redes sociais. Em tais espaços, a interpretação do leitor do post é enunciada, linguisticamente externalizada e publicamente manifestada.

De acordo com os pressupostos de Culioli e Olson, podemos nos aproximar das atividades epilinguísticas dos leitores dos textos multimodais digitais mediante a análise daquelas enunciações. Partimos então do princípio de que a leitura de um

texto multimodal pode ser representada não apenas linguística e metalinguisticamente, mas também observada em um nível mental por meio de representações textuais. Cabe a citação de Zavaglia (p. 49) para ilustrar essa ideia: “(...) o texto enunciado está ligado inexoravelmente ao que se quer dizer, ou seja, às representações construídas (...)”.

Para fundamentarmos tal exame, primeiramente partiremos para as conceituações necessárias. A seguir, descrevemos A Teoria das Operações Enunciativas de Culioli e os aspectos das atividades cognitivas por trás da enunciação.

2.2.1 A Teoria das Operações Enunciativas: a cognição por trás da enunciação

A Teoria das Operações Enunciativas de Culioli tem como objeto de análise o enunciado, entendido como o resultado da articulação entre a produção e reconhecimento das formas linguísticas. O filósofo define o enunciado, ou o texto, como a materialização e estabilização, por meio de signos linguísticos, de representações mentais, que são intangíveis, imateriais e que por sua vez representam pensamentos que são naturalmente desordenados, caóticos. Além desses níveis de representação, também são representáveis as operações cognitivas que compõem os enunciados: são as representações metalinguísticas, das quais depreendemos os procedimentos envolvidos na composição do enunciado, ou seja, na ordenação das atividades epilinguísticas.

Dessa forma, Culioli descreve as operações enunciativas como processos de articulação de marcas gramaticais que representam, linguisticamente, as atividades mentais do sujeito. Tais atividades são organizadas em dois processos: construção/produção e reconhecimento/interpretação de formas. O primeiro, de produção de formas, trata-se da representação linguística de conceitos imateriais, abstratos, como as relações entre o conhecimento extralinguístico do enunciador, suas vivências e percepções sobre as formas de objetos e eventos do mundo. Já o segundo processo corresponde ao reconhecimento de formas textuais, que podem ser orais ou escritas. É a articulação entre a produção e o reconhecimento de formas linguísticas que gera o enunciado, entendido como a materialização, por meio de signos, de representações mentais.

Dessa forma, assim como a produção de formas trata-se de um diálogo interno, o reconhecimento delas também constitui uma atividade epilinguística, cujo resultado é a construção de significado do enunciado, que pode ser um material gráfico ou sonoro que será "lido". Em outras palavras, em oposição à visão saussuriana estruturalista, o significado desse material não pode ser meramente transferido entre os agentes: ele é construído e reconstruído na atividade epilinguística.

Entenderemos mais sobre esses conceitos por meio das definições acerca dos procedimentos de enunciação. Culioli organizou-os em, primeiramente, a ativação de um sistema de representações que observa desde a atividade mental até sua representação linguística e metalinguística. Esse grupo de operações é então seguido por outras etapas: referenciação e regulação.

O sistema de representações é classificado em três níveis/categorias: representações mentais (noções), linguísticas e metalinguísticas.

A primeira consiste na formalização de **noções**, instâncias cognitivas que representam propriedades físico-culturais de objetos e experiências vivenciados pelo sujeito no mundo. As noções também são construídas por percepções mediadas pelo conhecimento do indivíduo, a cultura em que está inserido(a) e ainda aspectos afetivos pessoais. Segundo Zavaglia, as noções são representações construídas a partir de experiências vivenciadas no mundo físico-cultural.

Vale reforçar que as noções, apesar de representar aspectos mentais, não são representações linguísticas, são "conteúdo mental"¹¹ (1995, p. 36). Como primeiro nível, condição para a construção de um enunciado, são uma organização, ordenação de pensamentos em busca de uma certa lógica, coerência, mas ainda sem intermediação da língua. Adiantamos que os objetos representados pelas noções só se tornam efetivamente perceptíveis, até certo limite, por meio da (meta)análise linguística da enunciação, como veremos no terceiro nível de representação, o metalinguístico.

A distinção entre noções e linguagem é bastante confusa para os pesquisadores, pois os falantes elaboram suas experiências e observações de mundo

¹¹ Culioli (1995, p. 36) utiliza o termo "thought content", traduzido pela autora desta dissertação como "conteúdo mental". O linguista utiliza aspas para apresentar o termo, indicando que se trata de uma tentativa de se aproximar de uma conceituação, e não uma nomenclatura formal.

por meio das operações permitidas pela língua, sem distinguir as atividades anteriores à enunciação, o epilinguismo. Culioli reconhece essa dificuldade e indica que ela é, de certa forma, compreensível:

Noções, no sentido que tenho falado, são percebidas por meio de palavras, mas não são equivalentes ao sistema lexical de uma dada língua. O problema é procurar por propriedades estáveis, gerais, que sempre serão encontradas (...) nos fenômenos cujo estudo sempre estará situado no contexto de línguas específicas, e portanto sempre observado através de sistemas lexicais. (p. 40)¹²

A segunda categoria representacional da enunciação é a **representação linguística daquelas noções** abstratas do sujeito. Culioli destaca que o enunciado, o texto, é somente uma tentativa de “transcrever” aquilo que pertence à cognição, sendo, por essa razão, uma representação relativamente visível de uma instância inacessível por outro meio senão pela linguagem. Portanto, as noções existentes no nível mental são rastreáveis a partir da representação textual, ou seja, do agenciamento de marcadores linguísticos.

É relevante observar que o nível linguístico de representação, o enunciado/texto, se configura mediante propósitos comunicativos, diferentemente das representações mentais, que não têm tal finalidade. O texto é organizado de forma a viabilizar trocas, ou seja, comunicação, e por isso emprega elementos - linguísticos - estáveis, de maneira a serem compreendidos entre as pessoas.

Visando à comunicação, os enunciados não são uma organização aleatória de signos linguísticos, eles são uma materialização formal, uma elaboração linguística de instâncias imateriais, as noções. O enunciado viabiliza o diálogo, a troca e a construção de ideias, que por sua vez levam a novas abstrações e atividades epilinguísticas.

As representações linguísticas também têm função social. Exemplo: um poeta expressando, em palavras, um sentimento, para então comunicá-lo ao mundo. Para tanto, ele realiza operações cognitivas que o permitirão agenciar marcadores

¹² A citação também foi traduzida diretamente pela autora. A citação-fonte, encontrada em Culioli (1995, p. 40) é: “Notions, in the sense in which I speak of them here, are perceived through words but they are not equivalent to the lexical set of a given language. The problem is to look for stable, general properties that are found, in any case, through the study of phenomena observed always in the context of specific languages and so always through lexical sets.”.

linguísticos que representarão pensamentos abstratos. Em uma faculdade de Letras, os estudantes podem tentar apreender essa subjetividade do autor, os sentidos que ele estava de fato buscando representar linguisticamente. Para isso, farão uma análise metalinguística, em que observarão as escolhas gramaticais que, por sua vez, revelam aspectos mentais, epilinguísticos, conectados a elementos extralinguísticos (como história de vida do poeta, contexto político da escrita do poema etc.). Aqui também se observa o dialogismo exposto por Bakhtin e que pode ocorrer em formas literárias, como pesquisado por Rosenblatt e referenciado no primeiro capítulo deste estudo.

Vale destacar que o enunciado não fornece condições de acesso direto às representações mentais, ainda que elas sejam “traduzidas” por meio da linguagem. A enunciação é uma representação linguística de outra representação, a mental. Dessa maneira, ainda que Culioli afirme que a análise metalinguística do enunciado permita apreender as operações mentais que lhe deram origem, ele destaca que haverá perdas nesse trajeto de transferência de uma representação para outra.

Diante da afirmação de que o enunciado é construído por meio de escolhas linguísticas que objetivam estabilizar relações entre pensamentos, conhecimentos, vivências e outras instâncias abstratas e complexas, cabe relacionar com um recorte sobre as decisões semânticas de Olson. Como mencionado no início deste capítulo, esse autor disse que tais decisões, como a seleção de uma palavra em detrimento de outra - o uso de “potinho” ao invés de “tigela” -, são determinadas por processos cognitivos que mobilizam conhecimentos de mundo e levam a uma determinada enunciação. Com base em tal recorte, percebemos que os estudos de Olson são compatíveis com os de Culioli e aproveitamos essa união quando analisamos em dados, no capítulo de análise, como as representações linguísticas são de fato construídas mediante a leitura de textos multimodais.

Dito que o sujeito realiza escolhas para organizar as noções e representá-las linguisticamente, introduzimos o **nível da metarrepresentação**. Ou seja, a representação da própria representação linguística: a reflexão sobre a construção linguística que compõe a enunciação. Zavaglia explica que a análise da organização das representações textuais constitui o nível metalinguístico de observação das atividades mentais. A metalinguística neste contexto busca dar conta de explicitar as operações cognitivas, o “trajeto” que deu origem ao enunciado, ou seja, de certo

modo, procura depreender os raciocínios - que são complexos e imateriais - que levaram à enunciação.

O nível de representação metalinguístico não se destina a fornecer mais detalhes sobre o que foi dito na enunciação, pois, diferentemente do linguístico, a função da metalinguagem não é comunicativa. Seu papel é outro: dado que o enunciado é somente uma “tradução” das noções, ou seja, há uma assimetria entre a representação cognitiva e as atividades epilinguísticas, a metalinguística tenta se aproximar de uma representação efetiva dessas atividades. Isso ocorre porque recupera os processos cognitivos que permitiram a formulação da enunciação. Para isso, observa as escolhas, as articulações das formas linguísticas, para tentar reformular, materializar, os funcionamentos da linguagem que deram origem ao enunciado.

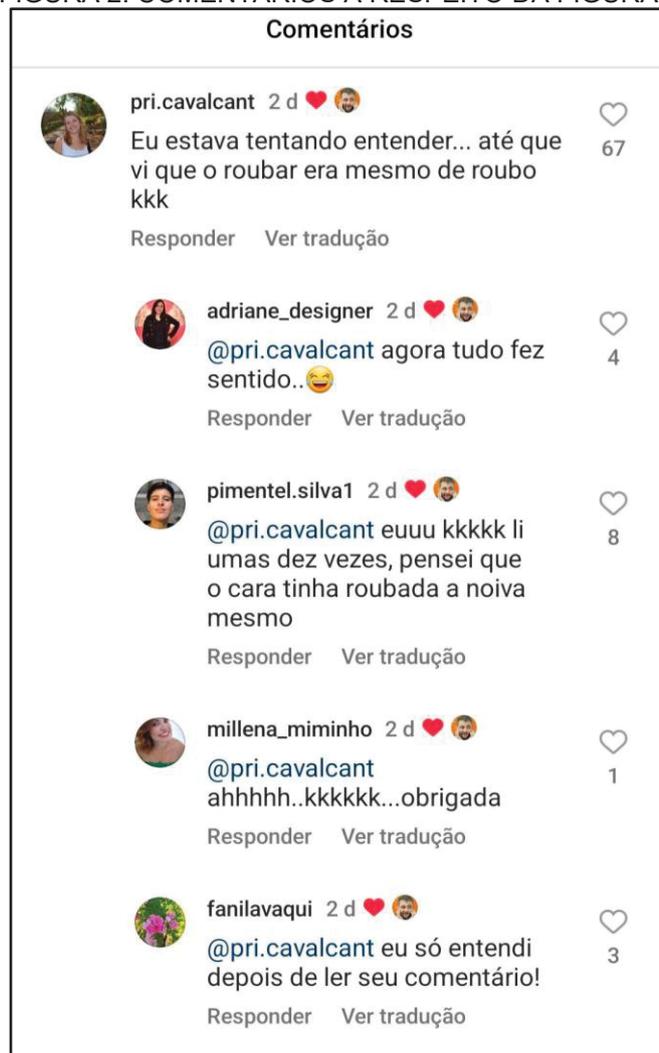
Para observarmos um exemplo da aplicação dos níveis de representação de Culioli, tomemos um post extraído da rede social Instagram, que mostra uma brincadeira entre os leitores. O autor @belli_rafa é um professor conhecido nessa rede por tratar de forma descontraída e irreverente o dia a dia de um docente do Ensino Superior. Nessa produção, Belli mostra um “print”, uma fotografia da tela do celular, contendo uma suposta troca de mensagens entre dois indivíduos:

FIGURA 1: CONVERSA ENTRE DOIS INDIVÍDUOS SOBRE UM “ROUBO”

FONTE: https://instagram.com/@belli_rafa

- 01)
- A. Cara blz? Deixa eu falar
 - B. Meu você rouba a minha noiva e manda mensagem
 - C. É que ela recebeu uma mensagem de uma tal orientadora
 - D. Márcia, você precisa refazer o capítulo 3 e formatar as citações! Urgente
 - E. Nossa ela vai ficar arrasada
 - F. Boa sorte Irmão

FIGURA 2: COMENTÁRIOS A RESPEITO DA FIGURA 1



FONTE: https://instagram.com/@belli_rafa

- 02)
- A. Eu estava tentando entender... até que vi que o roubar era mesmo de roubo kkk
 - B. agora tudo fez sentido...
 - C. euuu kkkkk li umas dez vezes, pensei que o cara tinha roubada a noiva mesmo
 - D. ahhhhh...kkkkkk...obrigada
 - E. eu só entendi depois de ler seu comentário!

Analisaremos as características globais de textos em redes sociais somente no capítulo 3. No momento, nos propomos a fornecer apenas uma “degustação” da análise, sob o ponto de vista do sistema representacional de Culioli. No entanto, já conseguimos observar, na figura 2, posicionada logo abaixo do conteúdo principal que constitui o post (o “print” da tela contendo a conversa), que os comentários dão ao autor acesso explícito à interpretação construída sobre sua enunciação original.

O texto multimodal nos mostra uma conversa entre dois indivíduos: o ladrão e o noivo da mulher que “foi roubada”. Encontramos, em ambas as figuras (1 e 2) todos os níveis de representação de Culioli. Logo no início, na frase (01B), observamos a ambiguidade na fala, pois “ser roubada” pode significar tanto ser o objeto do roubo (ter se envolvido romanticamente com outro sujeito e ter sido “roubada” por ele, cancelando o casamento anterior etc.) quanto possuidora do objeto roubado (dona do celular que foi de fato roubado por um ladrão - que ainda teve o atrevimento de enviar uma mensagem ao noivo da antiga dona do aparelho). Essas informações mobilizam os conhecimentos compartilhados prévios dos leitores - como os estigmas negativos associados à escrita do TCC - e os levam a estabelecer diferentes inferências, que inclusive produzem o efeito de humor: até o ladrão que, independentemente da sua natureza, em (01F) mostra que se solidarizou com a situação de necessidade urgente de reescrita de todo um capítulo.

O duplo sentido de (01B) - “Meu você rouba a minha noiva e manda mensagem” - gera a discussão que percebemos nos comentários subsequentes, na figura 2. Em (02A) - “Eu estava tentando entender... até que vi que o roubar era mesmo de roubo kkk” - percebemos que a leitora Pri Cavalcanti realizou uma verdadeira representação metalinguística de (01B). Ela leu a representação linguística em (01B), acionou seus conhecimentos, afetos, experiências e conseguiu apreender a atividade epilinguística do autor de (01B) também. Ou seja, interpretou, adequadamente, que não foi a noiva o indivíduo “roubado”, mas sim a vítima de um furto, seu celular. No nível metalinguístico, ela faz essa representação, como expressado em (02A). Nos comentários seguintes, também observamos metalinguagem sobre a atividade epilinguística de (01B). Exemplo: (02C) “euuu kkkkk li umas dez vezes, pensei que o cara tinha ‘roubada’ a noiva mesmo”.

Como observado também no exemplo, o processo de reconhecimento/interpretação de formas leva a constantes mal-entendidos entre enunciador e receptor, como destacado por Zavaglia. A autora complementa que a compreensão é um fenômeno raro e as tentativas para atingi-la levam à busca por outras palavras e construções sintáticas, conforme as operações permitidas por cada língua. O sujeito enunciador, no entanto, não reconhece que seu texto (oral ou escrito) pode conter ambiguidades. E, para o leitor/ouvinte, os enunciados serão sempre

ambíguos, pois os marcadores das línguas não são condutores unívocos de significados.

A representação da bandeira do Brasil, por exemplo, se situada em um post de redes sociais durante as eleições presidenciais de 2022, provavelmente designa a preferência do autor/enunciador pelo candidato Jair Bolsonaro. Essa interpretação seria adequada naquele contexto, uma vez que aquele signo, a bandeira e suas cores eram utilizados por eleitores daquele partido em manifestações. No entanto, no mesmo ano, a utilização da imagem da bandeira brasileira passou a ter um novo significado após as eleições, pois em novembro os brasileiros torceram pela seleção brasileira na Copa do Mundo de 2022. O significado é, portanto, negociado e sujeito a ambiguidades.

Ainda explorando este exemplo, podemos pensar que, embora o contexto extralinguístico seja importante para a interpretação adequada da utilização da bandeira do Brasil, a negociação de sentidos está sistematicamente sujeita a equívocos, ou seja, a falta de equivalência entre palavras e conceitos. Tal desencontro requer regulação entre o que é dito e o que é entendido.

Constatamos então a complexidade do caminho percorrido pelo autor de uma enunciação - aqui entendido como autor e leitor -, que manifesta sua interpretação mediante um texto. Tal percurso, como vimos, é um fenômeno observável em comentários de redes sociais.

O processo de representação é seguido pela **referenciação e regulação**. Em uma relação real de enunciação, o interlocutor ativa um sistema de referenciação próprio, para então produzir sentido sobre os elementos que lhe são apresentados. Dessa forma, a referenciação consiste em uma operação de localização: ao leitor cabe a tarefa de associar um elemento apresentado a outros, já conhecidos, para que o significado seja produzido. Essa relação entre elementos nem sempre está explícita no texto, o que resulta em ambiguidades, como no exemplo da figura 1.

Uma vez entendida como uma construção, a referenciação “não pode ter os resultados possíveis de seus mecanismos operacionais preestabelecidos” (ZAVAGLIA, 2010, p. 50). Dessa forma, em uma situação real de enunciação, Zavaglia completa que os interlocutores precisam buscar mais referências para se entenderem, além de localizar os elementos dentro seu sistema referencial.

Esse esforço para eliminar ambiguidades é descrito por Zavaglia como um processo de regulação. Ele compreende a relação intersubjetiva entre noções e marcadores linguísticos. **O enunciador regula, adequa sua representação linguística conforme as supostas representações do enunciatário.**

No texto escrito, no entanto, essa busca por esclarecimentos não ocorre da mesma maneira que a enunciação falada. Dessa maneira, para ser compreendido, o enunciador precisa agenciar marcas linguísticas suficientemente localizáveis no sistema de referência do leitor, sem ter a oportunidade de regular sua enunciação como faria em uma interação direta com o enunciatário. Zavaglia ainda afirma:

Assim, conforme constroem-se referências entre os universos simbólicos dos níveis 1 e 2 e estabelecem-se relações entre as referências construídas, um continuum de construção de referências e de relações sobre relações se delinea dentro de algumas restrições. Essas restrições podem ser entendidas como sendo o próprio processo de regulação. (p. 54)

O autor explora a importância da regulação da atividade linguística por meio de interações com outras pessoas. A troca de informações, a correção e o feedback são elementos fundamentais para o desenvolvimento e aprimoramento dos tipos e para a compreensão compartilhada. Essa interação também revela a natureza intersubjetiva da cognição e da linguagem, mostrando como a construção de significados é influenciada pela cultura, pelas normas sociais e pelos valores compartilhados. O dinamismo e a complexidade dos processos cognitivos e linguísticos indicam a importância, para a comunicação e construção do conhecimento, da comunicação eficiente e da compreensão compartilhada.

Mediante tais premissas e operações, temos condições de observar a materialidade linguística dos textos multimodais/multissemióticos digitais e buscar as atividades mentais que determinam a enunciação.

3. ANÁLISE

Diante dos estudos descritos nos capítulos 1 e 2 desta dissertação, estabelecemos a análise de textos multimodais digitais. A etapa consiste, primeiramente, em uma organização de dados extraídos da rede social e plataforma digital TikTok¹³, voltada ao compartilhamento de vídeos curtos, de 15 ou 60 segundos ou até 3 minutos. A ferramenta permite aos usuários criarem seus conteúdos em vídeo utilizando diversas ferramentas de edição dos vídeos, como textos, imagens, trilhas sonoras, etc.

Cada um dos dados corresponde a uma rede textual, composta por: (1) um post produzido por um criador e (2) uma amostra selecionada de comentários desencadeados por ele. Exemplo: (1) a influenciadora Maisa Silva publicou um post que articula várias semioses e está situado em um contexto social específico. No texto, diz: “vacinem-se(...)” e regula sua enunciação verbal e não verbal de modo a incentivar as pessoas que a leem a se vacinarem. Tal post desencadeia (2) uma sequência de comentários expressados por seus leitores, que manifestam suas opiniões, expressam sentimentos etc.

Compreendida tal organização, mapeamos como foi realizada a análise de cada dado, ou seja, de cada rede textual. O estudo debruça-se inicialmente nos posts e suas propriedades contextuais, segundo critérios extraídos do método linguístico-discursivo de Machado e Bronckart (2004), que se apoiam em procedimentos de Maingueneau (2002, apud Machado e Bronckart, 2004, p.139). Esse estudo nos permitirá descrever adequadamente as características globais de tais textos multimodais digitais produzidos e lidos na rede social TikTok. Em seguida, é observado como o uso de tais propriedades gerais e estabelecidas pela plataforma digital são organizadas na infraestrutura textual da rede discursiva, representada pelo plano textual global, aplicado, dessa vez especificamente, em cada um dos dados. Depois, identificamos com a escolha dos itens de tal plano está relacionada ao contexto sociointeracional das produções textuais multimodais.

Cabe reforçar que, na ordenação dos itens deste capítulo, descrevemos as características globais antes de nos concentrarmos nos dados especificamente. Em outras palavras, as propriedades gerais dos textos multimodais digitais do TikTok

¹³ FELIX, Victor Hugo. **O que é TikTok?** 2023.

serão descritas de modo a formular um modelo - como o uso de fotos e vídeos, por exemplo - que é intrínseco a todos os textos analisados, para então seguirmos para a observação, dessa vez específica, de cada um dos dados, sob os critérios de análise do plano global do texto e levantamento do contexto sociointeracional. A razão de tal decisão se justifica por haver propriedades universais a todos os dados, cuja compreensão integral apoia a descrição aplicada a cada rede textual.

O levantamento de tais informações embasará a sequência da análise dos comentários, ou seja, a segunda parte da rede textual, que são enunciados produzidos mediante a leitura de cada post publicado. Essa fase tratará da compreensão de aspectos estudados em Chierchia (2003), Cançado (2018) e Culioli (1995), ou seja, como ocorreu o estabelecimento de implicaturas conversacionais, intertextualidade e a mobilização do sistema representacional e operações de referenciação e regulação dos sujeitos leitores - que aqui atuam como enunciadores, como fundamentado por Culioli (1995).

Tais leituras demonstraram ser fundadas no dialogismo, como aprendemos com Bakhtin (2000), e também baseadas em relações entre aspectos contextuais e decisões semânticas, mobilizadas pela cognição, como vimos em Olson (2009). Logo, observamos que, por meio da cognição, as percepções dos indivíduos sobre o que leem associado ao ambiente em que vivem, seu conhecimento de mundo, seus pensamentos, experiências prévias, afetos e outros conteúdos mentais dispostos em um complexo emaranhado mental. As noções resultantes desse processo são enfim representadas por escolhas linguísticas, enunciados escritos em comentários nas redes sociais, como veremos. Buscamos entender, assim, quais são as atividades epilinguísticas e como ocorrem os processos de representação, referenciação e regulação dos textos.

A rede social TikTok foi selecionada para ser a fonte de coleta de textos multimodais digitais analisados neste capítulo. A razão da escolha se deve pela popularidade da plataforma digital, que hoje possui mais de 1 bilhão de usuários ativos em todo o mundo (ALVES, 2023), fato que lhe conferiu o 18º lugar no ranking de marcas mais valiosas, segundo a Forbes (LIMA, 2023). O TikTok é a quarta rede social mais utilizada no Brasil, superada somente pelo Instagram, YouTube e Facebook, com a qual a diferença de número de usuários é irrisória (2,5%), tornando-as praticamente empatadas (CÂNDIDO, 2023).

O critério de seleção dos dados partiu, primeiramente, da seleção de influenciadores digitais de grande expressão nessa rede social. Mapeadas essas personalidades, houve uma busca exploratória entre suas produções textuais multimodais, seus posts. Também foram escolhidos comentários dos leitores em resposta direta a tais produções, excluindo aqueles que não se referem diretamente ao conteúdo dos posts (exemplo: comentaristas podem meramente dizer “oi”, sem interagir com o que foi postado, somente para tentar obter alguma atenção do influenciador).

Para selecionarmos os influenciadores, nos baseamos em pesquisas e rankings levantados em sites de entretenimento em geral. O site PaiPee (DEMERIS, 2021) mostra as 45 personalidades com o maior número de seguidores na rede social TikTok até o momento da reportagem. Para nos ajudar a restringir o levantamento, a revista online IstoÉ (DIAS, 2022) realizou um levantamento atualizado em 2022, confirmando nomes indicados na matéria do site PaiPee.

Os influenciadores selecionados, no início da pesquisa, para a análise e seu número de seguidores em 2021, segundo a matéria de Demeris (2021), nas suas respectivas contas da rede social TikTok, foram:

1. Larissa Manoela - 20 milhões de seguidores
2. Maísa - 15,8 milhões de seguidores
3. Luísa Sonza - 10,7 milhões de seguidores

A última personalidade selecionada foi Angelo Gabriel¹⁴, que, apesar de não possuir um alcance tão expressivo quanto das influenciadoras mencionadas, trouxe dados representativos para nossos estudos. O motivo da sua inclusão na análise é que apresenta uma grande diversidade de elementos verbais em interação com o contexto onde está situado, fornecendo riqueza para a observação dos critérios estabelecidos.

3.1 CRITÉRIOS DE ANÁLISE: DISCURSO, TEXTO E LÍNGUA

Nesta seção, apresentamos os critérios de análise e elaboramos conceituações que justificam e fundamentam as aplicações de tais categorias.

¹⁴ GABRIEL, Angelo. **Me empolguei na aula de Sociolinguística**. [@angelopalavra]. 25 set. 2023.

Como adiantamos no início deste capítulo, introduzimos o estudo com base no entendimento das características globais dos textos multimodais digitais no TikTok. Assim temos, segundo a metodologia adotada, as condições necessárias para seguirmos para o exame específico dos textos lidos. Diante dessa compreensão geral, estabelecemos a organização de cada dado coletado, com base nas pesquisas descritas nos capítulos 1, 2 e também eventuais novos estudos que se mostraram necessários no decorrer do capítulo 3. Por isso, primeiramente, pontuamos o primeiro aspecto de contextualização segundo a metodologia adotada: **(1)** a identificação das características globais dos textos multimodais digitais do TikTok; **(2)** na sequência, avançamos para a análise específica dos dados a (não entendi. seria “a partir da”?) descrição do plano global de cada texto; e **(3)** realizamos o levantamento do contexto sociointeracional de produção. Mediante o domínio desses pontos (MACHADO E BRONCKART, 2004), é possível avançar para a observação de: **(4)** possíveis relações de implicatura conversacional (CHIERCHIA, 2003) e (CANÇADO, 2018); e **(5)** intertextualidade. No decorrer das análises, também observamos representações de **(6)** atividade epilinguística, **(7)** metalinguística e **(8)** processos de referência e **(9)** regulação (CULIOLI, 1995). Para facilitar a organização, elaboramos o quadro:

QUADRO 1 - CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE
Critérios de análise de contexto geral e infraestrutura específica da rede textual	(1) Características globais dos textos multimodais do TikTok
	(2) Plano global do texto
	(3) Contexto sociointeracional de produção
Critérios de análise de materialidade linguística	(4) Implicatura conversacional
	(5) Intertextualidade
	(6) Atividade epilinguística
	(7) Representações metalinguísticas
	(8) Processos de referência

	(9) Processos de regulação
--	----------------------------

FONTES: Machado e Bronckart (2004), Chierchia (2003), Cançado (2018) e Culioli (1995).

Os critérios do quadro 1 foram obtidos a partir da metodologia de análise descrita pelos estudiosos da linguística-discursiva Machado e Bronckart (2004) com apoio de Maingueneau (2002, apud Machado e Bronckart, 2004). Eles elaboraram um instrumento aplicável a diferentes contextos e objetivos, viabilizando sua utilização nesta dissertação. A metodologia organizada busca compreender como a prática das pessoas é configurada a partir da rede de discursos proferidos. Em outras palavras, trata do estudo da relação entre textos produzidos e lidos por uma comunidade e a influência sobre as ações dos seus indivíduos. Ao adotarmos tal instrumento para a realidade da nossa análise, partimos da premissa de que a observação da rede textual produzida por leitores e autores¹⁵ fornecerá um entendimento sobre suas ações também, mais especificamente seu comportamento linguístico enquanto sujeito de uma realidade de letramento específica.

É relevante considerar que tal método foi originalmente construído para analisar textos relacionados ao trabalho educacional, como o diário de classe de professores, relatórios preenchidos por eles após aulas, documentos orientadores para colaboradores nas instituições etc. O objetivo do estudo consistiu em compreender o trabalho realizado pelo professor, as representações sociais construídas sobre a ação docente e a relação entre tais instâncias. A premissa é que a análise da rede de textos que configuram o trabalho do professor seria a chave para entender como sua prática docente se configura, assim como suas finalidades e motivações. Como demonstração de como esse processo ocorre, os autores afirmam que, por exemplo, as representações sociais estabelecidas nos textos guiam as ações dos indivíduos.

Para esclarecermos esse princípio, podemos imaginar que uma série de avaliações depreciativas sobre as aulas ministradas por um docente influenciará sua prática dali em diante, fazendo-o adaptar seus métodos e comportamento. Dessa forma, podemos verificar que, segundo os estudos de Machado e Bronckart, discurso e ação concreta estão diretamente relacionados. Segundo Rocha (2002, p. 79-80,

¹⁵ Incorporamos a premissa de Culioli (1995) de que, no ambiente digital, leitores são autores e vice-versa.

apud Machado e Bronckart, 2004), uma situação de trabalho "se configura a partir de toda uma rede de discursos proferidos".

Diante de tal proposta, selecionamos os três aspectos relacionados à análise de contexto, listados no quadro 1 e obtidos daquela metodologia linguístico-discursiva. Entendemos que, por meio da aplicação de critérios de elementos contextuais sobre a rede de textos multimodais digitais lidos nas redes sociais, teremos o embasamento necessário para observar as leituras sob os próximos parâmetros, como as implicaturas conversacionais, por exemplo.

Vamos às conceituações de cada um dos critérios de análise.

3.1.1 Características globais dos textos

As características globais dos textos multimodais digitais selecionados na rede TikTok, como o nome sugere, são comuns a todos os dados que observamos neste capítulo e guiam a organização específica do plano global de cada texto analisado.

Tais propriedades são reconhecidas pelos usuários dessa rede, que inseridos em um contexto de letramento (STREET, 1984) compreendem, por exemplo, que cada post é elaborado por um(a) criador(a), que pode ser um(a) influenciador(a) de grande alcance ou não. Esse conhecimento dos usuários está relacionado a práticas convencionadas entre os membros dessa comunidade de letramento digital, como a familiaridade com aquele ambiente, a habilidade adquirida de ler e escrever textos (multimodais) e a capacidade de produzir sentido com eficiência, ou seja, de forma que os interlocutores tenham condições suficientes para se entenderem.

A análise das características globais dos textos também foi adotada, neste trabalho, como condição para observação da leitura de textos específicos, apoiando a identificação de, por exemplo, relações de implicatura, estabelecimento de intertextualidade, atividades epilinguísticas, representações linguísticas e metalinguísticas etc. Por essa razão, nos debruçamos sobre aquela descrição antes de analisarmos os textos individualmente. Nessa investigação, conforme as orientações de Machado e Bronckart (2004), observam-se aspectos do gênero mobilizado e do tipo de suporte no qual o texto está sendo veiculado e, no caso dos textos lidos originalmente pelos autores ao elaborar o instrumento utilizado, caberia

também a apreciação da capa, título etc. - o que naturalmente não é aplicável neste estudo.

3.1.2 O plano global do texto

Dentro dos modelos descritos pelas características globais dos textos do TikTok, os criadores estabelecem um dos procedimentos de análise de Machado e Bronckart (2004) e Maingueneau (2002, apud Machado e Bronckart, 2004): o plano global das suas enunciações. Exemplo: no modelo do TikTok, o autor deve apresentar uma imagem, elementos verbais dispostos em título e legendas etc. No plano global empreendido pelo enunciador, esse sujeito determina qual será essa imagem, como estará relacionada à enunciação verbal de modo a regular sua enunciação e dialogar com seu leitor para produzir o sentido pretendido.

Logo, por meio da observação do plano global do texto, são revelados os objetivos do autor, assim como o agenciamento dos marcadores linguísticos e não linguísticos, as regulações mobilizadas e o sentido desejado. Dessa forma, a relevância da análise dos comentários é confirmada, uma vez que por meio deles o plano global do texto mostra ter atingido seus efeitos ou não (MACHADO E BRONCKART, 2004).

Podemos imaginar, como exemplo, que o objetivo do autor é sensibilizar seu público para uma causa ambiental. Ele seleciona vários elementos verbais e não verbais, como a imagem de um animal em situação vulnerável e, no título, um apelo para as pessoas fazerem uma doação. Cabe lembrar que essa articulação opera dentro dos limites do modelo preestabelecido pelo TikTok ou por outra plataforma de mídia digital escolhida, como YouTube, Twitter etc.

Mediante esses critérios de análise relacionados à compreensão do contexto, temos o conhecimento necessário para aplicação nas análises de dados. Na sequência, avançamos para o estudo dos elementos da materialidade linguística, que também serão empregados em cada texto do corpus.

3.1.3 Levantamento do contexto sociointeracional de produção

Aliado ao plano global do texto, vem a análise do levantamento do contexto sociointeracional de produção. Aqui é necessário haver uma investigação das informações externas ao texto, visando à obtenção de uma leitura contextualizada.

Tal sondagem contribui para revelar como são apresentados fatores externos como finalidade, motivações etc., segundo Machado e Bronckart (2004).

Exemplo: a maneira como um enunciador descreve um evento específico, escrevendo a palavra “decepção” e apresentando uma imagem de um time de futebol. Para entender o sentido do texto, é indispensável conhecer o contexto sociointeracional, que pode ser, aproveitando o exemplo já explorado, a derrota em um campeonato importante. Esse fator extratextual é então associado a outras análises internas do texto e revela, entre vários elementos, a finalidade do autor ao construir sua enunciação, que nesse caso seria manifestar sua tristeza em relação ao fato ocorrido. Este critério só pode ser analisado em cada dado individualmente, pois demanda uma sondagem bastante específica.

3.1.4 Implicatura conversacional

Segundo Grice (1975, 1989, apud Chierchia, 2003, p. 253), a implicatura conversacional é calculada com base: (i) no significado convencional, (ii) nas máximas conversacionais e (iii) nas informações presentes no contexto. Para nosso estudo, o contexto é levantado com o apoio da metodologia de Machado e Bronckart (2004).

Eventualmente, na língua pode haver diferenças entre o significado determinado pela gramática e aquele atribuído pelo falante, ou seja, a expressão adotada pelo enunciador para dizer algo em uma determinada situação. No entanto, mesmo que haja liberdade para atribuir significados diferentes dos gramaticais, literais, conforme o uso, a cognição que opera essas escolhas semânticas - como vimos em Olson (2009) - é inalterável. Além disso, tais significados, em uma situação comunicativa, devem ser convencionados, ou seja, compartilhados entre os interlocutores. Chierchia (2003) nos ajuda a compreender essa questão:

Nesse sentido, a comunicação através de uma língua se fundamenta num conjunto de intenções coletivas de uma comunidade. (...) Portanto, as convenções em questão dizem respeito, em primeiro lugar, ao léxico, e se ramificam, depois, de modo a abranger toda a gramática, através da sintaxe e das regras composicionais de interpretação. (...) É também por aí que as línguas mudam. Nós podemos mudar constantemente as regras do jogo que estamos jogando (sempre dentro dos limites do equipamento cognitivo de que somos dotados). (p. 247).

O significado convencional, neste estudo, será depreendido nas leituras dos textos multimodais, entendendo que as dinâmicas realizadas no contexto de

letramento digital podem indicar mais de um sentido possível para um mesmo referente. As máximas conversacionais serão conceituadas a seguir, conforme os ensinamentos de CANÇADO (2018).

São regras, princípios cooperativos que regem um acordo mútuo de cooperação entre os interlocutores. Com o menor esforço comunicativo possível e visando à máxima eficiência da comunicação - ou seja, cumprindo os objetivos desta -, os falantes convencionam as seguintes normas:

(1) Máxima de qualidade: não afirme nada que saiba ou creia ser falso ou que não tenha, de fato, evidências. Em outras palavras, a princípio, os falantes acordam entre si que todas as suas contribuições serão verdades. Se um dos agentes da comunicação romper um dos acordos, como o da qualidade, o resultado são falas sem sentido, como: “você já almoçou?” e a resposta: “eu vendo carros”.

(2) Máxima de quantidade: ou seja, devem ser fornecidas quantidades de informações suficientes, nem escassas, nem excessivas, pois só assim são capazes de cumprir o objetivo da comunicação entre os interlocutores. Como exemplo, podemos pensar na pergunta: “você fez todos os exercícios pedidos?” e a resposta foi “eu fiz alguns”. A implicatura presente nessa afirmação é de que não, a pessoa não fez todos os exercícios. A máxima que foi rompida é a de quantidade, em que os interlocutores fornecem - ou esperamos que forneçam - quantidade de informações suficientes para o objetivo de comunicação. Caso aquela pessoa tivesse feito todos os exercícios, provavelmente não diria “eu fiz alguns”. Pode até ser que ele tenha feito alguns e depois ter concluído todos, mas aí a fala “fiz alguns” não daria a informação quantitativamente completa e verdadeira.

(3) Máxima de relevância: as contribuições de todos os falantes devem sempre ser relevantes. Ou seja, não se faz uma pergunta, por exemplo, sem necessitar e esperar uma resposta (verdadeira, inclusive). “Quando alguém afirma algo, isso implica que acredita nessa afirmação; quando alguém pergunta algo, implica que deseja sinceramente uma resposta” (p. 153).

(4) Máxima de modo: os falantes convencionam que devem ser claros e breve ao se comunicarem, procurando sempre evitar ambiguidades e obscuridades.

Como os interlocutores apoiam-se na crença de que as máximas serão seguidas, podem depreender inferências conversacionais, ou seja, implicaturas dessa natureza. Por exemplo: qual é a implicatura possível na pergunta “você estuda na

Faculdade de Letras?”. Nesse caso, implica que o falante não sabe se o ouvinte frequenta tal curso e gostaria de sabê-lo. Esses são os princípios cooperativos, ou seja, se o falante perguntou se a pessoa estuda em determinada faculdade, implica que de fato deseja uma resposta.

3.1.5 Sobre a análise da intertextualidade e das operações enunciativas

Sobre a análise da intertextualidade, decorrente do fenômeno da polifonia de Bakhtin (2000), nos baseamos no dialogismo estabelecido pelo autor no capítulo 1 para depreender as referências entre outros textos. O mesmo é aplicado à observação de elementos pertencentes à atividade epilinguística, representações metalinguísticas, regulação e representação. O embasamento teórico foi apresentado no capítulo 2 desta dissertação e será suficiente para empreendermos a análise dos dados, que virá a seguir.

3.2 CORPUS DE ANÁLISE

Apresentamos então o corpus completo de análise, a ser examinado sob orientação dos critérios mencionados. Como explicamos, iniciaremos a análise pela descrição das características globais dos textos multimodais digitais do TikTok antes de estudarmos cada dado especificamente.

Cada um dos dados será apresentado novamente a cada seção, para apoiar a leitura da dissertação. Os dados são organizados, como mencionado no início do capítulo, em redes textuais: os posts (exemplo: “post de Maísa Silva”), que estão representados linguisticamente, em “A”, pelos seus títulos (exemplo: “aproveitando enquanto não dói kkkk”); e o(s) comentário(s), também representados linguisticamente, em “B”, “C”, “D” etc., pelos leitores dos posts (exemplo: “q orgulho, mais uma pra família Cuca Silva”).

Eis os dados.

QUADRO 2 - DADO 01: MAÍSA SILVA

ADO	POST	COMENTÁRIO
01)	A. aproveitando enquanto não dói kkkk. vacinem-se primos! toda	B. q orgulho, mais uma pra família Cuca Silva

	vacina é boa e elas salvam vidas. #VIVAOSUS   	
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

FONTE: Silva (2021)

QUADRO 3 - DADO 02: LARISSA MANOELA

ADO	POST	COMENTÁRIOS
02)	A. A pequena sereia 🧜‍♀️🌀	B. O MAIÔ KSSKSKSKSK C. ainda não me acostumei com essa casa não sendo mais da evelyn D. aeeee garota , está dando a volta por cima

FONTE: Manoela (2023)

QUADRO 4 - DADO 03: LUÍSA SONZA

ADO	POST	COMENTÁRIOS
03)	<p>A. sou dessas mulheres de se apaixonar #chico</p> <p>B. Diziam pra mim que essa moda passou</p> <p style="padding-left: 40px;">Que monogamia é papo de doido</p> <p style="padding-left: 40px;">Mas pra mim é uma honra</p> <p style="padding-left: 40px;">Ser uma cafona pra esse povo</p> <p style="padding-left: 40px;">Me pinto pra disfarçar</p> <p style="padding-left: 40px;">Rebusco palavras pra te encantar</p> <p style="padding-left: 40px;">Reinvento uma moda, faço Bossa Nova</p> <p style="padding-left: 40px;">Meu futuro, no Rio será</p> <p style="padding-left: 40px;">Chico, se tu me quiseses</p> <p style="padding-left: 40px;">Sou dessas mulheres de se apaixonar</p> <p style="padding-left: 40px;">Pode fazer a sua fumaça</p>	<p>C. vamos fingir que essa música é para o Chico Buarque 🙏😂</p> <p>D. Acredita primeira vez que ouvi achei que era 😂😂😂😂 pq ainda não sabia</p> <p>E. gente kkkk,é sério ou meme?? 😂</p>

	O Bar da Cachaça vai ser nosso lar	
--	---------------------------------------	--

FONTE: Sonza (2023)

QUADRO 5 - DADO 04: ANGELO GABRIEL

ADO	POST	COMENTÁRIOS
04)	A. o português é a língua de Portugal B. Falar português é uma violência(...)	C. meu deus quando foi q eu assinei o tiktok premium D. kkkkkk ri e tô pensando o msm... se cobrar da minha fatura eu aceito E. como assim trocamos ouro por palavras?

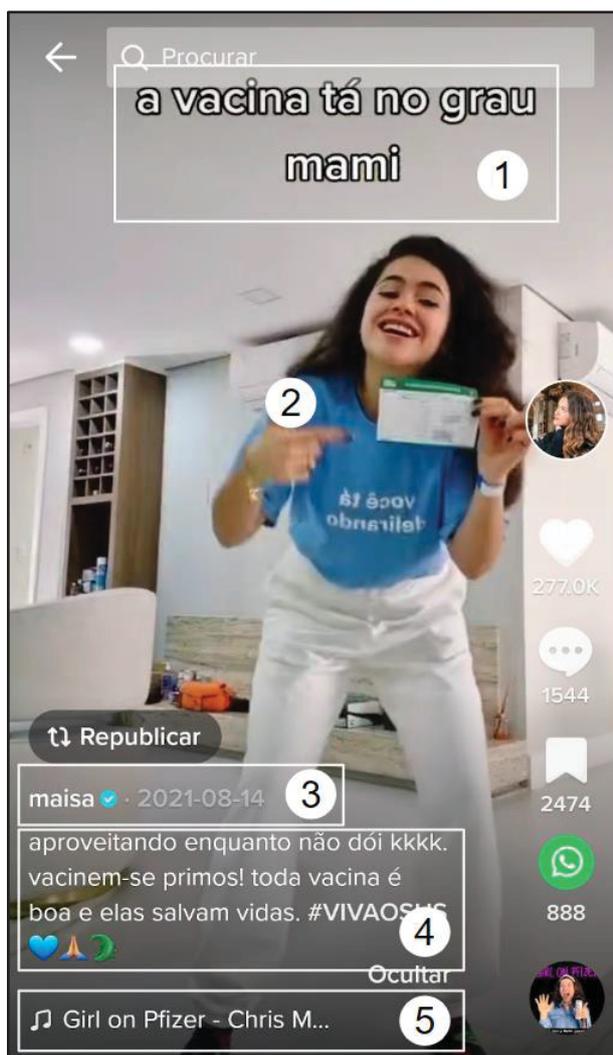
FONTE: Gabriel (2023)

Vamos às análises.

3.2.1 Características globais dos textos multimodais digitais no TikTok

Na tentativa de auxiliar a compreensão das propriedades globais dos textos multimodais digitais encontrados no TikTok, elaboramos ilustrações mostradas nas figuras 1 e 2. As imagens destacam e enumeram os elementos pertencentes ao modelo de “enunciação multimodal” disponibilizado pela plataforma digital TikTok. Cada numeração corresponde a um desses itens. São eles: **(1)** Texto sobre a imagem; **(2)** Vídeo ou imagem estática; **(3)** Criador e data da publicação; **(4)** Título do post; **(5)** Nome do arquivo de áudio; **(6)** Comentário relacionado ao post; **(7)** Resposta ao comentário anterior (observar recuo); **(8)** Quantidade de “curtidas” no comentário. A interação entre esses componentes forma o sentido do texto multimodal como um todo, como observado por Rojo e Barbosa. Utilizemos as figuras para demonstrar tais aspectos antes de seguirmos com suas descrições.

Figura 1: Elementos do texto multimodal no TikTok



Fonte: <https://www.tiktok.com/@maisa>

Destaques e numeração - autoria própria

QUADRO 6 - LEGENDAS DA FIGURA 1

- 1) Texto sobre a imagem
- 2) Vídeo ou imagem estática
- 3) Criador (autor do post) e data da publicação
- 4) Título do post
- 5) Nome do arquivo de áudio

FONTE: Autoria própria

Figura 2: Área de comentários do texto multimodal no TikTok



FONTE: <https://www.tiktok.com/@maisa>

Destaques e numeração - autoria própria

QUADRO 7 - LEGENDAS DA FIGURA 2

- 6) Comentário relacionado ao post
- 7) Resposta ao comentário anterior (observar recuo)
- 8) Quantidade de “curtidas” no comentário

FONTE: Autoria própria

O vídeo ou a imagem estática, que pode ser uma foto por exemplo, é o elemento visual que ocupa a maior parte do espaço da tela, exercendo por isso grande influência sobre as decisões linguísticas do título e/ou texto, que podem descrever a(s) imagens ou complementar seu sentido pretendido. Com o objetivo de esclarecimento, podemos pensar em exemplos hipotéticos. Reforçamos que nossa intenção nesta etapa não é antecipar todos os elementos da análise, mas sim descrever características globais dos textos multimodais digitais no TikTok que a apoiarão.

Por isso, como exemplo, um **(2)** vídeo que mostra um criador dançando e comemorando terá seu sentido determinado pela interação com o **(1)** texto, que pode dizer “hoje é o meu aniversário!” ou “vai, Corinthians!”. O **(4)** título, que é o texto escrito em outro espaço do post, mas igualmente situado sobre a imagem, também faz parte dessa composição, dizendo: “agora posso tirar minha carteira de motorista!” (complementando a mensagem visual de comemoração e o texto “hoje é meu aniversário” e gerando a inferência de que o criador completou 18 anos); ou, no exemplo relacionado a futebol, ainda utilizar hashtags, como “#timão” e emojis, como “❤️”, que são igualmente escolhas que fazem regulação prevendo a atividade epilinguística dos leitores, conforme estabelecido por Culioli (1995), como veremos mais detalhadamente nas análises. **(3)** O(a) autor(a) do post é chamado no TikTok de “criador”. Seu nome e a data de publicação também fornecem contextos que situam o leitor, como um criador conhecido por torcer para um time específico e a data do post de comemoração corresponde ao dia em que o adversário foi eliminado de um campeonato importante. Nesses casos, os leitores podem acionar relações com elementos extratextuais - como a leitura prévia de anúncios publicitários a respeito da disputa -, como também veremos detalhadamente nas análises. Enfim, **(5)** o áudio que pode ser reproduzido simultaneamente ao vídeo, como uma música, também compõe essa enunciação “geral” do texto multimodal no TikTok, como “Parabéns pra você” ou o hino de um time.

Logo abaixo do post, há a área de comentários, como demonstrado na figura 2. **(6)** Os leitores, que nesse contexto também são emissores, como vimos em Culioli (1995), dialogam com o criador e/ou com o conteúdo do post, expressando, livremente, interpretações, juízos ou outros textos que considerarem relevantes. Nesses espaços, não é possível adicionar fotos, vídeos ou mesmo áudios. A

enunciação é exclusivamente verbal e visual com o uso de emojis. **(7)** Também é possível dialogar com outros leitores/emissores, respondendo diretamente os comentários previamente postados. Nesse ambiente, os interlocutores trocam ideias, expressam concordância ou discordância etc. O próprio criador “original” do post também pode participar da troca de comentários, esclarecendo questões que não foram compreendidas mediante a primeira leitura, exercendo explicitamente a atividade de regulação. Exemplo: o leitor pode comentar “por que você está comemorando hoje, seu aniversário não foi na semana passada??” e o criador em seguida responder “foi sim, esse post é apenas uma lembrança da comemoração que já aconteceu”.

Por fim, **(8)** aos leitores também é possível “curtir” os comentários uns dos outros, o que corresponde a um dialogismo não verbalizado, mas cujo sentido (expressão de juízo, no caso, aprovação) é compartilhado por uma comunidade de indivíduos situados em um contexto de letramento, como embasado por Street (1984).

Nesta seção da análise, foram identificadas: as características dos textos multimodais digitais encontradas em Rojo e Barbosa (2015), que estão relacionadas com práticas motivadas pelo suporte celular, como interação na tela, e indícios de uma prévia noção sobre gênero textual - que não é o objetivo da dissertação -, de onde extraímos somente o dialogismo intrínseco nas práticas de leitura empreendidas nessa rede textual, demonstrando a veracidade dos princípios de Bakhtin sobre a natureza dialógica da leitura; a existência de práticas compartilhadas por uma comunidade situada em um contexto de letramento, como vimos em Street; e indícios de mobilização de atividade epilinguística, regulação e estabelecimento de referências, como vimos em Culioli (1995). Esses últimos itens serão verificados com mais detalhamento na análise textual específica dos comentários, pois nesta seção nos concentramos somente em elementos relacionados à contextualização, conforme a metodologia recomendada por Machado e Bronckart (2004).

Agora que compreendemos o modelo dos textos do TikTok, ou seja, as propriedades intrínsecas sobre as quais a enunciação é organizada, avançamos para o estudo de cada post individualmente, observando o plano global dos textos e seus contextos sociointeracionais de produção. Em seguida, são analisados os comentários relacionados a cada post, sob os critérios de identificação de relações de implicaturas conversacionais, intertextualidade e as operações enunciativas

depreendidas nessas redes textuais, ou seja, as atividades epilinguísticas, metalinguísticas, processos de referenciação e de regulação.

3.2.2 Maisa Silva: “Cuca da Silva”

Para facilitar o entendimento, recuperamos o quadro já apresentado no corpus de análise. A mesma organização visual ocorre nos exames dos dados seguintes.

QUADRO 2 - DADO 01: MAISA SILVA

ADO	POST	COMENTÁRIO
01)	A. aproveitando enquanto não dói kkkk. vacinem-se primos! toda vacina é boa e elas salvam vidas. #VIVAOSUS 🤝🙏👉	B. q orgulho, mais uma pra família Cuca Silva

FONTE: Silva (2021)

Observamos nos elementos textuais e visuais do post da atriz e influenciadora digital Maisa Silva uma comemoração declarada ao fato de ter sido vacinada com o medicamento do laboratório Pfizer em prevenção à Covid-19. Mediante a análise do plano global do texto e contexto sociointeracional de produção, somos capazes de compreender com mais precisão as intenções da autora e a articulação linguística que produz o disparo de implicaturas e outros elementos enunciados pelos leitores em comentários.

Quanto ao plano global do texto, nos apoiamos nas descrições realizadas na seção 3.1.1 ("Características globais dos textos multimodais digitais no TikTok) para descrever como os elementos que são universais no TikTok foram organizados especificamente na infraestrutura textual em questão. Nesse caso, Maisa criou um post que contém o título lido em (1A). Tal título, como vemos, não contém somente elementos verbais: é constituído também pelo uso de emojis, selecionados por decisões semânticas que, como vimos em Olson (2009), são mobilizados por processos cognitivos que recuperam o conhecimento de mundo da autora Maisa e regulam sua expressão. A utilização do emoji de coração e de mãos unidas em sinal de prece, por exemplo, é inserida logo após a hashtag "#VIVAOSUS". Associando a elementos extratextuais, como o exame do contexto sociointeracional que virá em seguida, é possível verificarmos a atividade epilinguística de Maisa, como logo veremos nesta seção. Somando a essa semiose, ou seja, à modalidade verbal, temos

o vídeo e o áudio, que articulados caracterizam o texto multimodal que vimos em Rojo e Barbosa (2015).

O vídeo mostra a artista, provavelmente em sua casa, dançando entusiasmamente ao som uma música cujo título é "Girl on Pfizer" - como podemos ler na apresentação do próprio post -, que é uma versão da música "Girl on Fire", da cantora Alicia Keys¹⁶. A expressão "this girl/person is on fire" (essa garota/pessoa está "on fire") significa empoderamento, diz que a garota ("girl") descrita na música está "com tudo", ou seja, é capaz de realizar e conquistar muitas coisas, por exemplo. Como é visto na imagem, a dança¹⁷ da artista consiste em levantar e balançar o braço esquerdo para mostrar o curativo onde a vacina foi aplicada: mais um índice do evento - vacinação - que aparentemente acabou de ocorrer. Na legenda do vídeo, a influenciadora ainda regula sua enunciação geral explicitando para os leitores e evitando qualquer ambiguidade sobre o sentido pretendido: o de que foi vacinada e está extremamente feliz com isso. Para isso, nesse espaço, há os dizeres: "a vacina tá no grau mami", ou seja, "me vacinei".

Para observarmos o contexto que o texto foi produzido, verificamos a data da publicação, que como vimos no item 3.1.1 deste capítulo é claramente visível aos leitores. O post foi publicado em agosto de 2021, caracterizado pela contabilização do menor número registrado de mortes por Covid-19 em comparação aos meses anteriores daquele mesmo ano. No entanto, o risco de contágio ainda era alto, devido à vacinação incompleta da população¹⁸.

Naquele momento, uma das razões da parcialidade da cobertura da vacinação era o fato de o medicamento, em quantidade insuficiente, foi aplicado progressivamente em grupos de faixas etárias, começando pelos idosos¹⁹. Dessa forma, os mais jovens, como Maisa, de 19 anos na época, foram os que mais aguardaram para serem vacinados. Relacionando com outro elemento de

¹⁶ NOLLA, Thiago. **Crítica: 'Girl on Fire' é uma celebração da vida e do poder de Alicia Keys.** 2021.

¹⁷ Segundo as premissas do chamado sofrimento digital de Dunker (2020), a dança, na internet, pode expressar uma identidade ligada a certos dogmas valorizados por um grupo, como saúde perfeita, bem-estar, despreocupação - em oposição a um mundo instável e cujo esforço individual pouco vale.

¹⁸ PINHEIRO, Lara. **Agosto foi o mês com menor número de mortes por Covid no ano, apontam secretarias de Saúde.** 2021.

¹⁹ BARIFOUSE, Rafael. **Vacinas para jovens ou idosos primeiro? Os prós e contras de diferentes estratégias de imunização contra a covid-19.** 2021.

contextualização, Maisa Silva é uma artista que o público reconhece como jovem²⁰, pois a acompanha desde a sua infância²¹ em programas televisivos de grande alcance, como o do apresentador Silvio Santos. Ela também, ainda criança, fez parte da regravação da novela “Carrossel” em 2013. Em outras palavras, uma das características mais fortemente associadas à imagem de Maisa é o fato de ela ser muito jovem. Portanto, ela ter sido vacinada também comunica a notícia de que a vacinação estava bastante avançada naquele período, evitando mais mortes e gerando um sentimento crescente de maior otimismo.

Maisa, assim como outros artistas²², também se posicionou a favor da valorização e respeito ao sistema de saúde brasileiro e incentivou, no seu papel de influenciadora digital, a população a se vacinar. Partiu, portanto, de outro contexto: o fato de uma parcela significativa da sociedade recusar a vacina, motivados, entre muitos fatores, por falas de autoridades, como veremos. O posicionamento da artista é explicitado pela utilização da hashtag “#VIVAOSUS”, que foi um dos símbolos adotados pela classe artística nas redes sociais para estimular a vacinação. O epilinguismo é constatado pelo fato de a enunciação de Maisa, que resulta no post analisado, conter essa série de representações mediadas por relações, estabelecidas pela criadora, entre seu conhecimento de mundo, vivências, crenças etc. Inclusive, a utilização do emoji de coração e “prece”, inseridos logo após a citação “#VIVAOSUS”, também indica uma atividade de regulação, pois explicita a posição favorável de Maisa sobre a instituição, evitando potenciais dúvidas (exemplo: um leitor poderia eventualmente inferir que a autora está sendo irônica e, na verdade, é contra o SUS).

Isso nos leva a outra representação apresentada pela autora: a figura do jacaré, que demonstra a fala de Olson (2009) sobre a não fixidez dos sentidos do texto, que variam conforme os usos convencionados entre os falantes da língua. As representações mentais de Maisa sobre a imagem desse animal dificilmente corresponderiam às mesmas que, por exemplo, um repórter da National Geographic

²⁰ Matérias como “Jovens personalidades que começaram a morar sozinhas mostram suas casas” (O GLOBO, 2023) explicitam como o público caracteriza Maisa, prioritariamente, como alguém muito jovem. Essa reportagem cita inclusive como as pessoas ficaram surpresas ao descobrirem que a artista passou a morar sozinha, entendendo que esse é um indício de maturidade - surpreendente ao público porque contradiz a imagem quase infantil associada à artista.

²¹ Maisa está exposta na mídia desde os três anos de idade. (ADORO CINEMA, 2023)

²² Artistas utilizam a hashtag #VIVAOSUS para incentivar a vacinação em prevenção à Covid-19 (BONIN, 2021).

cujo objetivo de comunicação em uma matéria seria descrever a fauna do Pantanal. De fato, o significado literal de "jacaré", como animal, réptil etc., não seria adequadamente aplicado nesse post de Maisa, que mobiliza tantos outros índices relacionados à pandemia de Covid-19. Ao tomar a decisão semântica, como também pontuou Olson, de apresentar um jacaré em conjunto com tantos outros elementos, Maisa regula sua enunciação apresentando uma crítica ao contexto político da época: a fala do então presidente Jair Bolsonaro²³ sobre suas ressalvas em relação às vacinas, tomando a Pfizer como exemplo para suas críticas à vacinação como um todo.

Esta etapa do levantamento do contexto sociointeracional de produção, somada ao plano global do texto organizado nos limites das características globais do texto do TikTok, nos permite depreender as implicaturas conversacionais e relações intertextuais apresentadas no comentário analisado.

Conhecendo os detalhes da situação na qual a troca conversacional ocorre e mobilizando as máximas da cooperação que vimos em Cançado (2018), obtemos as inferências realizadas na leitura em (1A) e representadas em (1B). Neste comentário, localizado abaixo do post/texto multimodal de Maisa, analisamos três partes da sua composição: "q orgulho", "mais uma" e "família Cuca Silva". Primeiramente, ocorre uma tomada de postura do enunciador, que ao dizer "q(ue) orgulho" demonstra que acessou a atividade epilinguística de Maisa em relação efetivamente de ter sido vacinada (lembrando que essa informação, apesar de facilmente inferível, não é linguisticamente explicitada no post da artista) e o fato de esse evento ser motivo de comemoração. O enunciador de (1B) estabelece esse diálogo com essas representações mentais e linguísticas (exemplo: "toda vacina é boa") da criadora dizendo "q(ue) orgulho", o que demonstra concordância. Tal juízo não seria possível se não fosse pela atividade epilinguística do próprio autor de (1B), que, por meio da cognição, realizou suas escolhas semânticas, como nos ensinou Olson, representadas linguisticamente.

²³ Em dezembro de 2020, o então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, questionou a confiabilidade das empresas que ofereciam a vacina afirmando que quem se vacinou estaria sujeito a se transformar em um "jacaré", pois os efeitos colaterais seriam, segundo o então presidente da república, desconhecidos. "Lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema seu", disse Bolsonaro, que questionou em várias ocasiões as vacinas e a gravidade da pandemia que já deixou quase 185 mil mortos no Brasil (ISTOÉ, 2020).

Quanto a "mais uma", essa expressão implica conversacionalmente, neste contexto, que a vacinação está avançando, ou seja, nem todos estavam vacinados ainda. Esse sentido é apreendido diante da natureza gramatical de "mais um(a)" e em interação com o contexto sociointeracional dessa enunciação, a progressão da cobertura vacinal no Brasil, nos permite estabelecer tal implicatura. Certamente também nos apoiamos nos princípios cooperativos de Grice, como explicado por Cançado (2018), que ensina que é necessário, aos leitores, supor que o enunciador diz a verdade. Partindo dessa máxima, depreende-se que o enunciador de (1B) não está sendo irônico, por exemplo.

Em relação à terceira parte da enunciação, "mais uma pra família Cuca Silva", um leitor do comentário que esteja desinformado ou distante do contexto de letramentos (ROJO E BARBOSA, 2015), ou seja, que não considere o contexto e outros elementos intertextuais, poderia pensar que a máxima da relevância foi desrespeitada, pois que sentido haveria em dizer diante de toda a enunciação que vimos no post de Maisa Silva? No entanto, como vimos em Goodman (1967), o diálogo estabelecido na leitura corresponde a um jogo de adivinhações. Portanto, se observarmos a máxima da cooperação, ou seja, se assumirmos que (1B) quer ser cooperativo e dá sinais do sentido pretendido por meio da regulação, percebemos que há dialogismo e intertextualidade disparados diretamente pelo uso do emoji que mostra a imagem do jacaré em (1A). Ou seja, o uso da expressão "Cuca Silva" representa metalinguisticamente a referência estabelecida por Maisa ao empregar o emoji do jacaré: a polêmica fala de Jair Bolsonaro sobre a vacina. Para regular sua enunciação, o autor de (1B) faz uma analogia e refere-se à personagem "Cuca", recuperada pela intertextualidade com a obra de Monteiro Lobato. "Cuca" é uma personagem do folclore brasileiro personificada por um jacaré e popularizada por Monteiro Lobato no livro "O Saco", de 1921, e mais tarde encenada na série televisiva "Sítio do Picapau Amarelo", transmitida pela emissora Rede Globo²⁴.

A representação de um jacaré, nesses casos, possui mais de um sentido diferente, todos formados pelos usos da língua (CHERCHIA, 2003), e não pelo seu sentido literal. Inclusive, percebemos como os processos de referência podem ser transformados. Em 2021, época da enunciação do post, situado em um contexto de

²⁴ BRASIL ESCOLA UOL. **Cuca**: origem e o que diz a lenda. 2023.

discussão sobre a Covid-19, a figura do jacaré representava o então presidente e sua fala. Já em um contexto diferente, como um debate sobre literatura infantil brasileira, por exemplo, o referente mais provavelmente será a personagem Cuca, de 100 anos de distância. Por essa razão, a implicatura conversacional deve ser analisada diante da interação entre língua (os usos que se fizeram diante da imagem do animal), contexto (sociointeracional de produção) e princípios cooperativos (Grice apud Cançado, 2018).

3.2.3 Larissa Manoela: “Sereia”

QUADRO 3 - DADO 02: LARISSA MANOELA

ADO	POST	COMENTÁRIOS
02)	A. A pequena sereia 🧜‍♀️🌊	B. O MAIÔ KSSKSKSKSK C. ainda não me acostumei com essa casa não sendo mais da evelyn D. aeeee garota, está dando a volta por cima

FONTE: Manoela (2023)

O plano global do texto de Larissa Manoela não tem o mesmo apelo social do post de Maisa Silva, demonstrando objetivar somente o entretenimento e a diversão, utilizando o bom humor.

A atriz gravou um vídeo em que reproduz, em uma piscina, uma cena do filme "A Pequena Sereia", da Disney. Mais especificamente, Larissa faz uma referência ao trecho em que a personagem Ariel canta a música "Part of Your World" apoiada em uma grande pedra no mar, enquanto as ondas batem e, no filme, enaltecem a nota final cantada pela personagem. A criadora Larissa Manoela faz uma paródia do filme: gravou a si mesma na piscina da sua casa, encenando a cantoria, enquanto sincronicamente um verso da música é reproduzido no post para os leitores ouvirem, como se estivesse sendo "dublada" pelo áudio original da música. Notamos a presença de algumas crianças brincando na piscina com Larissa Manoela. Quando chega o momento da "nota final", em que originalmente no filme uma onda quebra contra a pedra, as crianças jogam água na direção de Larissa, parodiando - toscamente, sem a pretensão de ser fiel, pois se trata de uma mera brincadeira - o

filme. Na cena, também se percebe a casa em que Larissa Manoela mora, como mostrado pela criadora em outros textos externos ao post analisado. A artista regula sua enunciação escrevendo, no título do post, o texto lido em (2A). Com essa decisão semântica, Larissa explicita o referente utilizado (o filme da Disney), reduzindo a margem para potenciais dúvidas que seus leitores possam apresentar (exemplo: "isso é de algum filme?"), mas veremos que o contexto prévio também faz parte dessa conta interpretativa.

O contexto sociointeracional de produção torna o sentido apreendido dialógico, pois conversa com vários elementos externos, anteriores ao texto. Em 2023, quando a autora publicou o post, a Disney lançou uma nova versão do filme "A Pequena Sereia"²⁵, por isso foi um assunto bastante comentado na mídia, especialmente nas redes sociais. O fato de ser uma nova versão também pode dialogar com vivências prévias e até outras representações mentais dos interlocutores, como o conhecimento sobre o filme original, lançado em 1989, que apresenta a mesma cena parodiada por Larissa Manoela. Para compreender o sentido proposto por Larissa, não basta que os leitores leiam o título (2A). Caso algum indivíduo nunca tenha assistido ou sequer ouvido falar do filme e aquela cena, mesmo com a regulação empreendida por Larissa e os outros índices, como o ano de publicação, a indicação da música contendo o título do filme etc., o sentido não poderá ser produzido conforme desejado pela artista. Isso ocorre porque a criadora precisa mobilizar a atividade epilinguística de seus leitores, que ela supõe que contenha, entre muitos outros "conteúdos mentais" (CULIOLI, 1995), o conhecimento prévio sobre o filme.

A autora articula a referência a essa produção cinematográfica para propor sentido na sua enunciação multimodal. No entanto, como veremos a seguir nos comentários, os leitores estabelecem um diálogo entre vários elementos visuais do post com a referenciação a outros textos circulantes na mídia, produzindo sentidos provavelmente não calculados ou mesmo antecipados por Larissa, como seu rompimento com os pais²⁶.

No final de agosto de 2023, uma matéria do Fantástico anunciou o rompimento de Larissa Manoela com os pais por motivações financeiras, dividindo as

²⁵ CAPUTO, Gabriela. "A Pequena Sereia": os erros e acertos do novo remake da Disney. 2023.

²⁶ FANTÁSTICO. Larissa Manoela no Fantástico: veja entrevista completa. 2023.

opiniões do público. O fato mais citado é que Larissa não tinha controle sobre o próprio dinheiro e precisava solicitar aos pais uma transferência “pix” até mesmo para gastos irrisórios, como “comprar um milho” em um passeio na praia. A atriz decidiu romper com os pais e pagou-lhes milhões (segundo a notícia, correspondente a todo seu patrimônio) para desfazer os contratos que tinha com eles e encerrar o conflito.

Apesar de tal notícia não ter sido referenciada por ela na sua enunciação, como está presente na mídia e, portanto, já faz parte das representações mentais da atividade epilinguística das pessoas que acompanham as notícias de Larissa Manoela, também foi referenciada na enunciação dos leitores.

Cabe então analisarmos as marcas linguísticas dos comentários, que representam as implicaturas disparadas pelo texto multimodal de Larissa associadas à intertextualidade estabelecida pelos leitores.

Em (2B), há uma implicatura conversacional que só pode ser estabelecida mediante a leitura da imagem mostrada no texto multimodal: o maiô que Larissa Manoela usa no vídeo. Para que o comentário produza sentido, é necessário ao leitor a associação entre a sentença (2B) e a imagem do vídeo. Como aprendemos com Rojo e Barbosa (2015), os multiletramentos requerem essa sistemática associação de elementos de diferentes semioses.

Dessa forma, em (2B) há uma anáfora: há elementos em duas enunciações diferentes (o comentário e o vídeo do post) que se referem ao mesmo objeto, o maiô. O enunciado (2B) retoma o nome (“maiô”), que não havia sido enunciado linguisticamente no post de Larissa Manoela, mas estava representado visualmente no vídeo. Para que essa operação interpretativa ocorra, segundo Cançado, nesse caso a regulação empregou o artigo definido “o”, que retoma “maiô”, e especifica que é algo já apresentado anteriormente. De fato, foi realmente mostrado, ainda que não verbalmente. Portanto, a implicatura conversacional é que “o maiô” só pode se referir ao exibido no vídeo. Ainda há a emissão de juízo, pois o uso de letras em caixa-alta (“O MAIÔ”) e as risadas (“KSSKSKSKSK”) representam metalinguisticamente, ainda que com elementos visuais, uma atividade epilinguística ligada a uma reação exacerbada, ou ainda um grito do enunciador. É relevante pontuar que a roupa de banho contém a figura da personagem Mulher-Maravilha, que pode remeter a um

símbolo de empoderamento feminino²⁷, dado o contexto de superação pessoal da atriz Larissa Manoela. Deprendemos então a atividade epilinguística do próprio autor de (2B): ele aprovou entusiasticamente ou no mínimo achou divertida a escolha de roupa de banho de Larissa.

Também percebemos que a implicatura conversacional de (2C) é operacionalizada por relações anafóricas. O uso de "essa" retoma um objeto também não verbalizado e só apresentado visualmente. Para essa enunciação, também houve a leitura de imagens, como visto em Rojo e Barbosa (2015). Assim como em (2B), a implicatura de (2C) é definida conversacionalmente, e nesse caso infere-se que a casa à qual o enunciador se refere é a mostrada no vídeo.

Além disso, também há intertexto nessa produção de sentidos em (2C). O enunciador diz "(casa) da evelyn", sem especificar quem é essa pessoa, ou seja, sem mencionar seu sobrenome ou fornecer mais informações que expliquem seu comentário. Inclusive, somente a casa aparece na imagem, não há outra mulher (exceto talvez a criança que é mostrada rapidamente no vídeo, mas que dificilmente seria a antiga dona da casa) que poderia ser a tal "Evelyn". A implicatura ocorre mediante o diálogo entre esse texto e outros anteriores, que o enunciador supõe que sejam de conhecimento de outros interlocutores. Nesse caso, como vimos, Evelyn é outra influenciadora, que vendeu a casa à Larissa, e cuja venda foi divulgada pela mídia. O autor de (2C) conta com esse conhecimento do seu leitor para produzir o sentido pretendido. Sua regulação é reduzida a informações mínimas, pois parte da hipótese de que não são necessários demais detalhes. Estabelecemos, nesse caso, que houve respeito à máxima da quantidade (CANÇADO, 2018), em que o autor lançou o mínimo de informações consideradas suficientes para leitores que supostamente acompanham as novidades da vida de Larissa Manoela.

Em (2D), mais uma vez visualizamos uma relação de implicatura novamente só possível mediante conhecimentos prévios, contexto e intertexto. A implicatura estabelecida diretamente pela representação linguística, a expressão "dar a volta por cima", é que Larissa estava em uma situação ruim e agora parece estar superando as adversidades. Há uma associação entre a imagem da piscina, sol e brincadeiras a um momento de relaxamento, felicidade e, quem sabe, até riqueza material. Fazemos

²⁷ O GLOBO. **Gal Gadot**: muito além da Mulher-Maravilha. 2017.

essa afirmação porque o texto externo ao qual a enunciação se refere é a notícia sobre a perda financeira de Larissa ao fazer o acordo judicial com seus pais. Diante dessa informação, observamos que o enunciador emite um juízo, de apoio à artista, representado linguisticamente pelo uso de uma expressão popular que também é empregada para regular sua fala utilizando a expressão "dar a volta por cima", supondo que Larissa Manoela, que possivelmente lerá o comentário, conheça o significado.

3.2.4 Luísa Sonza: "Chico Buarque?"

QUADRO 4 - Dado 03: Luísa Sonza

ADO	POST	COMENTÁRIOS
03)	<p>A. sou dessas mulheres de se apaixonar #chico</p> <p>B. Diziam pra mim que essa moda passou</p> <p style="padding-left: 40px;">Que monogamia é papo de doido</p> <p style="padding-left: 40px;">Mas pra mim é uma honra</p> <p style="padding-left: 40px;">Ser uma cafona pra esse povo</p> <p style="padding-left: 40px;">Me pinto pra disfarçar</p> <p style="padding-left: 40px;">Rebusco palavras pra te encantar</p> <p style="padding-left: 40px;">Reinvento uma moda, faço Bossa Nova</p> <p style="padding-left: 40px;">Meu futuro, no Rio será</p> <p style="padding-left: 40px;">Chico, se tu me quiseres</p> <p style="padding-left: 40px;">Sou dessas mulheres de se apaixonar</p> <p style="padding-left: 40px;">Pode fazer a sua fumaça</p>	<p>C. vamos fingir que essa música é para o Chico Buarque 🙏😂</p> <p>D. Acredita primeira vez que ouvi achei que era 😂😂😂😂 pq ainda não sabia</p> <p>E. gente kkkk,é sério ou meme?? 😂</p>

	O Bar da Cachaça vai ser nosso lar	
--	---------------------------------------	--

FONTE: Sonza (2023)

O plano global do texto multimodal de Luísa Sonza é constituído por uma provável tentativa de obter a solidariedade do público, dialogando com o suposto conhecimento sobre uma notícia então recente sobre a traição do namorado da cantora, Chico Moedas. A imagem principal do post é uma foto da artista sozinha. Regulando a mensagem pretendida, Luísa está de olhos fechados, como que meditando, com uma expressão triste, mas de serenidade, e no fundo vemos árvores, indicando algo relacionado a contato com a natureza (provavelmente sustentando a ideia de meditação). Em momento algum a influenciadora enuncia explicitamente o referente (a tristeza pela traição vivida), o que pode gerar ambiguidade na leitura. O título da foto (3A) contém um verso da música “Chico - Luísa Sonza”. Logo abaixo, vemos o nome dessa música, cujo trecho é reproduzido no áudio do post e transcrito em (3B). A música tem um tom triste, complementando a tristeza comunicada na imagem e no título (3A). Diante dessas regulações e referências, verificaremos se a leitura que o público fez correspondeu aos objetivos da criadora.

Como já adiantamos, o contexto sociointeracional da produção do post está relacionado à notícia sobre a traição e consequente término de namoro, que segundo expressado pela artista na mídia²⁸ foi devastador para ela. O fato foi bastante debatido pelos fãs nas redes sociais²⁹, mostrando que fazia parte da atividade epilinguística do público que se manifestou favoravelmente à artista. É interessante observar nas notícias que a música “Chico” foi declaradamente dedicada por Luísa ao seu então namorado. Dessa forma, vemos que a criadora não teria antecipado ambiguidades na leitura do seu post, supondo que a referência a Chico (Moedas) estaria clara para as pessoas. Por outro lado, o trecho da música, enunciado no texto multimodal, contém referências a uma letra escrita por Chico Buarque, “Folhetim”³⁰, como observado inclusive por um leitor. Tal intertextualidade poderia indicar que Luísa

²⁸ Luísa Sonza declara, no programa da apresentadora da Rede Globo Ana Maria Braga, que foi traída pelo namorado Chico Moedas e rompeu o relacionamento. (ESTADÃO, 2023)

²⁹ O término do namoro, anunciado no programa de Ana Maria Braga, gerou repercussões nas redes sociais. (O GLOBO, 2023)

³⁰ Letra da música “Folhetim”, de Chico Buarque. (VAGALUME, 2023)

Sonza desejava gerar o duplo sentido na sua enunciação. Mas todos os outros elementos do seu texto, como a imagem de tristeza, o contexto, a data de publicação próxima à divulgação da notícia etc., sugerem regulações para que o público compreendesse que a criadora se referia a Chico Moedas e expressasse alguma solidariedade em relação à sua dor.

Em (3C) observamos várias interpretações diante da leitura do post. Como vimos em Culioli (1995), elas são mobilizadas por operações cognitivas que estabelecem analogia e também ironia. Na sua atividade epilinguística, o enunciador demonstra ter uma atitude crítica sobre a música reproduzida no post, associando, ironicamente, o "objeto" Chico Moedas a Chico Buarque, na tentativa de fazer uma piada. No entanto, o que motivou o comentário - o fato de a homenagem musical a Chico (Moedas) estar desatualizada - revela que o autor também tem conhecimento sobre outros textos externos ao post. A intertextualidade é entre a música, a notícia do término do relacionamento e, ainda, a obra de Chico Buarque, "Folhetim", que é de fato referenciada na letra cantada por Luísa.

Observando a relação empreendida entre os textos, também percebemos a atividade epilinguística do autor de (3C), ou seja, suas leituras e conhecimentos prévios. O autor também representa metalinguisticamente o post de Luísa, pois ao dizer (3C) ele dialoga com o que a cantora de fato queria expressar: a música ter sido escrita para uma pessoa específica.

(3D) e (3E) são comentários que foram escritos em resposta direta a (3C). Em (3D), o autor diz que pensou que a música da artista foi composta em homenagem a Chico Buarque. Aqui, o enunciador fez uma hipótese incorreta sobre a atividade epilinguística de Luísa Sonza e também faltou conhecimento na sua própria atividade epilinguística, no seu sistema representacional, sobre textos circulantes na mídia que afirmavam que a música era uma homenagem ao ex-namorado Chico Moedas. Observamos que o desconhecimento sobre algumas relações intertextuais foi o que levou a uma interpretação inadequada, não necessariamente uma falta de competência para associar múltiplas semioses - que é condição para leitura de textos multimodais, conforme Rojo e Barbosa (2015). Pelo contrário, se não fosse pelo conhecimento de textos externos específicos que caracterizam o contexto da produção do post, o autor de (3D) teria compreendido perfeitamente a atividade epilinguística de Luísa e ainda feito uma representação metalinguística adequada.

(3E) também é uma resposta direta ao comentário (3D) e outros que manifestaram a mesma "confusão": pensaram que a música "Chico" era uma homenagem a Chico Buarque. Nesse caso, o autor de (3E) emite um juízo sobre a inadequação da interpretação dos outros leitores. Para regular sua enunciação, ele escolhe fazer uma pergunta retórica, a qual, com base em uma violação proposital da máxima de relevância, depreendemos que não se deseja realmente obter uma resposta. Pelo contrário, a retórica é uma estratégia argumentativa (FIORIN, 2015) que, nesse caso, representa metalinguisticamente a indignação do autor.

3.2.5 Angelo Gabriel: "Língua Brasileira"

QUADRO 5 - DADO 04: ANGELO GABRIEL

ADO	POST	COMENTÁRIOS
04)	A. o português é a língua de Portugal B. Falar português é uma violência (...)	C. meu deus quando foi q eu assinei o tiktok premium D. kkkkkk ri e tô pensando o msm... se cobrar da minha fatura eu aceito E. como assim trocamos ouro por palavras?

FONTE: Gabriel (2023)

O criador Angelo Gabriel dialoga com um conceito emprestado da Sociolinguística e faz, em seu post, um discurso - que representou metalinguisticamente como "poesia" devido ao uso sistemático de rimas - cujo objetivo é conscientizar as pessoas sobre a importância dos brasileiros reconhecerem e valorizarem a identidade brasileira, expressada no idioma falado no país e erroneamente chamada, segundo ele, de "língua portuguesa", pois é genuinamente "brasileira". No post, a imagem central é um vídeo que mostra Angelo declarando o discurso lido na legenda do mesmo vídeo. A legenda, a transcrição da fala do criador, é escrita em verde e amarelo, em referência às cores da bandeira brasileira e apoiando visualmente o sentido pretendido do texto multimodal. Quanto ao ambiente, Angelo provavelmente está em sua casa (vemos apenas uma parede branca e uma cortina), vestindo uma camiseta amarela da seleção brasileira. Essa escolha provavelmente reflete que a regulação (CULIOLI, 1995) pretendida pelo criador

consiste exclusivamente na sua fala e o uso da camiseta é o único elemento visual que contribui diretamente para a mensagem.

Quanto ao contexto interacional de produção, Angelo dialoga com discussões existentes nos estudos da Sociolinguística, como os pressupostos de Marcos Bagno³¹ (2010), por exemplo, que condenam o preconceito linguístico e defendem a valorização das muitas variações manifestadas pela riqueza cultural, regional e social da língua portuguesa falada no Brasil.

Quanto à interpretação dos leitores, comecemos por (4C) e (4D) (este último é uma resposta direta ao comentário C). Na verdade, a pessoa que enunciou a frase (4C) não se refere literalmente a uma versão premium, ou seja, paga e exclusiva da plataforma, pois ela nem mesmo existe. No entanto, como vemos no comentário (4D), observamos que a comunicação foi bem-sucedida. Nesse caso, partindo dos princípios de cooperação de que esses enunciadores/comentaristas estão dizendo a verdade e querem ser relevantes, percebemos que o que ocorre é um grande elogio ao conteúdo de (4A), mediante a regulação dos falantes ao associar o texto de Angelo a um material que parece ser “pago”. Em outras palavras, o texto (multimodal) de Angelo Gabriel é de tão boa qualidade que parece ser um conteúdo “superior”, exclusivo, acessado mediante assinatura paga. Tal referência a uma “assinatura Premium” também revela a implicatura de que o que é pago é de melhor qualidade que o gratuito, ou seja, é surpreendente haver um material de tanta excelência em uma rede social que, como o falante implicitamente sugere, normalmente não é boa.

Também ocorre uma intertextualidade não dita: a referência e crítica aos vídeos que mostram danças coreografadas³² no TikTok. O tema é tão popular entre os usuários da rede que é visto como sinônimo de todo o conteúdo da plataforma, produzindo muitos julgamentos acerca da sua qualidade. Dessa forma, ao lançarem elogios em relação a uma inesperada qualidade “nível premium” na rede social, os leitores do post de Angelo Gabriel supõem que geralmente não seriam encontrados bons materiais no TikTok, pois este seria limitado a uma série de “dancinhas” irrelevantes. Para observarmos a intertextualidade indireta, podemos recuperar uma

³¹ O professor Marcos Bagno tem livros publicados sobre o fenômeno das variações linguísticas e defende o respeito aos inúmeros fenômenos sociais aplicados à língua portuguesa falada no Brasil. (MELO, 2001)

³² O TikTok é conhecido por mostrar as pessoas dançando músicas convencionalmente coreografadas e performar por muitos usuários, especialmente celebridades. (EXTRA GLOBO, 2022)

notícia³³ relacionada ao TikTok. Com tantos milhões de usuários conhecedores do aplicativo, podemos depreender a atividade epilinguística do falante de (4C) e (4D), supondo que no seu conhecimento prévio de mundo - assim como o de outros milhões de indivíduos que acessam o TikTok - as representações associadas a essa mídia estão relacionadas a um conteúdo superficial, voltado exclusivamente ao entretenimento e diversão e principalmente sem a proposta de informar, instruir ou mesmo agregar conhecimento. A notícia da qual falamos, estando em um canal de grande circulação, certamente contribui para a construção de tais representações mentais na população. É mediante tal conhecimento compartilhado, inclusive, que a comunicação pretendida pela fala (4C) pode ser adequadamente efetuada, como verificamos não somente pela enunciação em (4D), mas também pela quantidade de reações positivas (“curtidas”) ao comentário (o anexo 04 C deste estudo mostra que há 5.285 sinais de “curtidas” à fala 4C).

Em (4D) especificamente, o autor compreendeu a atividade epilinguística de (4C) e, como vimos, concorda com as representações estabelecidas (“ri e tô pensando o mesmo”). Ele inclusive, de certa forma, representa metalinguisticamente tal atividade ao dizer “se cobrar da minha fatura eu aceito”. Ou seja, entendeu - e concorda - que o conteúdo de Angelo é de alta qualidade e mereceria ser pago. A referência é estabelecida pelo contexto geral e pela marca linguística, a anáfora, “o mesmo” (originalmente: “o msm”), resultante de uma regulação que permitiu a clareza do objeto mencionado.

Segundo Cançado (2018), a anáfora é um dos aspectos das implicaturas conversacionais, trata de uma inferência relacionada ao uso da língua e realiza-se mediante um contexto. Nesse caso, o contexto é a própria posição do enunciado (a resposta ao comentário anterior), que permite aos outros leitores (como nós que realizamos este estudo) compreenderem ou no mínimo formular hipóteses sobre o que o enunciador quis dizer. Como ocorre nas relações anafóricas e representado no exemplo (4C), o autor não fornece todas as informações nos enunciados, o sentido é completado pelos interlocutores.

Em outras palavras, caso o comentário (4D) (“kkkkkk ri e tô pensando o msm...”) não estivesse localizado exatamente na área de respostas ao comentário

³³ A proposta do TikTok é oferecer conteúdo divertido e “facilmente digerível”. (LIMA, 2023)

(4C) (“meu deus quando foi q eu assinei o tiktok premium”), poderíamos depreender que “tô pensando o msm” refere-se diretamente a (4A), o conteúdo de Angelo Gabriel. No caso, o comentarista estaria dizendo que pensa o mesmo sobre a língua falada no Brasil ser muito diferente do português dos nossos colonizadores e deve ser reconhecida como tal. Evidentemente concorda com tal ideia também, mas, no caso, a relação anafórica carrega a implicatura - Grice (apud Cançado, 2018) - de que retoma o comentário de (4C), não (4A), confiando que o leitor fará a inferência adequada.

Em (4E) temos mais um exemplo de usos não literais da língua, por meio da utilização de metáforas. Chierchia (2003, p.261) explica que “metáforas são usos da linguagem nos quais algumas propriedades e relações próprias de um domínio são transferidas a outros domínios, tirando partido de alguma semelhança estrutural entre os dois domínios”. O significado atribuído pelo falante às palavras “ouro” e “palavras” são compartilhados entre os agentes dessa comunicação situados nesse contexto, que entendem que “ouro” refere-se às riquezas do Brasil e “palavras” à língua imposta aos nativos. Os novos significados, entretanto, ainda são construídos nos limites dos mecanismos da cognição, que mobilizam os significados gramaticais da língua para construir sentido. Se o enunciador tivesse dito: “trocamos ovos por flores”, por exemplo, dificilmente teria sido compreendido. Ainda foi necessário buscar palavras cujo significado gramatical (o metal ouro) pudesse dialogar com o atribuído (as riquezas naturais brasileiras).

O comentário dialoga (BAKHTIN, 2000) com o texto de Angelo, emitindo um juízo favorável sobre o argumento apresentado, e propondo uma nova provocação mediante o texto enunciado. Para atribuir força a esse argumento, ele utiliza uma pergunta retórica, que o auxilia a deixar clara sua indignação em relação à situação do Brasil descrita. Como foi visto em Rosenblatt (2004), o envolvimento pessoal do leitor atua diretamente na conta interpretativa. Dessa forma, a leitura do autor de (4C) sobre (4A) é influenciada pelos afetos do sujeito que fez o comentário, mediando assim seu diálogo com o texto de Angelo.

Sobre a retórica empregada, Fiorin (2015, p. 28) explica que ela é uma forma de argumentação que torna absurdas as conclusões a respeito de uma determinada proposição, regulando assim sua alegação. Para descrevermos com mais detalhes o argumento de (4C), tomemos Cançado, que explica que, para aquela implicatura (a

conclusão ilógica) ser efetuada, é necessário ao ouvinte/leitor inferir que o autor está realizando um jogo com a verdade, ou seja, propositalmente está dizendo algo não verdadeiro. Dessa forma, observamos que o autor de (4C) “leu” o post de Angelo Palavra - nível linguístico de representação, segundo Culioli (1995) -, realizou a atividade epilinguística mobilizada pela sua cognição - relacionou as representações de Angelo com seu conhecimento prévio de mundo, formulou juízos etc. - e representou linguisticamente tal opinião por meio do seu comentário, cujo sentido é uma referência à história de colonização do Brasil e regulado primordialmente pela pergunta retórica.

3.3 PONDERAÇÕES

Este capítulo de análise mostrou que, como observado nas questões teóricas desta dissertação, a leitura de textos multimodais digitais ocorre mediante um conhecimento compartilhado em uma comunidade de letramento digital, que dialoga entre si e com uma variedade de textos circulantes na sociedade. Tal grupo não possui necessariamente habilidades únicas de leitura, ainda que o pareça, afinal as associações entre múltiplas semioses - requisito para a interação com esses textos - podem ser tão ricas em detalhes e complexidade que podem erroneamente contribuir para a teoria de um nativismo digital em indivíduos que exercem aquelas práticas sistematicamente e com facilidade.

Pelo contrário: como mostram os dados, é a compreensão global, e não supostas “técnicas de leitura”, que mostra ser mais determinante para o entendimento textual, produzindo, principalmente, relações de intertexto e implicaturas conversacionais. Também foram observadas, nas enunciações analisadas, as atividades epilinguísticas e representações metalinguísticas, assim como ações de referenciação e regulação para a negociação de sentidos entre os interlocutores. Detalharemos essas conclusões no capítulo “Considerações finais” deste estudo.

Cabe pontuar a dificuldade de descrever as categorias de análise isoladamente, sem “invadir” a descrição dos critérios seguintes. Exemplo: como falar das escolhas do plano global do texto de um criador sem já introduzir as relações de intertextualidade presentes em tal contexto? Percebemos que essa dificuldade ocorreu justamente porque as categorias são indestrinçáveis, ou seja, a produção de sentidos, como as implicaturas conversacionais, só pode ocorrer, por exemplo,

mediante operações de regulação que são diretamente determinadas por uma infraestrutura textual.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, obtivemos insumos para compreender como ocorre a leitura realizada sobre textos multimodais/multissemióticos digitais, confirmando a hipótese inicial desta dissertação, de que os processos cognitivos da leitura não mudam. Ou seja, não se encontram subjugados ao avanço de gerações, novas práticas sociais, mudanças tecnológicas ou mesmo práticas sistemáticas de letramento relacionadas a novos suportes e estruturas textuais.

No entanto, nossa hipótese se provou incorreta em um aspecto. Originalmente supomos que o que de fato muda seriam as estratégias empregadas para a leitura adequada de textos multimodais. Tal afirmação não é verdadeira, pois seria o mesmo que dizer que há mudanças cognitivas. Segundo nosso estudo, os procedimentos cognitivos de leitura são universalmente mobilizados, de fato, pela invariável cognição, ou seja, um texto multimodal desencadeia implicaturas conversacionais - descritas com o suporte teórico de Chierchia (2003) e Cançado (2018) - e intertextualidade - Bakhtin (2000) -, da mesma forma que um texto exclusivamente verbal, sem distinções entre as anteriormente ditas “estratégias de leitura”. O que pode ser transformado são as práticas sociais de leitura, estruturação textual (Chartier, 1998) e os usos da língua. Ou seja, há uma diversidade de sistemas representacionais e possibilidades de referenciação, ainda operadas dentro dos limites das regras da língua e operações cognitivas, e determinadas, de fato, por práticas comunicativas convencionadas entre sujeitos de comunidades de diferentes letramentos.

No percurso investigativo que levou a tais conclusões, observando os dados mediante questões teóricas verificadas ao longo de todo o estudo, verificamos serem válidas as propostas trazidas por Street (1984), Rojo e Barbosa (2015) e Cope e Kalantzis (2009) em relação aos multiletramentos e às práticas de leitura e escrita empreendidas nesses ambientes, como a inter-relação entre imagem, texto e contexto. Do mesmo modo, observamos o dialogismo de Bakhtin na negociação de sentidos entre os sujeitos da comunicação nessa construção, apesar de a amostra de comentários não ter mostrado necessariamente uma discussão entre ideias contraditórias, como a polifonia de Bakhtin poderia indicar. No entanto, não é descartada a possibilidade de que um estudo que se propusesse a verificar a

existência ou não de tal aspecto poderia indicar que há de fato diálogo entre ideias conflituosas. Também encontramos nos textos analisados as premissas de Rosenblatt (2004), Bruner (1990) e Goodman (1967) em relação à compreensão global do texto para que o leitor possa lhe atribuir coerência. Esse princípio atravessa diversos gêneros textuais, incluindo as leituras realizadas na rede social TikTok, e só pôde ser verificado sob o apoio do instrumento de análise linguístico-discursivo de Machado e Bronckart.

Além disso, verificamos a confirmação de que “técnicas” ou “estratégias”, como sugerido pelo percurso de Chartier (1998) e Ribeiro e Coscarelli (2014), não são aplicáveis, pois a leitura, realizada mediante uma cognição inalterável, é a mesma independentemente do suporte, ainda que seja necessário haver conhecimento global para que seja realizada adequadamente - e este sim está inserido em determinados contextos, épocas, sociedades, regiões etc. O que provavelmente é identificado no senso comum como estratégias específicas de leitura são articulações que os leitores naturalmente empreendem, como a associação entre signos audiovisuais, imagéticos, verbais, símbolos etc., como descrito por Rojo e Barbosa (2015), Braga (2010) e Ribeiro (2016). Contrariamente à ideia de que uma geração seria inatamente dotada de tais habilidades, como afirmam Prensky (2001), Santaella (2013) e até mesmo Soares (2002), tais “saberes” são desenvolvidos quando situados em um contexto específico, que relaciona o diálogo de diversos textos e requer um entendimento específico sobre o funcionamento das características dos textos multimodais digitais lidos no meio digital, como vimos especialmente em relação à pandemia de Covid-19. Dessa forma, independentemente da sua faixa etária, os sujeitos são capazes de aprender a se relacionarem com textos multimodais digitais e estabelecer as inferências adequadas - como observado nas atividades epilinguísticas depreendidas de representações metalinguísticas, segundo Culioli (1995). Isso ocorre porque possuem as mesmas competências de leitura que os permitem reconhecer sistemas representacionais, identificar novas formas de referência etc., todas atividades que são mobilizadas por uma cognição inerentemente humana, de acordo com Olson (2009), e operantes dentro de funcionamentos já estabelecidos da língua, conforme Chierchia (2003).

Por outro lado, a “fluência” na leitura de textos multimodais, apesar de viabilizar a comunicação em meios digitais, não necessariamente é suficiente para

habilitar os indivíduos a navegarem adequadamente nesses espaços. Isso ocorre porque, como vimos em Dunker (2020), ainda há uma carência dos sujeitos em relação a estarem preparados para entrar em contato com textos que não sejam diretamente do seu interesse ou que não estejam de acordo com suas ideias. Nos casos analisados, por exemplo, percebemos uma sistemática concordância com os valores inferidos nas implicaturas conversacionais. Os leitores observados no post de Maisa apoiam a vacinação e celebraram com a artista. No entanto, segundo as premissas de Dunker, o post foi apresentado para tais indivíduos porque justamente são seguidores de tais conceitos. A rede social dificilmente selecionaria para aqueles sujeitos um post pró-bolsonarismo, por exemplo. Isso faz com que a leitura se torne enviesada, pois os intertextos e signos mobilizados estão de acordo com um determinado ponto de vista, enquanto que o leitor não se expõe - ou é exposto pela plataforma - a princípios que lhes sejam desconfortáveis.

Além disso, apesar de não ter sido explorado no trabalho, a questão das *fake news* também é importante, pois a leitura nos ambientes digitais, ainda que suficiente para que sejam depreendidos sentidos adequadamente, não conta com mecanismos para a identificação de casos enganosos. Cabe a investigação sobre quais são, por exemplo, padrões de marcadores linguísticos e outros signos multissemióticos que identificam aquelas falácias. Exemplo: erros ortográficos em um suposto anúncio publicitário podem ser um indicador de que se trata de uma comunicação falsa, pois os veículos legítimos costumam ser rigorosos em tal controle de qualidade. Também seria interessante verificar como o sistema educacional tem se posicionado em relação a tal desafio social, incluindo o sofrimento digital que observamos, mediante uma clara diretiva da BNCC (BRASIL, 2017) sobre a necessidade de abordar tais problemas em sala de aula. Entende-se também que a comunidade docente pode fazer uso das discussões elaboradas nesta dissertação para provocar novas perguntas acerca do impacto das novas práticas de letramento e suscitar novos estudos.

Enquanto novas perguntas são levantadas, nosso trabalho de pesquisa sobre o texto multimodal e seu impacto em práticas de leitura e escrita continua. Com uma amostra maior de dados e potencialmente empreendendo pesquisas de campo que comparem produções de estudantes diante de interpretações de textos multissemióticos, pretendemos dar continuidade aos estudos. Afinal, como disse

Clarice Lispector: “enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever”.

REFERÊNCIAS

- ADORO CINEMA. **Maisa Silva**. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-697681/biografia/>> Acessado em 20 outubro 2023.
- ALVES, Raoni. **Executiva do TikTok ensina como monetizar na plataforma: veja dicas**. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rio-innovation-week/noticia/2023/10/06/executiva-do-tiktok-explica-sobre-como-monetizar-na-plataforma-veja-dicas.ghtml>>. Acessado em 20 outubro 2023.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. Loyola, 2010.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina. Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARIFOUSE, Rafael. **Vacinas para jovens ou idosos primeiro? Os prós e contras de diferentes estratégias de imunização contra a covid-19**. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55866061>>. Acessado em 20 outubro 2023.
- BELLI, R. Eita Márcia!!!! **Hoje o dia não tá bom hein!** [@belli_rafa]. 3 out. 2023. [Foto]. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cx8kWf2vXbT/>. Acesso em 09 out. 2023.
- BONIN, Gabriela. **Redes sociais viram palco para exaltar a vacinação**. 2021. Disponível em: <<https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/04/redes-sociais-viram-palco-para-exaltar-a-vacinacao.shtml>>. Acessado em 20 outubro 2023.
- BRAGA, Denise Bértoli. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: desvantagens da hipermobilidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.
- BRASIL ESCOLA UOL. **Cuca**: origem e o que diz a lenda. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/folclore/cuca.htm>>. Acessado em 20 outubro 2023.

BRUNER, J. **Acts of meaning**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1990. Disponível em: <https://mf.media.mit.edu/courses/2006/mas845/readings/files/bruner_Acts.pdf>. Acesso em: 03 de abril de 2023.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. Iluminuras e Itaú Cultural, 2015. São Paulo: Iluminuras, 2008

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

CÂNDIDO, Ian. **TikTok**: de rede social mais utilizada no Brasil a um importante canal para as marcas. 2023. Disponível em: <<https://www.mundodomarketing.com.br/tiktok-de-rede-social-mais-utilizada-no-brasil-a-um-importante-canal-para-as-marcas/>>. Acessado em 20 outubro 2023.

CAPUTO, Gabriela. **‘A Pequena Sereia’**: os erros e acertos do novo remake da Disney. 2023. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/em-cartaz/a-pequena-sereia-os-erros-e-acertos-do-novo-remake-da-disney>>. Acessado em 20 outubro 2023.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP; 2003.

COPE, B & KALANTZIS, M (2009) **“Multiliteracies”**: **New Literacies, New Learning, Pedagogies**: An International Journal, 4:3, 164-195, DOI: 10.1080/15544800903076044. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/15544800903076044>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2023.

COSCARELLI, Carla e RIBEIRO, Ana Elisa. (Org.) **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica Editora, 2014.

CULIOLI, Antoine. **Cognition and representation in linguistic theory**. John Benjamins Publishing Company. 1995.

DEMÉRIS, Leonardo. **Quem são os 45 influenciadores brasileiros mais seguidos do TIK TOK em 2021**. 2021. Disponível em: <<https://br.paipee.com/2021/12/15/quem-sao-os-45-influenciadores-brasileiros-mais-seguidos-do-tik-tok-em-2021/>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2023.

DIAS, Cristiani. **Saiba quem são os 10 brasileiros mais seguidos no**

TikTok. 2022. Disponível em: <<https://istoe.com.br/saiba-quem-sao-os-10-brasileiros-mais-seguidos-no-tiktok/>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2023.

DUNKER, Christian. **Paixão da ignorância**: a escuta entre a psicanálise e educação. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

ESTADÃO. **Ana Maria Braga chora com Luísa Sonza e reage à traição**: 'Não abaixamos mais as nossas cabeças'. 2023. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/emails/gente/ana-maria-braga-chora-com-luisa-sonza-e-reage-a-traicao-nprec/>>. Acessado em 20 outubro 2023.

EXTRA GLOBO. **Dancinhas do TikTok**: relembre as trends brasileiras mais famosas de 2022. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/famosos/dancinhas-do-tiktok-relembre-as-trends-brasileiras-mais-famosas-de-2022-rv1-1-25627187.html>>. Acessado em 20 outubro 2023.

FANTÁSTICO. **Larissa Manoela no Fantástico**: veja entrevista completa. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/08/14/larissa-manoela-no-fantastico-veja-entrevista-completa.ghtml>>. Acessado em 20 outubro 2023.

FELIX, Victor Hugo. **O que é TikTok?** 2023. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-tiktok/>>. Acessado em 30 janeiro 2024.

FILIZOLA, Paula. **Chegada de Tecnologia em Sala de Aula Promove Revolução no Aprendizado**. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/chegada-de-tecnologia-em-sala-de-aula-promove-revolucao-no-aprendizado>>. Acesso em 22 fevereiro 2023.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

GABRIEL, Angelo. **Me empolguei na aula de Sociolinguística**. [@angelopalavra]. 25 set. 2023. [Vídeo]. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@angelopalavra/video/7282918648937827589>. Acesso em: 22 set. 2023.

GOODMAN, K. **Reading**: A psycholinguistic guessing game. Journal of the Reading Specialist: Vol. 6, No. 4, pp. 126-135. 1967. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Reading%3A-A-psycholinguistic-guessing-game-Goodman/adbb0092d93eec369ea297107170d9f7f7f96401>>. Acesso em: 03 de abril de 2023.

ISTOÉ. **Bolsonaro sobre vacina da Pfizer**: ‘Se você virar um jacaré, é problema seu’. 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-vice-vice-um-jacare-e-problema-de-voce/>>. Acessado em 20 outubro 2023.

LIMA, Monique. **TikTok é a marca de rede social mais valiosa do mundo em 2023**. 2023. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2023/01/tiktok-e-a-marca-de-rede-social-mais-valiosas-do-mundo-em-2023/>>. Acessado em 20 outubro 2023.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Anna Raquel; BRONCKART, Jean-Paul. Procedimentos de Análise de Textos sobre o trabalho educacional. In: MACHADO, Anna Raquel (Org.). **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: EDUEL, 2004.

MANOELA, Larissa. **A pequena sereia**. [@larissamanoela]. 7 set. 2023. [Vídeo]. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@larissamanoela/video/7276143747472133382>. Acesso em: 22 set. 2023.

MARCHESE, J. **The short shelf life of generation X**. The New York Times, 1995. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1995/06/18/style/the-short-shelf-life-of-generationx.html>>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. 2a Ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p.560-561.

MELO, André Chaves de Melo. **Língua portuguesa ou tupiniquim?** 2001. Disponível em: <https://www.usp.br/agen/bols/1998_2001/rede859.htm>. Acessado em 20 outubro 2023.

NAGAMINI, Eliana. **A literatura no Youtube**: adaptação audiovisual produzida por alunos. Processos educativos na interface Comunicação e Educação / Eliana Nagamini, organizadora. - Ilhéus, BA: Editus, 2016. (Série Comunicação e Educação; v. 2).

NOLLA, Thiago. **Crítica**: ‘Girl on Fire’ é uma celebração da vida e do poder de Alicia Keys. 2021. Disponível em: <<https://cinpop.com.br/critica-girl-on-fire-e-uma->

celebracao-da-vida-e-do-poder-de-alicia-keys-280863/>. Acessado em 20 outubro 2023.

O GLOBO. **Gal Gadot**: muito além da Mulher-Maravilha. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/gal-gadot-muito-alem-da-mulher-maravilha-21397807>>. Acessado em 20 janeiro 2024.

O GLOBO. **Jovens personalidades que começaram a morar sozinhas mostram suas casas**. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/play/noticia/2023/10/22/jovens-personalidades-que-comecaram-a-morar-sozinhas-mostram-suas-casas.ghtml>>. Acessado em 20 outubro 2023.

O GLOBO. **Revelação do término de Luísa Sonza no programa de Ana Maria Braga rende memes com mesa da apresentadora**. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/09/22/revelacao-do-termino-de-luisa-sonza-no-programa-de-ana-maria-braga-rende-memes-com-mesa-da-apresentadora.ghtml>>. Acessado em 20 outubro 2023.

OLSON, David R. **Language and Thought**: aspects of a cognitive theory of semantics. *Psychological Review*, 77(4), 1970, 257–273. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/h0029436>>. Acessado em 20 de outubro de 2023.

OLSON, David R. **Language, Literacy and Mind**: The Literacy Hypothesis. *Psyche*, vol. 18, núm. 1, maio, 2009, pp. 3-9. Pontificia Universidad Católica de Chile. Santiago, Chile.

OLSON, David R. **The world on paper** – the conceptual and cognitive implications of writing and Reading. Cambridge University press, 1994.

PINHEIRO, Lara. **Agosto foi o mês com menor número de mortes por Covid no ano, apontam secretarias de Saúde**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/09/01/agosto-foi-o-mes-com-menor-numero-de-mortes-por-covid-no-ano-apontam-secretarias-de-saude.ghtml>>. Acessado em 20 outubro 2023.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. 2001. Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 31 de abril de 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, Roxane Helena; BARBOSA, Jaqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

ROSENBLATT, L. M. (2004). **The transactional theory of reading and writing**. In R.B. Ruddell & N.J. Unrau (Eds.), *Theoretical models and processes of reading* (5th ed., pp. 1363–1398). Newark, DE: International Reading Association.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, Maisa. **aproveitando enquanto não dói kkkk. vacinem-se primos! toda vacina é boa e elas salvam vidas**. [@maisa]. 14 ago. 2021. [Vídeo]. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@maisa/video/6996323798215576838>. Acesso em: 22 setembro 2023.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 81, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>>. Acesso em: 27 outubro 2023.

SONZA, Luísa. **sou dessas mulheres de se apaixonar**. [@luisasonza]. 14 set. 2023. [Foto]. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@luisasonza/video/7278781629856812293>. Acesso em: 22 setembro 2023.

SOUZA, S. T.; GRECA, M. S. **Mobile Learning: premissas da construção narrativa na produção de conteúdo multimídia em ebooks para crianças na era da convergência digital**. *INDAGATIO DIDACTICA*. , v.9, p.127 - 142, 2017. Disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/id/article/view/517>>. Acesso em: 3 outubro 2023.

STREET, BRIAN. V. **Literacy in Theory and Practice**. New York: Cambridge University Press, 1984.

VAGALUME. **Folhetim**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/folhetim.html>>. Acessado em 20 outubro 2023.

ZAVAGLIA, Adriana. **Pequena introdução à teoria das operações enunciativas**. São Paulo: Humanitas, 2010.

ANEXO 01 A

← Q Procurar

a vacina tá no grau
mami

277.0K

1544

2474

888

↕ Republicar

maisa ✓ · 2021-08-14

aproveitando enquanto não dói kkkk.
vacinem-se primos! toda vacina é
boa e elas salvam vidas. #VIVAOSUS

♥️ 🙏 🌿

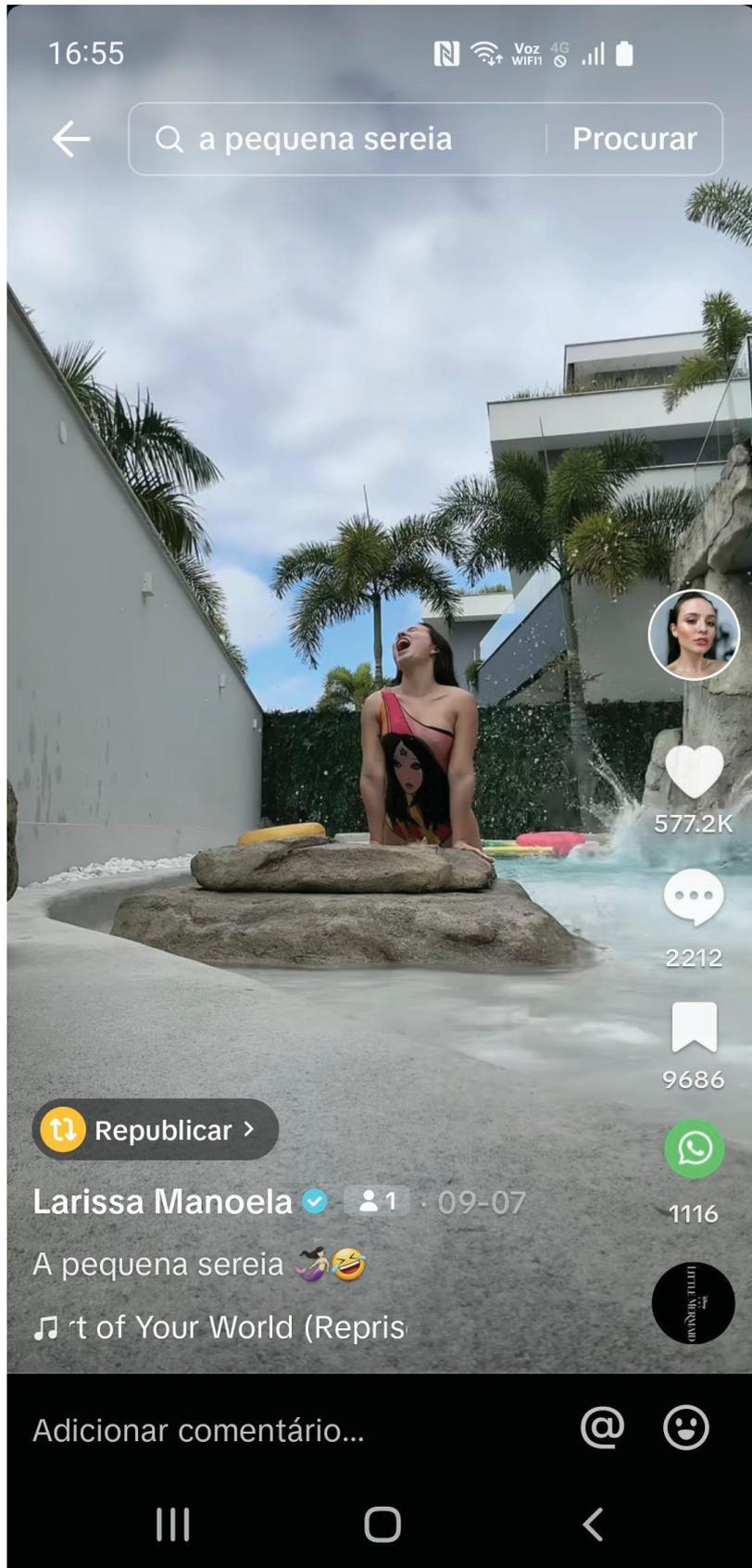
Ocultar

🎵 Girl on Pfizer - Chris M...

ANEXO 01 B



ANEXO 02 A



ANEXO 02 B



ANEXO 02 C

16:55 📶 📶 📶 📶 📶

← Procurar

2212 comentários ✕

Iarinaticobrasil · Seguindo
A própria Ariel 🥰💕👉
09-08 Responder 👍 7 🗨️

Sara
é a antiga casa da Evelyn regly?
09-07 Responder 👍 6358 🗨️

Leticia
sim
09-07 Responder 👍 62 🗨️

Sara Soares Crvg
simmmmm 🥰
09-07 Responder 👍 24 🗨️

... ▶ Sara Soares Crvg
ataaa, na hr fiquei pensando ué essa N é a piscina da casa da Evelyn kkkkkk
09-07 Responder 👍 35 🗨️

Sara Soares Crvg ▶ ...
simmm e ela tinha acabado de mexer né kk
09-07 Responder 👍 7 🗨️

... ▶ Sara Soares Crvg
sskkkkkk
09-07 Responder 👍 2 🗨️

dannah 🇧🇷
yes
09-07 Responder 👍 2 🗨️

— Ver mais 33 Ocultar

☆•Ma•☆
todo mundo: nss a casa antiga da evelyn regly
eu: nss parece a casa do rodrigo faro 😊
09-09 Responder 👍 963 🗨️

— Visualizar 11 respostas

Rieltxs A
vou até seguir pra ajudar no dinheiro
09-08 Responder 👍 2914 🗨️

— Visualizar 59 respostas

Bih
todos: nossa a casa antiga da evelyn regly
eu: nss parece a casa do rodrigo faro 😊
1 sem. Responder 👍 4 🗨️

My Oliver 🇧🇷
O MAIÔ KSSKSKSKSK
09-08 Responder 👍 2907 🗨️

— Visualizar 25 respostas

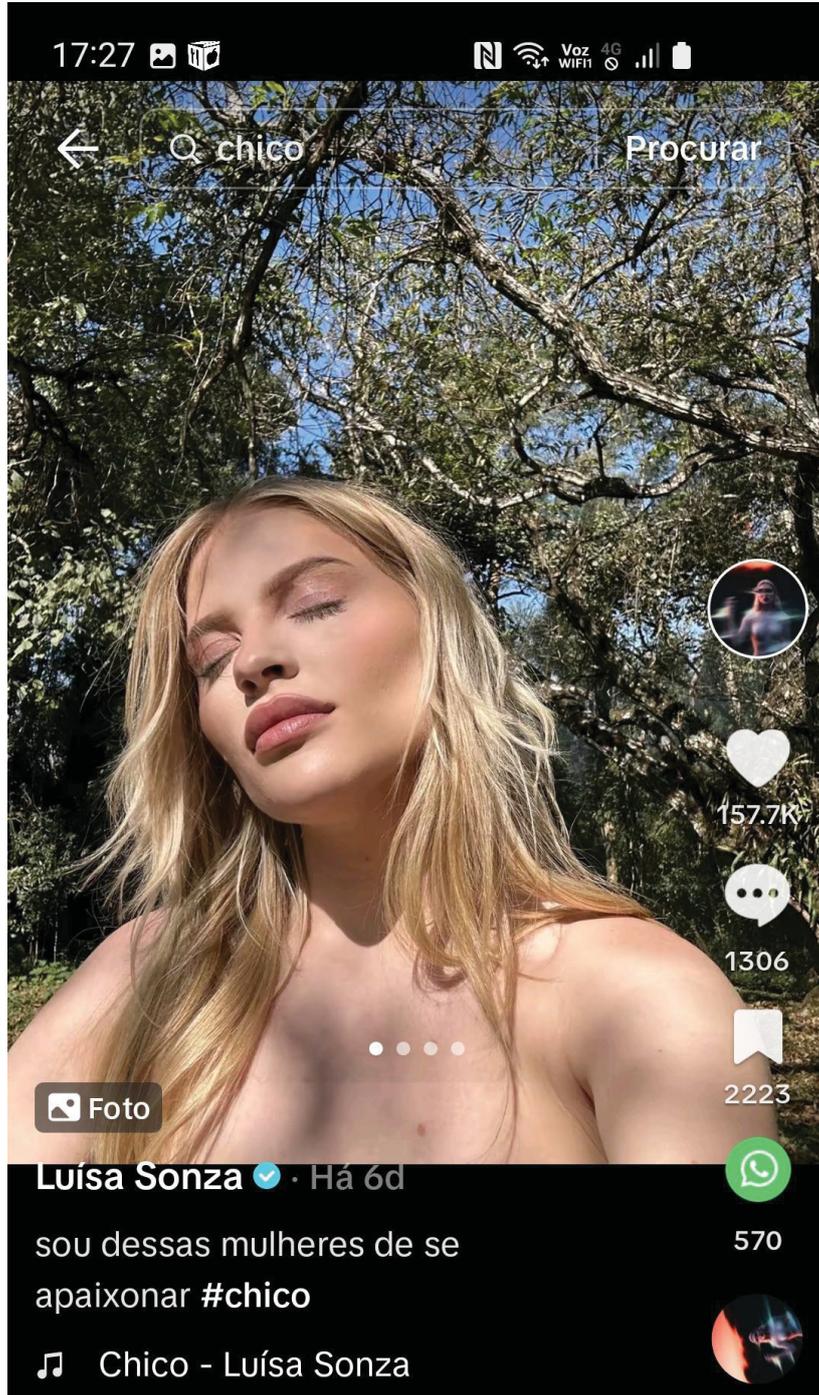
ANEXO 02 D



ANEXO 02 E



ANEXO 03 A



ANEXO 03 B

Letra da música “Folhetim”, de Chico Buarque:

Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim

E, se tiveres renda
Aceito uma prenda
Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim

E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia luz
E te farei, vaidoso, supor
Que és o maior e que me possuis

Mas na manhã seguinte
Não conta até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim

ANEXO 03 C



Procurar: **Chico No Bar**

1306 comentários



Pedro Henrique Flagas
vamos fingir que essa música é para o **Chico Buarque** 🙏😄

22h Responder

👍 3660 🗨️

— Visualizar 23 respostas



Daniella Araújo
procurou **chico moedas** e encontrou chico bento

1d Responder

👍 1112 🗨️

— Visualizar 27 respostas



ana silva
Luísa se tu me quiseres, não vou vacilar igual o Chico não 🙏🙏

22h Responder

👍 653 🗨️

— Visualizar 4 respostas



Adicionar comentário...



ANEXO 03 D



ANEXO 03 E



ANEXO 04 A



ANEXO 04 B

Transcrição da fala do autor do vídeo:

Falar português é uma violência

Por isso que soam tão gostoso palavras como “dengo”, “cafuné”, “xodó”

É porque elas não foram impostas

O português é a língua de Portugal

Nação que colonizou esse espaço

Antes de 1500, o Brasil falava centenas de línguas, todas indígenas

Depois, o Brasil falava mais línguas ainda, indígenas, africanas e europeias

Mas a única que foi imposta é o português

Por isso quando a gente abasileira os sotaques soa melhor

Por isso quando a gente cria palavras soa melhor

Por isso quando a etimologia da palavra não vem do latim soa melhor

É porque foi o Brasil que pariu essa palavra

E o normal é amar os filhos

Língua é identidade

E cada vez que a gente adapta a língua a nós, mais brasileira ela fica e mais

a gente se identifica

Cada vez que eu digo “me diz” ao invés de “diga-me”, sou brasileiro

A cada vez que mato o “vós” e chamo “você”, sou brasileiro

A cada vez que eu falo como eu falo, eu lembro dos meus amigos, da minha

mãe, do meu tio, e sou brasileiro

Eu não falo português

Eu falo brasileiro

E de preferência que eles não me entendam, afinal não entendem mesmo

Nunca criaram nada do nível do samba, do funk, do Carnaval, e também

como fariam com esse sotaque que mata a vogal

Respeite a fala de todos, menos a de quem te colonizou

Eles roubaram o nosso ouro

Mas a língua, nós que roubou

E graças a Deus, porque já não dá pra esconder

Brasileiro soa muito melhor do que português

ANEXO 04 C



ANEXO 04 D



ANEXO 04 E

